

ERVEDOSA

Linguagem popular de Ervedosa do Douro

Na faixa meridional dos xistos durienses, entre os rios Douro e Torto, e cêrca de duas léguas da sua confluência, encontra-se a povoação de Ervedosa do Douro.

Não é ela notável por belezas naturais: o cenário envolvente é feito de colinas escalvadas que a circundam e ocultam de olhares estranhos, salvo do noroeste que lhe fica aberto, à vista grandiosa do Marão e dos seus contrafortes orientais que veem morrer no Douro; e, contemplada a prumo do alto de algumas centenas de metros, talvez esta aldeia nos desse a ilusão duma cidade minúscula, branquejando espaiada pela face interna duma vasta cratera de vulcão extinto, cuja bôca apenas dum lado se estivesse esboroando.

Nem tão pouco é digna de consideração por belezas architectónicas: contemporâneas, não as há; de antigas, se as houve, não restam vestígios observáveis. Em 1925 foi deruido um edificio datado de 1636, talvez o mais vetusto desta povoação: era uma casa pequena, ainda então conhecida por *capela*, sensivelmente quadrada, sem janelas de qualquer espécie, e apenas com uma porta voltada ao oriente, arqueada, de volta inteira, feita de pedaços de granito lisos e ao nível da parede, tendo insculpida na pedra do fecho a data acima apontada.

Entre os casebres de xisto argiloso, pardos, plúmbeos e acastanhados, sobressaem os bicos petulantes dos chalés modernos e algumas casas mais antigas de construção maciça.

Duas destas, ainda brasonadas, foram mansões senhoriais doutros tempos, a mais velha das quais não me parece, porém, anterior ao século XVII. Os bailes, os concertos, as festas que nelas se realizavam são ainda de ontem; e pelos seus salões passaram até solistas do teatro de S. Carlos, quando Ervedosa do Douro, antes da crise vinhateira, era a terra das libras loiras como os bagos de moscatel que lhe engrinaldavam os montes.

Bôs tempos! murmuravam, ainda há pouco, os velhos, ao

evocarem saúdosos os saraus em casa dos fidalgos, a azáfama festiva das vindimas fartas, o trabalho interminável pelos cêrros até os cocurutos, quando o Douro era o Brasil dos Galegos que por aqui estanciavam meses seguidos em grandes ranchadas laboriosas ⁽¹⁾.

Mas, um dia, as nodosas, as veneráveis *cêpas*, fonte da riqueza e da alegria, começaram de morrer e, em breves anos, por todos êsses montes outrora verdejantes, ressequidas e torcicoladas, lembravam esqueletos exumados num cemitério revólto de terra maldita, em que nem para os mortos houvesse descanso e piedade.

E foram-se os Galegos com esperança em tempos melhores, para então voltarem.

Alguns, porém, já não puderam desprender-se dessa terra, onde tinham lançado raízes mais rijas que as das *cêpas* amigas, agora mortas. E ali ficaram, esbracejando rebentos ⁽²⁾ e lutando contra a miséria por fim vencida.

Pois, enquanto muitos dos naturais emigraram, fugindo à fome, outros, mais apegados ao torrão onde nasceram, e talvez mais receosos da aventura longínqua, atiraram-se novamente à terra, logo que, despertos da estupefacção, do desalento que os prostrara, sentiram latejar nos pulsos o mesmo sangue indómito, pertinaz, dominador.

A luta foi rude, inquietante. Mas a perseverança trouxe a vitória.

Baldadamente tentou a filoxera morder a vide americana. A terra voltou a desentranhar-se em cachos negros e côr de oiro, como o oiro preciosos. E outra vez reverdeceram os montes, embora apenas ladeando os vales ou trepando a meio das encostas; outra vez se pôde viver naquela terra do *Port Wine*, ainda que não com a antiga abundância e a antiga alegria que a filoxera dali afugentara.

E agora, sob a ameaça permanente dos falsificadores sem conta que, com habilidosas imitações dêste vinho mundialmente conhecido, tentam arrebatá-lhe os mercados, o viticultor ervedosense olha com receio para o futuro sempre sombrio e inquietador.

Não é, pois, de estranhar o ar tristonho dessa gente em luta perpétua contra a natureza ingrata e contra os imitadores, que, dolosamente, procuram roubar-lhe o seu tesouro.

Nessa aldeia nasci e nela colhi os elementos com que realizei o presente ensaio dialectológico que, originariamente, era

por mim destinado a servir de dissertação, para o meu exame de licenciatura na secção de filologia românica.

Causas várias, cuja exposição não vem para aqui, me levaram a pôr de parte tal projecto. E estes desgraciosos apontamentos iriam *in continenti* parar ao cesto dos papéis velhos, se a voz animadora de alguns amigos me não incitasse a publicá-los, não pelo seu valor scientifico ou literário, mas para perpetuar o registo dalguns fenómenos condenados a uma desapareição completa mais ou menos próxima, devida à acção niveladora da escola.

Aqui ficam, pois, consignadas as observações dialectológicas que pude efectuar, em Agosto e Setembro de 1926, para que os estudiosos da Filologia possam delas aproveitar-se, se elas de algo lhes puderem servir.

Não quero, porém, que se suponha que os fenómenos lingüísticos a que vou referir-me se produzem apenas nesta povoação: sei muito bem que o português popular apresenta, por todo o norte, caracteres comuns. Mas, como de aldeia para aldeia há diferenças características bem nítidas⁽³⁾ e como não tive tempo nem recursos para estudar ao menos a língua falada na região vinhateira duriense, limitei as minhas tentativas de estudo glotológico à pequena povoação onde nasci.

Em resultado do meu desconhecimento de bastos pormenores dialectológicos do português, é possível que alguns dos fenómenos lingüísticos que julgo privativos do falar ervedosense se manifestem também noutras linguagens regionais do nosso país.

Contudo, se outro mérito não tiver este obscuro ensaio, poderá ao menos contribuir, ainda que pobremente, para o estudo minucioso dos dialectos setentrionais de Portugal, estudo que alguém melhor provido de intelligência e cultura há-de vir, de-certo, a realizar um dia.

Se, pelo contrário, fôr nula a sua utilidade filológica, terão ainda assim estas palavras o valor de esboçarem, muito imperfeitamente embora, algumas feições características do falar da minha terra num dos estádios da sua evolução.

*

Para abreviar quanto puder este trabalho, deixarei de parte tôdas as semelhanças existentes entre o português normal e a linguagem popular ervedosense, procurando apenas determinar as diferenças que notar entre estes dois idiomas.

E, posto isto, seguirei as normas estabelecidas nos tratados gramaticais e começarei pela

FONÉTICA

Como precisarei de representar com a possível exactidão a pronúncia de alguns vocábulos ervedosenses, vou indicar quais os sinais diacríticos de que me servirei para êsse fim ⁽⁴⁾.

∩ sotoposto a uma vogal, significa que esta vogal se profere com a sua modalidade surda, átona, o mais ténue possível; ex.: *piadade* (<> *piedade*), *dereito* (<> *direito*), *fieito* (<> *fêto*), *romédio* (<> *remédio*) e *lumioso* (<> *luminoso*), respectivamente como em *bôca*, *secar*, *quási*, (ou inglês *fill*), *lado* e *tunante*.

˜ será empregado para indicar a nasalação de qualquer vogal, principalmente no fim de palavras e antes de outra vogal; ex.: *bobêrũ* (<> *beberam*), *amávãis* (<> *amáveis*).

^ sôbreposto a ˜, designa a vogal sôbre que recai o acento tónico principal.

A prolação do *ch* é sempre explosiva, surda, equivalente a *tx*.

O *c* (= *ç*) é vulgarmente proferido como *s* (= *ss*), e o *z* como *-s-*. Estas sibilantes soam como, na Beira Alta, respectivamente nas palavras *nosso* e *casa*.

Sirvo-me do *e* para representar o som do *e* acentuado (sobretudo tónico) antes de *r* e de *l* e em poucos casos mais. Assemelha-se muito ao *i* do inglês *bird*; ex.: *terra* (<> *terra*), *ela* (<> *ela*).

Parece-me que, com estas indicações, se compreenderá bem o que vou expor neste desataviado estudo.

VOGAIS

Uma das principais diferenças entre o português normal e o falar ervedosense está no modo como êste trata a vogal nasal *ẽ* que naquele se ortografa *em* e *en*. Em regra, quando é tónica, o ervedosense transforma-a em *â* ⁽⁵⁾ (igual ao *a* de *canto*, e, na ênfase, quási como o *u* do inglês *sung*); ex.: *tampo* (<> *tempo*, *antre* (<> *entre* (prep. e verbo). Quando átona

(sobretudo se é inicial), é pronunciada *ĩ* (como o *i* de *inferno* proferido despreocupadamente nas locuções: «Que inferno!», «Parece o inferno» e noutros semelhantes); ex.: *intrar* <> *en-trar*, *pindurar* <> *pendurar*, *quintura* <> *quentura* (calor), *Vintura* <> *Ventura* (nome próprio) ⁽⁶⁾.

No vocabulário que daquela linguagem compilei, apenas encontrei as seguintes excepções a esta regra:

alambrar (v. t.) — Lembrar (Talvez por influência do *l*, como, para *alantejano* e *lançol*, supõe o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos ⁽⁷⁾). O mesmo se dá no galego ⁽⁸⁾. O *a* inicial é prostético).

alantejano (s. m.) — Alentejano (V. o vocábulo precedente).

antremôço (s. m.; pl. -ôços) — Tremôço (Devido a confusão de *tre-* com *entre*, segundo a opinião do Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos ⁽⁹⁾).

atanrar (v. t.) — Afiar, tornar mais delgado o gume dum instrumento cortante (Explica-se a manutenção do *ã* pela consciência que o povo ainda tem da formação desta palavra < *tanro* <> *tenro*. O mesmo se dá com *assantar* < *assanto* <> *assento*, *atromantar* < *tromanto* <> *tormento*, *conveniançado* < *conveniância* <> *conveniência*, *semanteira* < *semante* <> *semente*, *vantaneira* < *vanto* <> *vento*).

lambrança (s. f.) — Lembrança (V. *alambrar*).

lançol (s. m.) — Lençol (V. *alambrar*).

mantrastos (s. m. pl.) — Mentrasto (planta). (Provavelmente, veio doutras regiões, já assim formada, esta palavra, que se encontra até no Alentejo [onomástico de Mértola] e é «aparentada com a miraddesa *maltrasto* e a hespanhola antiga *mastranto*») ⁽¹⁰⁾.

bancêlho (s. m.) — Vencelho (Não sei a que atribuir o *ã*, neste vocábulo e em muitos outros, como *banzer* <> *benzer*, *coland(r)ário* ⁽¹¹⁾ <> *calendário*, *prancípio* <> *princípio*, *prancipal* <> *principal*, *tantar* <> *tentar*) ⁽¹²⁾.

De *ãicho*, *jãntiaga*, *jentar* <> *jantar* e *rãiger*, falarei ao tratar do *ch* e do *j*.

Finalmente, pela analogia, facilmente se explica a existência de *ã* em palavras como *apresentar*, *apresentação*, *representar*, *representação*, nas quais deve, com certeza, ter-se reconhecido semelhança com *presante* <> *presente*; e em *atan-*

silhos, corruptela de *utensilios*, palavra resultante da convivência com pessoas mais ou menos cultas.

Deve também contar-se com a influência das inúmeras palavras em que *ã* corresponde ao português normal *am* e *an*.

Relacionada com este fenómeno, está a transformação do *e* em *â* com uma ténue ressonância nasal (e até do *o* em *stâ-mago* [galego *estâmago*] ⁽¹³⁾ <> *estômago*), quando vai seguido de *m*, *n* ou *nh*; ex.: *alfazâma* <> *alfazema*, *nana* <> *nena* ⁽¹⁴⁾, *fanasco* <> *fenasco* < *feno* (?) e *cardanho* <> *cardenho* (casebre). Esta mudança é de regra no falar ervedosense.

*

Outra característica desta linguagem é a pronúncia do *e* aberto antes de *r*, a qual produz um som intermediário entre o *é* de *pé* e o *â* de *câmara*; ex.: *terra* <> *terra*, *ferramenta* (cfr. gal. *farramenta*) ⁽¹⁵⁾ <> *ferramenta*.

Sabe-se que, no português normal, «*e* átono antes de *r* se muda facilmente em *a*»: cfr. *sargento* < *sergente* (arc.), *terei* (Extremadura) < *terei*, *amaricano* (pop.) < *americano* » ⁽¹⁶⁾.

No galego também «*ante r e, y menos veces o, se hace abierta y llega frecuentemente hasta confundirse con a*» ⁽¹⁷⁾; mas esta mudança não se restringe apenas a *e* e *o* átonos, pois Diego ⁽¹⁸⁾ apresenta os vocábulos *jarra* = *jerra* < SERIA e *chár-umas* = *chór-imas* < FLORE, a par de *númaro* (<> erv. *númaro*), *cómaro* (<> erv. *cómbaro*) e *marmurar* (<> erv. *marmurar*).

Do mesmo modo, na linguagem ervedosense deu-se, nas sílabas tónicas, aquele fenómeno que, no português normal, se limita às sílabas átonas. Suponho que a evolução se realizou do seguinte modo: Do *a* de *númaro* e *cómbaro*, passou-se ao *a* átono de *marmurar* e *ferramenta* e dêste ao *a* tónico de *era* (<> *era* [n. e v.]) e *terra* (<> *terra*).

Teria sido assim?

A transformação do *é* em *a* antes de *l* pode ser devida à acção dêste fonema (cfr. o que ficou dito sôbre o vocábulo *alambrar*) ou à influência das palavras que teem *er*, conhecida como é a tendência para a troca entre vibrante e lateral (ex.: *aluguel* e *aluguer*, *cristel* e *clister*), tendência que também se nota no galego *marmular* ⁽¹⁹⁾ <> *marmurar*.

*

O antes de *m*, *n* e *nh* mantém-se sempre aberto, na linguagem ervedosense ⁽²⁰⁾; ex.: *cómbaro* <> *cômore*, *cómo* (Indic. Pres. de *comer*) <> *cômo*, *cóngra* (gal. *congra*) <> *côngrua*, *sóno* <> *sôno* e *sónho* <> *sônho*. Aquela linguagem não possui, portanto, *ô*, ao contrário do falar pesquereense, como vai indicado na nota 3.

SEMI-VOGAIS

Analogamente ao que, no português normal, sucedeu ao hiato *éa* que se resolveu ditongando-se a vogal tónica com a adjunção da semi-vogal *i*, intercala-se, no ervedosense, esta mesma semi-vogal, no Presente do Indicativo (1.^a sing. e 3.^a pl.) e do Conjuntivo dos verbos *doer* *moer* e *roer*, entre *ô* e *o*, *ô* e *â*, *ô* e *a*, e *ô* e *ã*; ex.: *rôio*, *móiãĩ*, *dóia*, *móiaũ*, *rôiaĩs*.

O mesmo fenómeno se observa, no Conj. Pres. do verbo *dar*, entre *é* e *a*, e *é* e *ã*; ex.: *deia*, *déiaĩs*.

Como no dialecto beirão, também na linguagem que estou estudando se emprega a semi-vogal *i* para desfazer o hiato resultante do encontro de dois *aa*, mas só quando o segundo é tónico ⁽²¹⁾; ex.: *a i arma*, *senhora i Ana*, *a i ambos* ⁽²²⁾. Quando o primeiro é tónico e o segundo átono, êste enfraquece tanto que mal se ouve, mesmo quando se está atento à pronunciação; ex.: *traz cá ã réca*, *leva lá ã gata*, *dá cá ã mão*. Quando ambos são átonos, dá-se a crase; ex.: *tirà saca* <> *tira a saca* ⁽²³⁾.

Antes de *j* e *g* palatal e, às vezes, antes de *ch* desenvolve-se também esta semi-vogal (assimilação); ex.: *haija* <> *haja*, *veijo* <> *veja*, *lóijsa* <> *loja*, *rãiger* ⁽²⁴⁾ <> *ranger*, *ãicho* <> *encho* ⁽²⁵⁾.

A propósito, citarei aqui dois exemplos de criação do hiato *ia*, em *gázia* <> *gaze* e *hástia* <> *haste*, vocábulos que ouvi naquele falar. Provavelmente, para o desdobramento do *e* em *ia* concorreu bastante a terminação *-a* característica do feminino na imensa maioria dos nomes portugueses.

Depois do *g* palatal, a semi-vogal *i* é absorvida nos vocábulos *géstia* ⁽²⁶⁾ <> *giesta* e *jólho* (< * *giólho* <> *geolho* [arc.]) <> *joelho*. Todavia em *géstia* a absorpção pode ter sido feita pela base do ditongo crescente *ié*, como em *quéto* <> *quieto* ⁽²⁷⁾.

*

Em ervedosense, interpõe-se também a semi-vogal *u* entre *ô* e *a* para desfazer o hiato; ex.: *boua* <> *bôa*, *Lisboua* <> *Lisbôa*, *pessoua* <> *pessôa*. E, semelhantemente ao que se dá com o *i*, emprega-se ainda, para evitar o hiato resultante do encontro de *e* com *a*, em frases como estas: *é u a mulher* <> *é a mulher*, *vê u a* <> *vê-a* ⁽²⁸⁾.

No grupo *qu*, a semi-consoante *u* (ou apêndice labial, como alguns lhe vi ou ouvi chamar) sofre, umas vezes, contracção com a vogal seguinte, produzindo *ô* ou *o*; ex.: *còntia* (gal. *contia*) <> *quantia*, *còl(i)dade* (mirandês *calidade* e *culidade*) ⁽²⁹⁾ <> *qualidade*, *còrtilho* <> *quartilho*, *coranta* (gal. *corenta*) <> *quarenta*, *coresma* (gal. *corésma*) <> *quaresma*. Outras vezes sofre elisão; ex.: *cal* (gal. *cal*) <> *qual*, *catro* (gal. *catro*) <> *quatro*, *calquer* (gal. *calquer*) <> *qualquer*, *catroçantos* (gal. *catrocentos*) <> *quatrocentos*.

Este último caso observa-se também no grupo *gu*; ex.: *gardar* (gal. *gardar*) <> *guardar*, *igal* (gal. *igal*) <> *igual*, *igaldade* (gal. *igaldade*) <> *igualdade*, *minga* <> *mingua*, *mingar* <> *minguar* (gal. *mingar*) ⁽³⁰⁾.

Esta evolução deve ter-se dado normalmente, na linguagem ervedosense, pois há no português popular doutras regiões *catro*, *contia*, *corenta* e *coresma*, como no literário já há *caderno* e *catorze* ⁽³¹⁾.

Em duas palavras aparece *u* anaptítico: *óndua* <> *onda*, *ònduar* <> *ondear*. Parece-me que primeiramente se deu este fenómeno no primeiro vocábulo, por assimilação da vogal tónica labial. De *óndua* muito naturalmente se formou *ònduar*, pois não creio que este vocábulo seja derivado de *ondular*, termo erudito que o povo ervedosense desconhece.

DITONGOS

Quando, mais adiante (na Morfologia), tratar da flexão verbal, aparecerão três ditongos átonos, sôbre os quais devo aqui fazer algumas considerações.

São êles: *ãi*, *ãĩ* e *aũ*.

O primeiro aparece sempre seguido de *s* na terminação da 2.^a pessoa do plural de todos os tempos dos vários modos, excepto no Imperativo e no Indicativo Presente e Futuro; se-

guido de ditongo nasal na 3.^a pessoa do plural dos verbos *ter* e *vir*; e num ou noutro vocábulo, como *rãiger*.

A génese e a nasalação dêste ditongo serão estudadas na Morfologia, visto que, no meu entender, a sua formação resultou da influência doutras formas verbais.

O segundo corresponde a *-em*, terminação da 3.^a pessoa do plural e, nos verbos *ter* e *vir*, da 3.^a do singular. É um verdadeiro ditongo nasal e não apenas semi-nasal como o antecedente.

A nasalação da subjuntiva realizou-se, creio eu, por influência do som nasal da base. O mesmo fenómeno se nota no mirandês *õu* e no português normal *ão* ⁽³²⁾.

O terceiro ditongo encontra-se na terminação da 3.^a pessoa do plural dos verbos que, segundo a ortografia oficial do português, se representa por *-am*.

É curiosa a troca de funções que se efectuou entre os dois elementos dêste ditongo; provavelmente, foi êste o caminho seguido: lat. *-an(t)* > *-am* > *-ão* (que sôa *ãu*) > *-ãũ* > *-aũ*. Passou dêste modo *ũ* a desempenhar o papel de base e *a* o de subjuntiva; pois mesmo nos ditongos átonos se reconhece diferença de intensidade na prolação dos seus dois elementos.

A evolução acima exposta já foi mais longe na terminação da 3.^a pessoa do plural do Perfeito e do Mais-que-perfeito do Indicativo, quando a vogal tónica dessa forma verbal é *á*, *a*, *é* ou *ó*; ex.: *dançárũ*, *tivêrũ*, *perdêrũ*, *fôrũ*. O *a*, que já servia de subjuntiva, tornou-se ainda mais ténue e foi absorvido pela base, devido, talvez, a dissimilação (nos três primeiros casos) e a assimilação (no último) causadas pela tónica. Aquele fonema ainda se ouve quando a tónica é *i* (v. g. *partíraũ*), o que me leva a pôr de parte a hipótese de que a terminação *-rũ* ⁽³³⁾ derive directamente da latina *-runt* (<[vẽ]runt).

Como final de nomes, êste ditongo reduziu-se a *o*; ex.: *orfo* (gal. *orfo*) <> *órfão*, *Stêco* (gal. *Estebo*) <> *Estêvão*, no onomástico *Freistêco*, *oirégos* (gal. *ourego*) <> *ourégãos*.

A aversão ao ditongo *ão* final átono manifesta-se nas terminações verbais a que aludo acima, nos nomes agora mesmo citados e até no vocábulo *sóto* (loja, estabelecimento comercial) que, em ervedosense, ao contrário do que se deu no português normal, não sofreu a ditongação do *o*, paralelamente ao galego *sotoo* ⁽³⁴⁾. A etimologia desta palavra vem na já citada obra do Sr. Dr. J. J. Nunes, a p. 122: «subtu-, *soto* (donde *sotão*)» ⁽³⁵⁾.

*

Antes de passar ao estudo das consoantes, ainda apontarei aqui alguns casos de evolução de ditongos:

OU

ougar (v. i.) — Aguar, sentir crescer a água (saliva) na boca, e daí veio a ter o sentido de desejar veementemente qualquer alimento ou bebida que se vê, ou de que se fala, ou em que se pensa (de **augar* [cfr. *inxaugar*] < *auga* < *água*) ⁽³⁶⁾.

Não se confunda este vocábulo com *ougar* (v. t.) que significa «atar molhos de lenha, fachas de palha, *capões* (<> molhos) de vides, etc.». Não sei qual seja o étimo dêste verbo.

O *ou* manteve-se inalterado nestes dois vocábulos, bem como na derivado do primeiro *desougar* (satisfazer o apetite de qualquer alimento que se desejou muito), talvez pelo contacto com a gutural *g*; e o mesmo se deu em *louquinho* (viçoso; < *louco*) pela da influência gutural *c* (= *qu*), se não se deve, antes, atribuir a manutenção do *ou* à influência dissimiladora do *i* tónico. É, a meu ver, este último fenómeno o que se observa no verbo *ouvir*, em cujas formas arrizotónicas se conserva o *ou*, ao passo que, em tôdas as outras, este ditongo muda para *oi* (v. g. *ouvi*, *ouviria*; *oiço*, *ôiçaũ*), excepto no Ind.-Presente, 2.^a pess. sing. e 3.^a pess. sing. e pl. (*ouves*, *ouve*, *ouvãĩ*), o que tanto se pode explicar pela acção da labial *v* (idêntica à que se nota em *poupar* e *roubar*) ⁽³⁷⁾, como pela analogia com as formas arrizotónicas, pois, em *coive* <> *couve*, o *v* não impediu a transformação do *ou* em *oi*.

Como regra geral, o ditongo *ou* do português normal transmuda-se em *ói* no ervedosense: *doitor* <> *doutor*, *oirina* <> *ourina* ⁽³⁸⁾, *oitro* <> *outro*, etc. ⁽³⁹⁾.

Em *lôreiro* (loureiro, louro), a redução do ditongo a *o* aberto parece-me resultante de se empregar sempre o nome da árvore para designar as folhas, de modo que o povo, desconhecendo o nome *louro* com esta acepção, não o transformou em *loiro* (como fêz ao adjectivo) e depois *loureiro* em *loireiro*, como era de esperar (cfr. *toiro*, *toireiro*). Mas, mantendo-se o *ou* sempre átono, sem confronto com palavra aparentada onde *ou* aparecesse tónico, perdeu-se a noção de di-

< *ougar* >
< *ougar* >
for *ougar* >

V. ?

tongo e simplificou-se em vogal fechada (ô) que depois se abriu (ò).

OI

Com êste ditongo dá-se um caso curioso — é a sua tritongação nos seguintes vocábulos:

lavoeira (s. f.) — Cultura de cereais (< *lavoira*).

pançoeirada (s. f.) — Queda; pancada (< *panç(a) + oirada* < > *pançada*, queda de bruços).

stampoeirar (v. t.) — Deteriorar; gastar (< *(e)s + tamp(o) + oirar* < > *destampar*, tirar os tampos, arrombar, estragar).

Suponho que o ditongo foi intercalado, nestes dois últimos vocábulos, entre as terminações *-ada*, *-ar* e os substantivos *pança*, *tampo*, com o fim de tornar mais enérgica a expressão das ideias que estas palavras representam. O *-r-* seria apenas um infixos para melhor estabelecer a ligação entre as partes das novas palavras.

EI

A redução dêste ditongo a *e* observa-se na locução interjectiva *e-lho!*

É esta empregada, repetida várias vezes, pelo rapazio quando, pelo Carnaval, reconhece na rua algum indivíduo mascarado; os rapazes perseguem-no então, apontando-o e gritando de longe *e-lho! e-lho! e-lho!* prolongando bastante o fonema *e*.

A meu ver, o étimo está em *ei-lo* (< *eis-lo*), locução adverbial designativa que sofreu as seguintes modificações: por influência do ditongo, ter-se-ia desenvolvido a semi-vogal *i* após o *l* (apresento esta hipótese, porque me custa a crer que se desse a metátese *é-lho* inversa da que é própria do português normal e do falar ervedosense; ex.: *boticaíro*, *rosairo*, *vigairo* ⁽⁴⁰⁾; de **ei-lho* facilmente resultaria *e-lho*, pelas formas intermediárias: **êi-lho* (palatização do *l*; cfr. gal. *heillo*) ⁽⁴¹⁾ > **é-lho* (absorção do *i* pelo fonema *lh*) > *e-lho*. A passagem de *e* a *e* deve ter sido causada por atracção do *lh*, pois observei grande oscilação na pronúncia do *e* aberto antes de *lh*; ex.: *vélho* e *valho*, *quélho* e *quelho*, *quélha* e *quelha* (gal. *quella*) ⁽⁴²⁾.

Se, além disto, não contribuiu também para esta modificação o prolongamento e a intensidade da prolação do *é*, como sucedeu com o *o* de *olha* que se muda em *u*, quando o proferem enèrgicamente: *ulha! ulha!*

Análoga redução se deu no ditongo átono *ei* do vocábulo *feticeira* < *feiticeira*, talvez por dissimilação.

CONSOANTES

B e V

Encontrei no ervedosense alguns vocábulos, nos quais êste fonema corresponde a *v* no português normal. Ei-los:

baige (s. f.) — Vagem (Da apócope do *m* falarei mais adiante. Sobre o desenvolvimento do *i*, ver o parágrafo relativo às semi-vogais).

bancêlho (s. m.) — Vencelho (A êste vocábulo já me referi, ao tratar do *ã*).

barrer (v. t.) — Varrer (Cfr. castelhano *barrer*) ⁽⁴³⁾.

bassoira (s. f.) — Vassoira (Cfr. galego *basoira*) ⁽⁴⁴⁾.

belador (s. m.) — Velador, móvel antigo onde se colocava a candeia ou a lamparina, de noite.

berrão (s. m.) — Porco destinado a procriar (Cfr. *varrão*) ⁽⁴⁵⁾.

berter (v. t.) — Verter.

bisabô (s. m.) — Bisavô (Devido a influência do *b* inicial ⁽⁴⁶⁾. Feminino *bisabó*).

boar (v. i.) — Voar.

brilhas (s. f. pl.) — Virilha (Cfr. gal. *brillas*) ⁽⁴⁷⁾.

bromelho (adj.) — Vermelho (< *bremelho*, por assimilação, forma que também se emprega no ervedosense, metátese de * *bermelho* < *vermelho*) ⁽⁴⁸⁾.

Em *baranho* < > *maranha* (port. normal), houve mudança dentro da mesma classe de consoantes (*labiais m e b*), porventura por semelhança de sentido com *baralhar* e por aproximação dos três fonemas iniciais *bar-* e um pouco também do sentido com os das palavras *baralho*, *barulho*, *barulheira*.

*

Em quinze palavras — *aldrave* <> *aldraba*, *aldravão*, *aldravar*, *aldravice*, *Alvano* <> *Albano*, *Anicle* <> *Anibal*, *incavar* <> *encabar*, *movilha* ⁽⁴⁹⁾, *movilhar*, *proce* <> *po-bre*, *savão*, *travallar*, *travallho*, *vacalhau* e *vêrça* ⁽⁵⁰⁾ <> *bêrça* — houve troca de *b* por *v*, as quais, juntas às onze mencionadas quando me referi à permuta inversa, não bastam para que Ervedosa seja localizada na « região do vom binho » ⁽⁵¹⁾, pois nos restantes vocábulos não há flutuação na pronúncia destes fonemas.

O vocábulo *abixeiro* <> *avesseiro* deve ter vindo directamente do latim **adversarius*, segundo a opinião do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos ⁽⁵²⁾. Fica, portanto, fora da lista.

Aparece *b* epentético em *cómbaro* <> *cômore* palavra que talvez se explique pela galega *cómaro* (*ó* = *ô*) donde teria vindo *cómaro* ⁽⁵³⁾ e depois *cómbaro*; ou então por *combro* ⁽⁵⁴⁾ > *cómbaro*, com *u* anaptictico devido à influência do galego *cómaro* ou em virtude da tendência para o emprêgo da anaptixe ⁽⁵⁵⁾, em parte explicado pela lentidão do falar ervedosense.

Absorção do *b* dá-se em *tamãĩ* <> *também*, fenómeno que também se observa no galego *tamén* ⁽⁵⁶⁾, no mirandês *tamiẽ* e na forma *tamién* usada em alguns dialectos espanhóis ⁽⁵⁷⁾.

CH, X, G = J e J

Já a propósito da semi-vogal *i*, aponte alguns casos em que esta semi-vogal se desenvolve devido à presença daqueles fonemas palatais.

Dou aqui a lista das palavras que encontrei no meu vocabulário, nas quais se verifica este fenómeno:

ãicho (adj.) — Ancho, envaidecido (Cfr. gal. *ancho*) ⁽⁵⁸⁾.

ãicho, -es, -e, etc. (Formas rizotónicas do verbo *incher*).

ãijo (s. m.) — Anjo (Neste vocábulo, também pertencente ao português literário, o *i* é originário, segundo a opinião do Sr. Dr. Leite de Vasconcelos ⁽⁵⁹⁾).

arrãljo (s. m.) — Conjunto de haveres, sobretudo bens rurais, que permitem a alguém viver modestamente; ex.: «Êl inda tãl o seu arrãljo».

cõicho (adj.) — Muito envaidecido (Aparece também como adjectivo na locução *sapo cõicho*, comum ao galego ⁽⁶⁰⁾, para designar o *cágado*. O étimo é, portanto, *concha*).

desmãicho (s. m.) — Abôrto.

ferrãicho (s. m.) — Palavra ouvida na frase «Siga o ferrãicho!» <> «Siga o rancho!» Julgo, por isso, que ferrãicho é uma amplificação de *rãicho* <> *rancho*, talvez por cruzamento com *ferracho* <> instrumento ou pedaço de ferro ferrugento, inútil. Será?

frũicho (s. m.) — Pequena borbulha na pele (< *furúnculo*; cfr. gal. *f(u)runcho*) ⁽⁶¹⁾.

gãicho (s. m.) — Gancho.

rãichada (s. f.) — Rancho, grupo de trabalhadores rurais, sem distinção de sexos.

scãicha (s. f.) — Acção de afastar muito as pernas, como para atravessar uma vala (< *scãichar* <> *escanchar*).

A mesma assimilação se verifica nos vocábulos derivados dêstes ou seus afins; pelo que pode estabelecer-se a seguinte regra: — «Quando as vogais nasais *ã*, *õ*, *ũ* precedem imediatamente as consoantes ântero-palatais fricativas ⁽⁶²⁾, estas originam o aparecimento da semi-vogal palatal *i* que serve de fonema de ligação entre aquelas duas espécies de fonemas.»

Idêntico fenómeno se observa após as vogais orais tónicas quando estas precedem *g=j* e *j*; ex.: *caije* (*caijo* e *acaijo*) ⁽⁶³⁾, *seija*, *fóijes*, *fuijo*, e nas terminações *-aige* <> *-agem* e *-uige* <> *-ugem*; ex.: *linguaige* ⁽⁶⁴⁾ <> *linguagem*, *felui-ge* ⁽⁶⁵⁾ <> *felugem* (metátese de *fuligem*) ⁽⁶⁶⁾.

*

Já no começo dêste capítulo afirmei que, em ervedosense, a pronúncia do *ch* é sempre explosiva. É claro que a linguagem que estudo aqui é apenas a do povo analfabeto, pois as pessoas que já alguma vez passaram pela escola teem a pronúncia um pouco modificada, em virtude da acção educativa dos professores. Contudo, mesmo entre estas, não é raro ouvir-se a pronúncia do *ch* em *chá* e *chão* com intensidade equivalente à do mesmo fonema no inglês *child*.

Não quer isto dizer que os ervedosenses sejam incapazes de, sem grande esforço, proferir o fonema sonoro correspondente àquele; ao contrário do que se deu com as sibilantes linguo-dentais, que se confundiram, o *x* em ervedosense mantém a sua pronunciação muito distinta do *ch*; bastas vezes ouvi proferir *inxada* <> *enxada* de modo absolutamente inconfundível com *inchada* (em frases como esta: «Tens a cara inchada»). Da mesma forma pronunciavam *inxaugar* <> *enxaguar*, *inxuto* <> *enxuto*, *inxábido* <> *enxabido*, *caixa*, *caixão*, etc. Só encontrei uma excepção: *chicra* <> *xicara*, talvez devido à influência de *Chica* <> *Francisca*.

*

Devo referir-me aqui a dois vocábulos a que já aludi, ao tratar da vogal nasal *ã*: *jantiaga* <> *gentiaga* e *jentar* <> *jantar*.

No primeiro esperar-se-ia *jantiaga*, pela consciência da derivação de *jante* <> *gente*; houve, porém, abrandamento de *ã* em *e*, talvez por se tornar átona aquela vogal e devido à influência do fonema *j* precedente. Digo *talvez* porque neste caso, como em muitos outros, os meus conhecimentos de glotologia são nìmiamente escassos para que eu tenha a veleidade de me convencer de que as suposições que apresento teem base scientifica indiscutível.

Em *jentar* <> *jantar*, se a passagem de *ã* a *e* não puder explicar-se pela acção do *j* inicial, há o recurso da atribuição à influência do português popular doutras regiões⁽⁶⁷⁾, nas quais também se diz *jentar*. No galego⁽⁶⁸⁾ existe, igualmente, esta forma.

Há ainda dois vocábulos em que me parece ter o *j* influído na modificação sofrida pela vogal que o segue; são êles:

jinéla < **jenéla* < *janéla*; e
jinêlo < **jenêlo* < *janêlo*.

Ambos atravessaram as mesmas fases: primeiro, dissimilação de *a-é* e *a-ê*, a qual produziu *e-é* e *e-ê*; depois, atracção do fonema *e* pelo *j* que o palatizou tornando-o *i* ⁽⁶⁹⁾.

Ç, SS, -S- e Z

Em dada época da sua evolução, esta linguagem, patenteando predilecção pela pronúncia dos ss e do -s- intervocálico beirões, aproximou tanto dela a prolação do ç e do z, que esta última foi absorvida, desaparecendo da bôca dos ervedosenses (incultos, bem entendido) a faculdade de emissão destes fonemas. Desta absorpção fonetica, resultou proferir-se *fijér* <> *fizer* exactamente como *quijér* <> *quiser* e *pujér* <> *puser*.

A passagem do z a -s- ficou indicada; a de -s- a j é fácil de compreender pela continuação da palatização que naquela primeira passagem começara. Fonemas vizinhos facilmente se confundem. E assim se explicam aquelas transformações, bem como as que sofreram vocábulos como *rejestir* e *curjidade*.

O primeiro, em virtude da dissimilação e-i, passou pela forma intermediária *resestir* ⁽⁷⁰⁾ que ainda hoje, a par daquela, vive na bôca das pessoas semi-cultas influenciada pela escola e pelos jornais. Estas mesmas pessoas também pronunciam *curzidade*, forma encurtada (resultante de síncope) de *curiosidade*, a qual pela palatização do z deu o vocábulo popular *curjidade*, donde o povo depois derivou normalmente *curjidoso* <> *curioso*.

Paralelamente, os ss passaram a x; ex.: *dixér* <> *disser*, *troixér* <> *trouxer* (x = ss), *inxinar* <> *ensinar*.

De modo que, resumindo, a evolução das sibilantes, em ervedosense, foi:

$$\begin{matrix} \text{ss} \\ \text{ç} \end{matrix} > \text{ss} > \text{x}, \quad \begin{matrix} \text{-s-} \\ \text{z} \end{matrix} > \text{-s-} > \text{j}.$$

É claro que nem sempre se completou esta evolução; razão por que, naquele falar, se encontram ss a par de x e -s- a par de j.

E já agora creio que ela não prosseguirá, porque a acção escolar e o aumento de meios de comunicação com o resto do país irão apagando, a pouco e pouco, estas características dialectais ⁽⁷¹⁾.

*

Ainda aqui vou mencionar dois casos de palatização da nasal *n* seguida da semi-vogal *i*, casos de evolução paralela à do mirandês e do português popular doutras localidades ⁽⁷³⁾:

Antónho <> *António* (mir. e port. pop. *Antonho*); e
demónho <> *demónio* (mir. e port. pop. *demonho*).

*

Da palatização do *l* por influência do *i* seguinte, já apontei dois casos, quando tratei das labiais *b* e *v*: *movilha* <> *mobília* e *movilhar* (< *movilha*) <> *mobilar*. Convém juntar-lhes *atansilhos* <> *utensílios*, vocábulo a que me referi, ao tratar do *ã*.

*

E, para terminar estas ligeiras observações sobre as principais diferenças que, no consonantismo, se notam entre o ervedosense e o português normal, apresentarei dois vocábulos em que aparece a gutural *g* em condições excepcionais:

gómito <> *vómito* (e o seu derivado *gomitar* ⁽⁷³⁾ <> *vomit*
lar); e
gorrêta.

A mudança do *v*- em *g*- no primeiro vocábulo, embora pareça devida ao mesmo processo fonético que outrora transformou *verra*, *visa*, *vardar* e *Vimaranis* em *guerra*, *guisa*, *guardar* (erv. e gal. *gardar*) e *Guimarães* ⁽⁷⁴⁾, é provavelmente resultante de comparação efectuada com o som emitido involuntariamente no acto de vomitar (processo onomatopaico).

O segundo vocábulo, *gorrêta*, emprega-se para designar qualquer caminho sem curvas, muito declivoso e apertado entre muros ou montes.

Comparando esta palavra com *Orrêta* (cfr. mir. *ôurreta* ou *ôurrieta*) ⁽⁷⁵⁾, tanto a sua pronunciação, como a ideia que expressa «valle profundo entre montes, e com mui estreita margem, que apenas admite poucas fiadas de oliveiras ou outras árvores» ⁽⁷⁶⁾, surpreende-nos a analogia de significa-

ção existente entre elas aumentada pela paridade das terminações.

De que modo, porém, se teria desenvolvido o *g* inicial? Por influência da vogal labial $\underset{\circ}{o} < > \underset{u}{u}$?

Alguns exemplos de alterações fonéticas idênticas às que ocorrem no português normal

Para não alongar desnecessariamente esta lista, omitirei a maior parte dos vocábulos a que já fizesse referência nas páginas precedentes.

ASSIMILAÇÃO

alfonête (s. m.) — Alfinête (A forma intermediária foi *alfenête*, vocábulo que também se usa em Ervedosa. O ensurdecimento do *i* nesta forma seria também devido à vizinhança da labial, como a passagem de *e* para *o*?)

bóber (v. i. e t.) — Beber (Por atracção do *b* inicial. Forma comum ao galego) ⁽⁷⁷⁾.

borborêta (s. f.) — Borboleta (Por influência do *r* antecedente. Da forma *barborêta* tratarei no parágrafo dedicado à *dis-similação*).

condanar (v. t.) — Condenar (Sôbre a acção do *n* na vogal precedente, veja-se o que fica dito acêrca da vogal nasal *ã*. No galego também se encontra êste vocábulo) ⁽⁷⁸⁾.

formanto (s. m.) Fermento (Assimilação do *e* pela labial inicial; cfr. *alfonête*. No galego existe *formento* ⁽⁷⁹⁾, bem como *formentar* ⁽⁸⁰⁾ < > erv. *formantar*).

gravata (s. f.) — Gravata (Forma devida à influência do *v* sobre o *a* antecedente; cfr. *lvar*).

imbigo (s. m.) — Umbigo (Através da forma *embigo* que perdura no galego ⁽⁸¹⁾. Da transformação do *ẽ* átono em *ĩ*, já falei atrás. A não ser que o étimo seja o latim vulgar *imbilicus* ⁽⁸²⁾. «Forme sporadique», lhe chama o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos) ⁽⁸³⁾.

inguanto (s. m.) — Ungüento (Em documentos galegos ainda aparece a forma *engüento*, pela qual se passou para a actual forma comum ao galego e ao ervedosense) ⁽⁸⁴⁾.

- levar** (v. t.) — Levar (Assimilação regressiva do *v* sobre o *e*. O mesmo aconteceu no galego ⁽⁸⁵⁾). Este verbo também é usado intransitivamente com o sentido de «apanhar pancadas», «ser sovado»).
- piadade** (s. f.) — Piedade (Por atracção do *a* tónico. Esta forma também existe no português popular doutras regiões ⁽⁸⁶⁾ e no galego) ⁽⁸⁷⁾.
- premeter** (v. t.) — Prometer (Assimilação regressiva do *e* sobre o *o*).
- primeiro** (numeral ordinal) — Primeiro (Por influência da labial *m*, talvez auxiliada também pela inicial *p*. Esta forma é comum ao mirandês) ⁽⁸⁸⁾.
- queculo** (s. m.) — Cogulo (Talvez por analogia com o vocábulo *quecote*, do qual mais adiante falarei, deu-se a assimilação progressiva *c-c* de *c-g*, por intermédio da forma dissimilada *quegulo*. Daquela deriva o verbo *aquecular* < < *acogular*).
- romandar** (v. t.) — Remendar (Por influência da consoante labial *m*, a vogal gutural *e*, transmudou-se na labial *o*. Cfr. galego *romendar* ⁽⁸⁹⁾. O mesmo fenómeno se deu em *romando* (s. m.) — *remendo*).
- romédio** (s. m.) — Remédio (Tem explicação igual à que dei para o vocábulo precedente. Em galego também existe esta forma ⁽⁹⁰⁾. Do verbo *romedear*, comum ao galego ⁽⁹¹⁾, o ervedosense formou o substantivo *romedeio* que tem a significação de *remédio* no sentido figurado, de auxílio; ex.: «Aquele hêrdo ⁽⁹²⁾ é um leve romedeio» < > «Aquele herança é apenas uma pequena ajuda»).
- rôr** (s. m.) — Grande quantidade (De *ról*, por assimilação ao *r* inicial, tendo-se mudado o *o* aberto em fechado, talvez por analogia com as palavras terminadas em *ôr*).
- somana** (s. f.) — Semana (Cfr. *romandar*. Esta forma também se encontra no galego e no português popular doutras regiões) ⁽⁹³⁾.
- soparar** (v. t.) — Separar (V. as observações feitas ao vocábulo antecedente).
- strumo** (s. m.) — Estrume (Assimilação progressiva *u-o*. Sobre a aférese do *e*, ver o parágrafo em que trato dêste fenómeno).
- tanazas** (s. f. pl.) — Tenaz (A mudança do *e* protónico em *ã* foi devida à influência do *n* vizinho, fenómeno a que já

aludi. A terminação *as* formou-se por analogia, com a de *tisoiras* <> *tesoira*, pois aquela palavra, como esta, pertence à categoria dos *pluralia tantum* populares. Em ervedosense também se diz *truquêsas* <> *turquês*. «São uma espécie de dual», diz o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos ⁽⁹⁴⁾, «por corresponderem a objectos constituídos por duas partes simétricas». Em galego também se encontra *tanazas* ⁽⁹⁵⁾.

zenir (v. i.) — Zunir (O *e* substituiu o *u* por a atracção do *z*, fonema que é mais vizinho do *e* e, portanto, mais fácil de proferir).

DISSIMILAÇÃO

Àgusto (s. p. m.) — Augusto (Houve síncope da subjuntiva no ditongo *au* por influência do *u* tónico, resultando de *au-u*, por dissimilação *à-u*. A mesma forma existe no mirandês e nos falares doutras regiões de Portugal) ⁽⁹⁶⁾.

amerôso (adj.) — Macio (De *amoroso*, por dissimilação *e-o* de *o-ô*. A mudança de sentido é de fácil compreensão).

arrigar (v. t.) — Arrancar (Embora, à primeira vista, pareça ter esta forma resultado, por dissimilação, das formas populares *arrencar* e *arrincar* ⁽⁹⁷⁾, o seu verdadeiro étimo é, segundo o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, o lat. *eradicare*).

arromedar (v. t.) — Arremedar (A-pesar-de o resultado aparente ser o da dissimilação *o-e* de *e-e* — e por isso menciono aqui este vocábulo —, parece-me, contudo, que o fenómeno que nele se operou foi o da assimilação do primeiro *e* pelo *m* vizinho tornando-o *o*, como em *romandar*, *romédio*, etc. Em galego aparece a forma *romedar*) ⁽⁹⁸⁾.

Bárbora (s. p. f.) — Bárbara (Neste vocábulo também devem ter concorrido, para a sua actual forma em ervedosense, a dissimilação *á-o* de *á-a* com a assimilação d'este *a* pelo *b* contiguo tornando-se na vogal labial *o*. É, no meu entender, outro caso de dissimilação aparente e assimilação real).

barborêta (s. f.) — Borboleta (Da forma *borborêta*, já mencionada no parágrafo consagrado à assimilação, resultou aquela pela dissimilação *o-o* de *o-o*. O Sr. Dr. J. Leite de

Vasconcelos ⁽⁹⁹⁾ apresenta a forma *barboleta*, como tendo resultado da intermediária **berboleta* por influência do *r*. Em Ervedosa apenas ouvi as duas formas apontadas — *borborêta* e *berborêta* —, o que, porém, de modo algum invalida aquela explicação; pelo contrário é muito natural que entre estas duas formas tenha havido uma outra intermediária **berborêta*. Sobre a passagem do *e* antes de *r* a *a*, ver o parágrafo dedicado a este fonema e confrontar, adiante, *marmurar*).

cambóio (s. m.) — Combóio (Dissimilação *ã-ói* de *ô-ói*. Por influência dos vocábulos que começam por *camb-* — *cambar*, *cambalear*, etc. —, sobretudo de *cambgar* ou de *acamboar* — cfr. *comboiar* — que significa, em Ervedosa, «puxar a um carro com mais duma junta de bois, para subir ladeira íngreme?»)

castinheiro (s. m.) — Castanheiro (Aparentemente, também se manifesta aqui uma dissimilação: *â-i*; creio, porém, que juntamente com a aversão natural pela repetição de sons iguais ou semelhantes ⁽¹⁰⁰⁾, se deu a atracção do fonema palatal *nh* assimilando a vogal vizinha anterior, do que resultou a transformação desta na palatal *i* ⁽¹⁰¹⁾. Em *castanha* esta assimilação não se realizou, por ser tónica a vogal a que me refiro. Em galego também há a forma *castiñeiro*) ⁽¹⁰²⁾.

chicolate (s. m.) — Chocolate (Garcia de Diego ⁽¹⁰³⁾ explica esta forma, comum ao galego, pela atracção do fonema *ch*, pois, diz ele: «la palatal prefiere *i* para sílaba inicial sea qualquiera la vocal originaria». E assim confirma o que eu disse a propósito de *jinela* e *jinêlo*. Tenha, embora, sido esta forma devida a uma assimilação, o facto que à primeira vista se observa é o da dissimilação *i-o* de *o-o*. Por isso a incluo neste parágrafo).

colandário (s. m.) — Calendário (Este vocábulo é de formação recente e resultante do convívio com pessoas cultas ou semi-cultas. Doutro modo, ter-se-ia dado a metátese *-airo* de *-ário*, ou apresentaria mesmo *-eiro*, se tivesse sido criado nos primeiros tempos da língua. A dissimilação *o-a* não aparece no galego que deu a este vocábulo a forma epenética *calandrario* ⁽¹⁰⁴⁾. Também ouvi, em ervedosense, *colandrário*, mas apenas uma vez, pois a pronúncia geral é *colandário*. A passagem de *ē* a *ā* já foi explicada ao tratar desta vogal nasal).

fantesia (s. f.) — Fantasia (Forma comum ao português popular, ao mirandês ⁽¹⁰⁵⁾ e ao galego. Parece-me, todavia, que, neste último idioma, tem o *e* aberto, o qual Diego ⁽¹⁰⁶⁾ atribui à influência da tónica *i*. Em ervedosense o *e* sôa surdo, o que me leva a crer que esta forma resultou da dissimilação de *ã-a* em *ã-e*).

Fedrico (s. p. m.) — Frederico (Como a tôdas as palavras de importação ou formação erudita, o povo infligiu inconscientemente a êste vocábulo as alterações indispensáveis para poder facilmente servir-se dêle. Assim, primeiramente, efectuou a síncope do *r* da primeira sílaba, do que resultou uma forma idêntica à que se usa na Espanha: *Federico* — dissimilação total ⁽¹⁰⁷⁾ — . Depois, o povo prosseguiu na sua inconsciente tarefa de dissimilação e suprimiu o *e* que separava o *d* do *r*. Ficou dêste modo a forma *Fedrico* que se encontra também no português popular doutras regiões).

fertuna (s. f.) — Fortuna (Neste vocábulo e no seguinte, a repulsão à semelhança de sons vizinhos foi mais poderosa que a atracção exercida pela consoante inicial. Do que resultou a dissimilação *e-ú* de *o-ú*. A mesma forma existe no mirandês ⁽¹⁰⁸⁾ e no galego ⁽¹⁰⁹⁾).

feturo (s. m.) — Futuro (V. observação precedente e Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 219, e «Dialectologie», p. 103. Desta forma derivou o verbo *feturar* que, em Ervedosa, se emprega com o sentido de *supor*).

friolanto (adj.) — Friorento (Dissimilação de *r-r* em *r-l*. A troca entre vibrante e lateral dá-se, às vezes, por analogia e confusão; um exemplo disto está no vocábulo *sonoranto* <> *sonolento* que não pode explicar-se por dissimilação, mas talvez por confusão dos sufixos *-lanto* e *-ranto*. Era êste último o de **frioranto*, forma que precedeu *friolanto*. O *ã* por *ẽ* já ficou explicado).

manhê (s. f.) — Manhã (Não sei a que atribuir esta dissimilação *ã-ê*, quando se devia esperar *e-ã*, como aparece noutros falares portugueses ⁽¹¹⁰⁾. Os ervedosenses também dizem *manhezinha* na acepção de madrugada; ex.: «*Fui lá de manhezinha*» <> «*Fui lá ao amanhecer*». O mesmo fenómeno se observa em *ãmanhê* <> *ãmanhã*).

mermurar (v. i.) — Mermurar (Deu-se primeiramente a dissimilação *e-u* de *u-u*, idêntica à de *feturar*. Depois sob a acção

do *-r-*, o *e* mudou para *a*, como em *barborêta*. Eis a evolução seguida *murmurar* > **mermurar* > *mærmurar*).

meroiço (s. m.) — Montículo feito com as pedras que tiram da terra ao lavrá-la ou cavá-la (De *moroico*, por dissimilação. No onomástico de Vila do Conde ⁽¹¹¹⁾, aparece o vocábulo *Maroiço*. Não me parece, porém, que possa admitir-se esta forma como intermediária entre *moroico* e *meroiço*, visto que não se conseguiria explicar a passagem de *a* a *e* antes de *r* — eu pelo menos não o sei —, fenómeno inverso do que é característico do *ervedosense*, como apontei ao tratar do fonema *a*. O derivado *immeroiçar* significa «amontoar desordenadamente quaisquer objectos»).

nagalho (s. m.) — Cordel para atar sacos (Segundo o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos ⁽¹¹²⁾, o étimo d'este vocábulo é o arcaico *legalho* que se transformou em *negalho*, por dissimilação de *l-lh*. Mas a que foi devida a passagem do *e* a *a*? A assimilação do *n*? Diego ⁽¹¹³⁾ diz: «En sílaba inicial [n] puede convertir en a la e siguiente». Contudo, em *ervedosense*, não conheço mais nenhum vocábulo onde tal fenómeno se dê. Relacionado com este vocábulo, pois é derivado d'ele, está o verbo *anagalhar* que tem significação muito lata e emprêgo muito freqüente: usa-se nas acepções de *fazer*, *compor*, *vestir*; ex.: «Anagalha lá isso!» <> «Faze lá isso!» «Que mal anagalhada que vens!» <> «Como vens mal composta [vestida, penteada]!»)

nambro (s. m.) — Membro (Se esta dissimilação se efectuou depois de o segundo *m* ter sido reduzido a simples ressonância nasal — fase que ainda perdura em *ervedosense* —, não creio que a dissimilação tenha sido de *m-m* para *n-m*, a-pesar-da autorizada opinião do Sr. Dr. J. J. Nunes ⁽¹¹⁴⁾. Pronunciando-se este vocábulo *mēbro*, ou já *mābro*, a dissimilação ter-se-ia operado de *m-b* para *n-b*, forma que ainda hoje se ouve da bôca de *ervedosenses* analfabetos. É a manutenção do arcaico *nembro* ⁽¹¹⁵⁾, forma que também perdura ainda no galego ⁽¹¹⁶⁾. Sobre a passagem de *ē* a *ā* é escusado insistir).

pantomina (s. f.) — Pantomima (Por dissimilação de *m-m* para *m-n* ⁽¹¹⁷⁾. Em Ervedosa, no singular, dão a este vocábulo o sentido de «habilidade de palhaço, principalmente a volta do corpo, tendo a cabeça como ponto de apoio no

chão»; no plural, empregam esta palavra com a significação de «exibição de palhaços» (118). Dela derivaram *pantomineiro*: «palhaço, funâmbulo» e, daí, «hipócrito: falsário, burlão», — evolução semântica; ver a obra citada nesta observação —; e *pantomínice*: «hipocrisia, falsidade, burla» — o sufixo *-ice* é muito da predilecção dos ervedosenses —).

Portugal (s. p. m.) — Portugal (Dissimilação *e-u* de *o-u*, como om *fertuna* e *feturo*, a que já fiz referência. A mesma forma aparece num documento português do séc. XVI (116). Cfr. também a forma mirandesa *Pertual* (120). Idênticamente se explica *português*).

pírlula (s. f.) — Pílula (Esta forma, resultante da dissimilação *r-l* de *l-l*, encontra-se também no português popular doutras regiões (121).

quecote (s. m.) — Nuca (De *cocote*, forma sincopada de **co-cr'ote* < *cocorote*, por *cocuruto*? De **cacote* < *caco* <> *ca-bêça*?)

quegulo (s. m.) — Cogulo (Dissimilação *e-u* de *o-u*. O mesmo se dá no vocábulo *aquegular*, derivado daquele, <> *aco-gular*).

quercova (s. f.) — Reintrância na nuca, também intitulada, em ervedosense, *còvinha do ladrão* (122) (De *corcova*, por dissimilação *e-ó* de *o-ó*; cfr. *redor* < *rodo*. A mudança de sentido de *protuberância, giba*, para *reintrância, concavidade* parece-me devida a etimologia popular, pois o povo aproximou este vocábulo de *cova* e deu-lhe significação idêntica à deste).

questume (s. m.) — Costume (V. *quegulo*. Do mesmo modo, *aquestumar* e *questumar*. Cfr. também, Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 121).

Rabolêdo (s. p. m.) — Reboredo — nome de propriedade rústica — (De *Roboredo*, através das formas *Reboredo* — existente no onomástico de Ponte da Barca (123) — > *Reboledo* — vocábulo galego (124). Como da dissimilação *e-o* se passou para *a-o*, não sei explicar. Por influência do *r* inicial? Por analogia com outros vocábulos que principiam por *rab-*?) (125)

ralo (adj.) — Raro (Dissimilação de *r-r* em *r-l*. Esta forma existe também no português popular doutras regiões, no espanhol antigo e no mirandês) (126).

- repaz** (s. m.) — Rapaz (Esta dissimilação *e-á* dá-se principalmente no vocativo — « Ó repaz! » « Anda cá, repaz! » —, quando proferido com ritmo mais rápido que o usual. Fora deste caso, a pronúncia vulgar é ainda *rapaz*).
- rezão** (s. f.) — Razão (Neste vocábulo não se nota a oscilação indicada na observação anterior. A dissimilação *e-ã* é constante) ⁽¹²⁷⁾.
- saluço** (s. m.) — Solução (Dissimilação *a-u* de *o-u*. A preferência do fonema *a* para esta dissimilação será talvez devida a atracção exercida pelo *l* ⁽¹²⁸⁾. Desta forma deriva *saluçar*) ⁽¹²⁹⁾.
- samear** (v. t.) — Semear (Dissimilação de *e-e* em *a-e*) ⁽¹³⁰⁾.
- scândola** (s. f.) — Ofensa, motivo de queixa (De *escândalo*. Creio que a metátese recíproca de *a* e *o* foi devida à influência dissimiladora da vogal tónica *ã*. Depois, a vogal final *a* provocaria a mudança do género gramatical. Terá sido assim? Da aférese do *e*- falarei mais adiante).
- secorrêr** (v. t.) — Socorrer (Também no galego ⁽¹³¹⁾ existe esta forma facilmente explicável pela dissimilação *e-o* de *o-o*. Relacionado com este vocábulo está o substantivo *secórro* < > *socórro*, no qual se verifica o mesmo fenómeno).
- selada** (s. f.) — Salada (Forma também existente no português popular doutras regiões) ⁽¹³²⁾.
- stepôr** (s. m.) — Estupor: nome injurioso dirigido a qualquer pessoa ou coisa (Além da aférese do *e*-, devida à situação do *s* — *s* impuro —, houve a dissimilação *e-ô* de *u-ô*).
- stordegar** (v. t.) — Estortegar (Também neste vocábulo, comum ao galego ⁽¹³³⁾, houve aférese do *e*-, além da dissimilação *t-d* de *t-t*).
- testão** (s. m.) — Tostão (Forma que também se encontra no português popular doutras regiões, bem como o plural *testões*. Embora presentemente nos pareça resultante duma dissimilação, ela de facto não o é, pois, segundo a opinião de eruditos filólogos, o seu étimo é *teston*) ⁽¹³⁴⁾.
- trevão** (s. m.) — Trovão (Suponho esta forma influenciada pelos vocábulos *trevoadá* < > *trovoada* e *trevoar* < > *trovoar*, nos quais se deu a dissimilação de *ô-ô* em *e-ô*, não obstante a vizinhança da labial *v*).
- véspera** (s. f.) — Véspera (Ainda que, aparentemente, se observe

a dissimilação *é-o* de *é-e*, na realidade o que sucedeu foi a assimilação da vogal *e* pelo *p*, transformando-a na labial *o*. Em galego há a palavra *véspera* significando *véspera*, pelo que vi nas citadas obras de García de Diego ⁽¹³⁵⁾, de Lúgris Freire ⁽¹³⁶⁾ e de Santiago y Gómez ⁽¹³⁷⁾; em *ante-véspera* ⁽¹³⁸⁾ tem a forma e o sentido do português).

METÁTESE

-airo (sufixo nominal) — **-ário** (Aparece em alguns vocábulos de formação relativamente recente, porque, nos mais antigos, o ditongo *ai* apresenta-se abrandado em *ei*. Deixando de lado *vigairo* — também galego — *contrairo* e mais algumas formas que se encontram também no português popular doutras regiões, mencionarei aqui apenas o vocábulo *Rosaira*, nome próprio de mulher que corresponde a *Maria do Rosário*. A qualquer mulher ou criança que tenha sido registada com este nome, o povo ervedoseense chama abreviadamente *Rosaira*. No meu entender, começou por encurtar o nome, preferindo, para melhor particularização, empregar apenas o segundo, visto que *Maria* é mais vulgar do que *Rosário*; mas, pela conhecida tendência popular de feminizar nomes masculinos, quando com eles quere designar pessoas do sexo feminino que os usam — ex.: *Monteira*, *Caracola*, *Miragata*, etc. —, transformou aquele nome em *Rosária*, palavra que ainda hoje empregam algumas pessoas que se prezam de cultas; por fim, deu-se a metátese, tão vulgar no sufixo *-ário*, e assumiu a forma actual *Rosaira*. A evolução lat. *-ariu-* > *-airo* > *-eiro* é um fenómeno comum ao português normal e ao galego).

auga (s. f.) — Água (Esta forma é comum a vários dialectos portugueses, ao mirandês ⁽¹³⁹⁾ e ao galego ⁽¹⁴⁰⁾, sendo, portanto, muito conhecida esta metátese. Dela derivaram *augardante* < > *àguardante* — cfr. gal. *augardente* ⁽¹⁴¹⁾ — e *inxaugar* < > *enxaguar* — cfr. gal. *enjagoar* ⁽¹⁴²⁾ —).

bêldros (s. m. pl.) — Bredos (Neste vocábulo que ouvi sempre no plural — como *mantrastos*, *oirégos*, *baldroegas*, etc. —, observam-se duas alterações: metátese do *r* e epêntese do *l*. Parece-me que foi esta a evolução seguida: *brêdo* > *bêdro* ⁽¹⁴³⁾ > *bêldro*. A epêntese será talvez devida a cru-

zamento com a palavra *beldroega*, efectuado quando este vocábulo se pronunciava assim; porque, actualmente, neste último vocábulo, graças à atracção do *l*, deu-se a transformação do *e* em *a*, do que resultou a forma *baldroega*, única de que o povo se serve. Este vocábulo assim modificado existe também já como apelido, em Ervedosa) (144).

bicabornato (s. m.) — Bicarbonato (Metátese, a meu ver, resultante da atracção da vibrante *r* pela linguo-dental *n*. Este mesmo fenómeno se observa nas formas, que ali também ouvi, *bitabornaco*, *bitabornaque* e *bitabernaque*, nas quais se nota ainda a metátese recíproca das oclusivas *c* e *t*. Nas duas últimas variantes, aparecem os *oo* substituídos por *ee*, talvez devido a assimilação da gutural *c*. Seria esta a evolução: *bicarbonato* > *bicabornaco* — por atracção do *n* — > *bitabornaco* — metátese devida a quê? — > *bitabornaque* — assimilação progressiva do *c* — > *bitabernaque* — assimilação regressiva do *e* sobre o? —).

chêpa (s. f.) — Pecha, defeito (Metátese recíproca entre o *p* e a africata *ch* de *pecha* que já então se pronunciaria *pêcha*, ou pela acção do fonema palatal *ch*, ou por influência de palavras que teem *pê* inicial: *pêca* — feminino de *pêco* —, *pêga*, *pêta*, etc. Cfr. *choupo* < **poucho* < lat. *pop(u)lu*-).

dávida (s. f.) — Dádiva (É provável que para esta metátese recíproca muito tivesse contribuído a conhecida tendência para afastar, modificar ou suprimir sons iguais ou semelhantes).

Delovina (s. p. f.) — Ludovina (Houve primeiramente a dissimilação *e-o* de *u-o*, tendo resultado **Ledovina*. Deu-se então a metátese entre o *l* e o *d*, e ficou a forma actual).

dromir (v. i.) — Dormir (Esta metátese só se verifica nas formas arrizotónicas: *dromimos*, *dromides*; mas *durmo*, *dormes*, *dúrmamos*, *dórmã*, etc.).

farnesim (s. m.) — Frenesi(m) (Creio que deve ter-se dado a metátese entre *r* e *e* antes da passagem deste *e* a *a*, para poder explicar-se esta troca vocálica pela acção do *r* seguinte. Seria, pois, esta a evolução: *frenesim* > **fernesim* > *farnesim*. Se quizer tomar-se **franesim* como termo intermediário, terá de admitir-se a dissimilação *a-e* de *e-e*. E que lei fonética o autoriza?)

farnético (adj.) — Frenético (Deve ter atravessado a evolução

indicada para o vocábulo antecedente. O abrandamento do -c- intervocálico foi fenómeno muito freqüente no português arcaico. Em galego encontra-se a forma *farnético* ⁽¹⁴⁵⁾.

feluige (s. f.) — Fuligem (Embora esta metátese se tenha dado também no português normal — Gonçalves Viana já incluiu *felugem* no seu Vocabulário —, entendi que devia mencioná-la aqui, mesmo só para documentação. Suponho que este fenómeno teve lugar no português arcaico, durante o período de evolução paralela à do galego, pois neste idioma também existe a mesma forma ⁽¹⁴⁶⁾ com a apócope do *m*, como em *ervedosense*. A evolução teria sido: lat. *fuligine* > **filugine* > **felugēe* > *felugē* — ortografado *felugem* — > *feluge* > erv. *feluige*, pelo desenvolvimento do *i* de que já falei quando me referi aos fonemas consonânticos palatais).

fremoso (adj.) — Formoso (Deu-se primeiro a dissimilação *e-ô* de *o-ô*, como o atestam o português arcaico *fermoso* ⁽¹⁴⁷⁾, o mirandês ⁽¹⁴⁸⁾ e o galego ⁽¹⁴⁹⁾ que possuem a mesma forma. Seguiu-se a metátese recíproca de que resultou *fremoso*, forma que também existiu no português arcaico ⁽¹⁵⁰⁾ e que ainda existe no galego) ⁽¹⁵¹⁾.

friesta (s. f.) — Festra, fresta (Este vocábulo já aparece com estas três formas no Vocabulário de Gonçalves Viana. Menciono-o, porém, porque a forma usada em Ervedosa é ou foi comum ao galego ⁽¹⁵²⁾ e ajuda a explicar a forma *fresta* que julga ser a mais vulgarizada. Eis os estádios que este vocábulo tem atravessado: lat. *fenestra* > *feestra* > *fiestra* ⁽¹⁵³⁾ > *friesta* — por metátese — > *fresta* — em virtude da tendência que tem os ditongos crescentes para se reduzirem a vogais, pela absorção da subjuntiva pela base ⁽¹⁵⁴⁾. A forma *festra* deve ter resultado da crase dos *ee* da forma arcaica *feestra*) ⁽¹⁵⁵⁾.

gorvata (s. f.) — Gravata (Também esta forma já se encontra no Vocabulário de Gonçalves Viana. Cito-a, todavia, porque ouvi, em Ervedosa, também a forma intermediária *grovata*. Poderá, portanto, reconstituir-se a sua evolução: *gravata* > *grovata* — por assimilação do *a* a *o* pela labial contígua, embora o fenómeno aparente seja a dissimilação — > *gorvata* — metátese a que talvez não tenha sido estranha a analogia com algumas palavras que começam

por *gor* e *gar*; ex.: *gorgôlo*, *gorgolejar*, *gorgomilo*, *gargalheira*, *garganta*, *gargarejar* —).

gurrinha (s. f.) — Ruga (De *ruquinha*, por metátese recíproca entre a gutural *g* e a vibrante forte que passou a ser representada por *rr*, em virtude da sua nova posição intervocálica. Nesta forma tomou origem o verbo *engurrinhar* <> *enrugar*. No galego encontrei *engurrar* e *enrugar* ⁽¹⁵⁶⁾, com o mesmo sentido do português, e *desengurrar* ⁽¹⁵⁷⁾).

Loimil (s. p. m.) — *Leomil* (Visto que, em *Leomil*, o *e* sôa como a semi-vogal *i*, houve aqui a passagem do ditongo átono crescente a átono decrescente. Não sei explicar esta mudança que também se realizou no galego, onde se encontra a mesma forma ⁽¹⁵⁸⁾). Devo acrescentar que só ouvi pronunciar uma vez êste vocábulo).

Madanêlo, -a (s. p.) — Apelido com que o povo designa os membros duma família, à qual deve ter pertencido outrora uma qualquer *Madalena* que deu origem àquele apelido popular (A meu ver, a metátese efectuou-se da forma feminina *Madalêna* para *Madanêla*. Depois, querendo masculinizar o apelido para maior brevidade, o povo começou a dizer o [*Antónho*, *João*, *Zé*, etc.] *Madanêlo*, por o [*Antónho*, *João*, *Zé*, etc.] *da Madanêla* ⁽¹⁵⁹⁾; é, provavelmente por influência do freqüente sufixo *-êlo*, masculino de *-êla*, embora com tonalidade diminutiva — ex.: *jinêlo*, *jinêla*; *panêlo*, *panêla*; *coirêlo*, *coirêla* —, deu-lhe a forma *Madanêlo* ⁽¹⁶⁰⁾. Por fim, a forma masculina contaminou a feminina que passou a ser *Madanêla*. Esta metátese também se deu no português popular doutras regiões ⁽¹⁶¹⁾ e no galego ⁽¹⁶²⁾, idiomas que possuem a forma *Madanela*. Actualmente já, em ervedosense, se não efectua esta metátese, pois, a par com aquelas formas *Madanêla* e *Madanêlo* cristalizadas como apelidos populares, existe a forma *Madalêna* como nome de baptismo).

misəravle (adj.) — Miserável (Metátese comum ao mirandês, o qual tem a forma *misarable* ⁽¹⁶³⁾). A passagem do *e* a *ə* foi devida à influência do *r* seguinte. Também pode supor-se derivado, por síncope, da forma paragógica *miseravele*. Outro vocábulo com a terminação *-avle* encontrei em ervedosense: é *cadavle*, derivado de *cadáver*, forma em que houve troca de vibrante por lateral, fenómeno inverso do

que se deu em *sonoranto* <> *sonolento*, ao qual me referi ao tratar do vocábulo *friolanto*).

ódio (s. m.) — Iodo (Ouvido só na locução *tintura d'ódio* <> *tintura de iodo*. Será devida esta metátese a comparação com a palavra *ódio* <> *rancor*?) ⁽¹⁶⁴⁾.

pertandêr (v. t.) — Pretender (Metátese que também aparece no galego *pertender* ⁽¹⁶⁵⁾, talvez devida à influência de *pertencer*. O mesmo fenómeno se nota nas palavras aparentadas *pertandante* e *pertansão*).

píveda (s. f.) — Pevide; palhêta dos instrumentos de sôpro (É esta outra forma que — como *ódio*, *gázia* e *hástia* — contraria a regra, pois o povo prefere os vocábulos graves. Na tantas vezes citada obra de Diego, encontrei a forma *píbeda*, a p. 79, e a correspondente *pebida* — que êle diz derivar do lat. *pituita* —, na mesma página e na 168).

prove (adj. e s.) — Pobre (Comum ao português popular doutras regiões e ao arcaico ⁽¹⁶⁶⁾, esta forma não necessita de que eu me alongue em considerações. No mirandês e no galego, há *probe*) ⁽¹⁶⁷⁾.

profeição (s. f.) — Perfeição (Após a metátese, talvez devida à acção do grande número de vocábulos que teem *pre* inicial houve a assimilação regressiva da *labial* contigua — e talvez também a progressiva da *labial* inicial —, transformando o *e* em *o*. Foram, portanto, estas as fases que este vocábulo atravessou: *perfeição* > *prefeição* > *profeição*. O mesmo succedeu com *profeito*).

Quietâno (s. p. m.) — Caitano (A forma intermediária deve ter sido *Queitano* que ainda se encontra no galego ⁽¹⁶⁸⁾. Neste mesmo idioma, também existe, a par desta, a forma *Quietano*, como pode ver-se no « Dicionario Gallego » de Cuveiro).

rebervério (s. m.) — Reprimenda (Palavra que, a meu ver, é devida ao convívio com pessoas cultas ou semi-cultas e é de origem recente. Talvez dessem a *reverberar* a mesma significação que tem o simples *verberar*; daquelle verbo teria alguém que se prezasse de culto derivado o substantivo *reverbério* com o sentido de *verberação*. Depois, por metátese, faria o povo *rebervério*. Seria assim?)

redadeiro (adj.) — Derradeiro (É curiosa esta metátese de que resulta a aproximação de sons semelhantes, a-pesar-da

predilecção que o povo manifesta pela dissimilação consonântica. Esta forma é comum ao mirandês) ⁽¹⁶⁹⁾.

sastifeito (adj.) — Satisfeito (Outra metátese em que há também aproximação de sons semelhantes. Por influência de quê?)

scápula (s. f.) — Cápsula [de qualquer medicamento] (Como é regra geral no ervedosense dar-se a aférese do *e-* que vai seguido de *s* + consoante que não seja *s*, encontram-se neste falar muitas palavras que começam por *sc*; ex.: *scada*, *scaldar*, *scapar*, *scapulir*, etc. Foi possivelmente por influência destes vocábulos que se deu a metátese apontada).

stauta (s. f.) — Estátua; pessoa muito alta (Metátese idêntica à que se deu em *auga* < *água*. Em galego encontra-se *estauta* ⁽¹⁷⁰⁾). Sobre a aférese do *e-*, ver o vocábulo antecedente).

strovar (v. a.) — Estorvar (Como a metátese consonântica mais freqüente é a que se dá com o *r* ⁽¹⁷¹⁾, dispenso-me de explicações sobre este vocábulo, bem como sobre os três seguintes. Da aférese do *e-*, já falei na observação à palavra *scápula*. Os mesmos fenómenos se deram em *strôvo*, vocábulo derivado daquele).

treceiro (num. ordinal) — Terceiro (Esta forma também existe em mirandês ⁽¹⁷²⁾). A metátese do *r* é idêntica à do vocábulo precedente).

trocêr (v. t.) — Torcer (Sobre este vocábulo e os derivados *retrocer* e *trocedela*, ver a observação referente a *strovar*).

tromanto (s. m.) — Tormento (Para a explicação desta palavra e da derivada *atromantar*, serve o que ficou dito acerca de *strovar*; V. também o parágrafo em que tratei da vogal nasal *â*).

truquêsas (s. f. pl.) — Turquês (A metátese do *r* já está suficientemente explicada nas observações antecedentes. A formação do plural em *-as* explica-se pela analogia com o das palavras que terminam em *-êsa* no singular: *mesa*, *riqueza*; *pertuguêsa*, etc.).

PRÓSTESE

acipreste (s. m.) — Cipreste (Em galego *alcipreste* e *acipres* ⁽¹⁷⁴⁾). O *a* prostético é muito freqüente no português normal; por isso, apontarei aqui somente as palavras que não

estiverem mencionadas no Vocabulário de Gonçalves Viana).

adevertimanto (s. m.) — Divertimento (Cfr. galego *adevertimento* ⁽¹⁷⁵⁾). O mesmo fenómeno se verifica em *adevertir* < > *divertir*).

adumar-se (v. r.) — Vergar-se, dobrar-se; sujeitar-se (De *domar*. Represento por *u* o *o* átono, porque o povo transforma-o em *u* acentuado nas formas rizotónicas; ex.: «*Él nũ s'aduma*». Cfr. mirandês *adomar*) ⁽¹⁷⁶⁾.

afavorecêr (v. t.) — Favorecer, ajudar (Ouvindo na locução «*Deus o afavoreça!*» com que costumam despedir o mendigo a que não dão esmola).

anoz (s. f.) — Noz (O *a* é prostético, pois, se fôsse o artigo definido, desapareceria quando antepusessem a êste vocábulo o artigo indefinido ou qualquer adjectivo determinativo. Ora eu ouvi dizer: *umãnoz* < *uma ano* > *uma noz*, *duas anozes* < > *duas nozes*, etc.).

Arraúl (s. p. m.) — Raúl.

arrecebêr (v. t.) — Receber; casar com (Ex.: «*Él já arrecebeu*». < «*Él já a arrecebeu*». < > «*Éle já casou com ela*») ⁽¹⁷⁷⁾.

arrecuar (v. i.) — Recuar (Só menciono esta forma, que já pertence ao português normal, porque no galego também existe) ⁽¹⁷⁸⁾.

arrelantar (v. t.) — Desbastar, tornar mais raro (Só ouvi empregar êste vocábulo com referência a plantas; ex.: «*Vou arrelantar as coives*». Suponho que o seu étimo é *ralo* < *raro*, ao qual foi aplicado o sufixo de sentido causativo *-ntar* ⁽¹⁷⁹⁾, análogamente a *arrebantar* < > *arrebentar*, *acresçantar* < > *acrescentar*, etc., originando a forma *arrálar*. Depois, por dissimilação, deu *arrelantar*).

atopar (v. t.) — Encontrar, topar com (Também já se encontra no Vocabulário de Gonçalves Viana esta palavra; todavia cito-a aqui porque é comum ao galego, como pode ver-se nas obras citadas de Diego, a p. 125, e de Lúgris Freire, a p. 129).

Igualdino (s. p. m.) — Gualdino (Esta prótese é devida à influência do adjectivo *igual* — pronúncia das pessoas cultas e semi-cultas —, tendo o povo relacionado entre si os dois vocábulos por possuírem a sílaba comum *gual*. Devo acrescentar que poucas vezes ouvi proferir êste nome.

É provável que por muitas pessoas já seja pronunciado *Igaldino*; o que eu talvez reconheça em ulteriores observações).

scontra (prep.) — Contra (De *escontra*, onde a prótese é aparente e não real, pois deriva de *ex contra*. Esta preposição também se encontra no galego) ⁽¹⁸⁰⁾.

ANAPTIXE

alambarar (v. i.) — Arder, incendiar-se (De *alambrar* < *lam-bra*, palavra que, em ervedosense, significa *chama*, *labareda*. Segundo o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, *lam-bra* < **lamb'rêda* < *labareda*).

belusa (s. f.) — Blusa (Esta forma anaptictica é típica para exemplificar a lentidão do falar ervedosense, que, a meu ver, é a causa principal da maioria dos fenómenos anapticticos que vou apontar).

cáibaro (s. m.) — Caibro (V. observação anterior).

cómbaro (s. m.) — Cômoro (Desta palavra já falei, ao tratar do *b*).

cóngaro (s. m.) — Congro (Cfr. galego *congoro* ⁽¹⁸¹⁾. V. *belusa*).

felôr (s. f.) — Flor (V. *belusa*. Cfr. também Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 119).

fieito (s. m.) — Fêto (Confrontando estas duas formas, tem-se a impressão de que a primeira derivou da segunda por intermédio da forma **fiêto* devida a qualquer influência para mim desconhecida. Porém Garcia de Diego ⁽¹⁸²⁾ apresenta como étimo de *fieito* — vocábulo que também é galego — a forma hipotética *filictu*-. Neste caso, seria assim a evolução; **filictu*- > **filecto* > **fiecto* > *fieito* ⁽¹⁸³⁾. No onomástico de Ervedosa, encontra-se ainda *fieiteira*).

lúcaro (s. m.) — Lucro (V. *belusa*).

querêdo! — Exclamação que significa ténue admiração (De *credo!* Devo notar que, neste vocábulo, só observei a anaptise neste caso. Quando é tomado como substantivo ou quando se emprega para manifestar espanto, medo, mantém-se intacto; ex.: «*la co credo na bôca*». «*Credo! Santo nome de Jasús!*»).

scairro (s. m.) — Escarro (Esta ditongação anaptictica parece-me devida a ênfase, ao desejo de reforçar — onomatopaicamente? — o som dêste vocábulo, para acentuar bem

a diferença entre o que êle representa e o que significa a palavra *cuspo* < > *saliva*. Contudo o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos é de opinião que êste vocábulo derivou do verbo *scairrar* (também usado no ervedosense) que, por sua vez, derivou de **scarriar* < (e)*scarrar*, por troca de sufixos).

Acêrca de *gázia*, *hástia*, *óndua* e *onduar*, ver a parte em que trato das semi-vogais *i* e *u*; sôbre *láiija* < > *laja*, *cerei-ja* < > *cereja*, *lóiijo* < > *lôjo*, *ferruige* < > *ferrugem* e mais palavras em que aparece o grupo vogal + *ij* ou *ich* + vogal, ver os parágrafos dedicados às palatais.

EPÊNTese

abróti-gas (s. f. pl.) — Abróteas, abrótias (Ouvi esta palavra sempre no plural, como várias outras a que fiz referência quando tratei do vocábulo *bêldros*. O *g* epentético (?) ⁽¹⁸⁴⁾ também aparece no galego *abrótiga* ⁽¹⁸⁵⁾).

almotr-iga (s. f.) — Almotolia (Creio ter sido esta a evolução dêste vocábulo: *almotolia* ⁽¹⁸⁶⁾ > **almot'lia* > **almotria* > *almotr-iga*. (Não sei como explicar a epêntese do *g* que também se observa em *fatiga* e *melanciga*).

alquedute (s. m.) — Aqueduto (Epêntese devida à influência das inúmeras palavras de uso cotidiano em que aparece *al* inicial. Assim, ficou com o aspecto árabe um vocábulo genuinamente latino. A troca do *o* final por *e* será talvez devida a dissimilação *ú-e* de *ú-o*; se não é também originada na semelhança com vocábulos de derivação árabe terminados em *e*: *almocreve*, *almude*, *alqueire*, *alvaiade*, por exemplo).

alrotar (v. i.) — Arrostar (Considero a epêntese do *l* devida à causa apontada na observação precedente e também motivada pela ênfase, sobretudo quando dão a *alrotar* a significação de *ser sovado*, como nestas frases: «*Há-des alrotar!*» < > «*Hás-de ser sovado!*» «*Se fazes isso, alrotas*». < > «*Se fazes isso, bato-te*»).

astrever-se (v. r.) — Atrever-se (Forma que aparece no português popular doutras regiões, no mirandês com a troca de *v* por *b*, e no galego com *e* inicial em vez de *a*) ⁽¹⁸⁷⁾.

bêldros (s. m. pl.) — Bredos (Epêntese do *l*. A êste vocábulo já me referi ao tratar da metátese).

bonécra, -écro (s. m. f.) — Bonéca, -éco (Forma comum ao português popular doutras localidades ⁽¹⁸⁸⁾).

brasalicão (s. m.) — Basilicão (Teria sido criada esta forma pela influência de *brasa*? de *Brasil*?)

Celestrino (s. p. m.) — Celestino (Esta forma é empregada também noutros falares populares do português ⁽¹⁸⁹⁾). Mas, em Ervedosa, observei ainda o encurtamento dela pela queda do *-l-*, e fusão dos dois *ee*, na forma *Cestrino*, e a dissimilação do segundo *e* em *ũ* — talvez por influência de *lustre* ou *lustro* — na forma *Celustrino*).

conrespondêr (v. i.) — Corresponder (Talvez não seja correcto considerar fenómeno epentético a nasalação duma vogal. Contudo incluo nesta parte êste vocábulo, porque me parece ver nesta forma um pouco de ênfase, como que um desejo de acentuar a sílaba inicial que, na forma normal, tem vogal surda e passa quâsi despercebida. Há, todavia, quem veja aqui um fenómeno de *recomposição* devido à consciência que o povo tem da formação dêste vocábulo).

desbulhar (v. t.) — Debulhar (Por confusão com *desbulhar* < > *esbulhar*).

despois (adv.) — Depois (Forma comum ao galego ⁽¹⁹⁰⁾ e ao português popular doutras regiões ⁽¹⁹¹⁾). Sendo esta forma derivada do lat. *de + ex + *posti* ou **pox*, segundo a opinião do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, não pode ela ser considerada epentética, embora o pareça pelo confronto com o português normal. O mesmo se não dá, porém, com os vocábulos *asquêls* < > *aqueles* e *asquélas* < > *aquelas* — e nas suas ligações com as preposições *de* e *em* —, nos quais se realizou a epêntese do *s* por influência do *s* do plural, pois nunca ouvi pronunciar o singular *asquêl* ou *asquéla*).

dònezinha (s. f.) — Dòninha (Em galego existe a forma paralela a esta *doneciña* ⁽¹⁹²⁾). Contudo, embora esta forma possa ter influenciado aquela, em ervedosense há formas com o sufixo *-inho* não comuns ao português literário, nas quais aparece o infixo *z-* — ex.: *lêvezinho* < > *levinho*, *nòvezinho* < > *novinho* —, que podem ter contaminado a forma *dòninha* do português normal).

fatiga (s. f.) — Fatia (V. *almotriga*).

fiarpo (s. m.) — Fiapo (A epêntese deve ter sido causada por

cruzamento com o verbo *fiar*, pela semelhança de som e de sentido).

incertar (v. t.) — Encetar (Por influência de *inxcertar* <> *enxcertar*, creio eu, visto que aquela palavra é geralmente empregada para designar a acção de cortar o primeiro pedaço de pão ou de qualquer outro alimento, e *inxcertar* designa uma acção complexa em que o golpe — o *côrte* — ocupa o lugar principal).

ismelindra (s. p. f.) — Ermelinda (O *r* epentético, a-pesar-de ser a consoante preferida pelo povo para a realização dêste fenómeno, pode, neste vocábulo, ser talvez devido à acção conjunta do *r* da sílaba inicial e dos vocábulo *melindre*, *melindrar* e *melindroso*. Para a mudança *Ir*- <> *Er*- em *Is*- teria possivelmente contribuído a pronúncia enfática *is* de *es* + consoante, com que principiam tantos vocábulo do português normal).

jacintra (s. p. f.) — Jacinta (Por influência de quê? Também ouvi esta forma epentética noutras localidades).

léstro (adj.) — Lesto (Epêntese idêntica à do vocábulo seguinte).

listra (s. f.) — Lista (Forma comum ao português popular doutras regiões) ⁽¹⁹³⁾.

manclitar (v. i.) — Manquejar (Talvez por influência do verbo iterativo *saltitar*, ouvido a pessoas cultas ⁽¹⁹⁴⁾, tivesse o povo formado o verbo **manquitar* <> *manquejar*. Dar-se-ia depois a epêntese do *l*, possivelmente com fins onomatopaicos).

melanciga (s. f.) — Melancia (*V. almotrigo*).

spilro (s. m.) — Espirro (Tanto esta forma como *spilrar* já se encontram no Vocabulário de Gonçalves Viana, salvo, é claro, a aférese do *e*).

sp(r)ital (s. m.) — Hospital (Estas duas formas são usadas pelo povo em várias regiões do nosso país ⁽¹⁹⁵⁾. Garcia de Diego ⁽¹⁹⁶⁾ acusa a existência, no galego, das formas *hespital*, *espital* e *spital*. Em Ervedosa ouvi pronunciar sempre *spital* na locução *p'r'ò spital* <> *para o hospital*, provavelmente por dissimilação de *prò spri*- em *prò spi*-, pois ali dizem sempre *no sprital* <> *no hospital*; ex.: «*Foi p'r'ò spital*». «*Stá no sprital*»).

zernideira (s. f.) — Brinquedo feito com a casca duma noz, dentro da qual se faz girar um pau que produz um zum-

bido característico ⁽¹⁹⁷⁾ (De *zenir* <> *zunir* — V. êste vocábulo na parte em que trato da assimilação — . Como no português normal há *zunideira*, também pode supor-se que dêste vocábulo derivasse directamente **zenideira*, donde resultaria *zernideira* pela epêntese do *r*, fenómeno freqüente no português popular).

PARAGOGUE

Excepto nas palavras *sertã* (que já está incluída, com a *sertãe* no Vocabulário de Gonçalves Viana. Cfr. espanhol *sar-tén*, mirandês *sartiã* ⁽¹⁹⁸⁾ e galego *sartana*) ⁽¹⁹⁹⁾ e *ferrã* <> *ferrã* ⁽²⁰⁰⁾, no advérbio *sòmantes* <> *sòmente* e nas locuções «*indas que*» ⁽²⁰¹⁾, «*de maneiras que*», «*a pontos que*» e no apelido *Metildes* ⁽²⁰²⁾, a paragoge mais freqüente, que chega até a constituir uma regra (sobretudo no cantar), é a do *e* nos vocábulos oxítonos que terminam em consoante lateral ou vibrante, vogal ou ditongo oral; ex.: *jornale*, *papéle*, *funile*, *róle*, *Arraúle*; *falare*, *comêre*, *saire*, *repôre*; *lâe*, *sôe*, *túe*; *maue*, *chápêue*, *vôue*, etc.

O *e* paragógico também se encontra no português popular doutras regiões, no mirandês e no galego ⁽²⁰³⁾. Apenas se não ouve quando, por qualquer motivo, a fala seja mais apressada que normalmente.

Talvez possa explicar-se êste fenómeno pela preferência que o povo dá aos vocábulos graves, em detrimento dos esdrúxulos e dos oxítonos ⁽²⁰⁴⁾.

AFÉRESE

bondar (v. i.) — Bastar (De *abondar*, forma comum ao galego ⁽²⁰⁵⁾. *Bondar* também existe noutros falares populares portugueses) ⁽²⁰⁶⁾.

gasalho (s. m.) — Cogumelo (Nome resultante da semelhança desta planta com um guarda-chuva aberto? Como a qualquer objecto que serve para agasalhar se dá o nome de *agasalho* ⁽²⁰⁷⁾, é provável que êste nome também tenha servido para designar o guarda-chuva. Depois, por analogia de feitio, passaria ao cogumelo e ficaria a pertencer-lhe).

gramasso (s. m.) — Argamassa (Nesta forma, que já aparece no Vocabulário de Gonçalves Viana, deve ter-se dado primeiramente a metátese do *r*, ficando de *argamassa* **agramassa*; a seguir a aférese do *a*-; e por fim a mudança de género sob influências que não consigo descobrir. Relacionado com esta forma está o verbo *agramassar* < > *argamassar*).

Lambiqueiro (s. p. m.) — Apelido (De *alambiqueiro*, nome que terão dado a algum antepassado que fazia aguardente em *alambique*).

Lixandre (s. p. m.) — Alexandre (A passagem do *e* a *i*, foi, a meu ver, resultante da contiguidade com o fonema palatal *x*. Esta forma também existe no mirandês e no galego) ⁽²⁰⁸⁾.

masgar (v. t.) — Esmagar (Verifica-se neste vocábulo a aférese mais freqüente no falar ervedosense, a qual também é comum ao português popular doutras localidades ⁽²⁰⁹⁾: é a supressão do *e* antes do *s impuro* — V. o que ficou dito a respeito do vocábulo *scápula* —. Só quando desejam pronunciar enfaticamente qualquer palavra que comece por *e + s impuro*, é que os ervedosenses proferem o primeiro fonema, porém com o som de *i* — Cfr. o vocábulo *Ismelindra* —. Mas, voltemos à explicação de *masgar*: — A evolução seguida deve ter sido: *esmagar* > *smagar* > *masgar* — por metátese do *s* —).

Mérico (s. p. m.) — Américo.

môr (s. m.) — Amor, na frase «*prò môr de*» < > «*por amor de*» (É um caso de fonética sintáctica, pois, a meu ver, a aférese aparente resultou do encontro de **pro* — *por* — e *amor*. Digo *aparente*, porque, segundo penso, o *ô* representa a contracção do *o* de **pro* e do *a* de *amor*. Eis a evolução: «*por amôr de*» > «**pro amôr de*» > «*prò môr de*»).

Quelino (s. p. m.) — Aquilino (O ensurdecimento do primeiro *i* é devido à dissimilação *e-i* de *i-i*, que ainda é de regra no português normal).

quemodar (v. t.) — Aquietar, conciliar (De *acomodar*, por dissimilação *e-o* de *o-o* e por aférese do *a* —).

tralha (s. f.) — Vocábulo que serve para designar o conjunto desordenado de vários objectos — mobília, ferramenta, etc. (Do lat. *tragula*? A uma mulher do povo ouvi eu empre-

gar *metralha* com a mesma acepção que vulgarmente dão, em Ervedosa, a *tralha*. Seria um caso de etimologia popular? É apenas para fazer notar este caso que cito este vocábulo neste lugar, pois na realidade só haveria aférese se se admitisse como recomposição do verdadeiro étimo o vocábulo *metralha*, o que, por enquanto, nada me autoriza a fazer. Também ouvi a palavra *tralha*, com o sentido que acima aponto, pronunciada por várias pessoas da Beira-Alta).

treminar (v. t.) — Determinar (Aférese da sílaba *de-*, possivelmente por dissimilação — quasi haplogia —, se não influiu nesse fenómeno o vocábulo *terminar*, ouvido a pessoas cultas. Metátese do *r*, caso muito vulgar e já estudado. Em mirandês também se encontra este vocábulo) ⁽²¹⁰⁾.

tropesia (s. f.) — Hidropisia (Esta forma, que também se encontra no dialecto minhoto ⁽²¹¹⁾, resultou da aférese do *i*-[<>hi-] e da mudança do *d* em *t*, porventura através das seguintes formas intermediárias: **adropesia* ⁽²¹²⁾ > **dropesia* — aférese, muito frequente, do *a-* — > *tropesia* — por influência dos vocábulos que teem *trg-* —).

SÍNCOPE

açucare (s. m.) — Açúcar (Resultante da forma paragógica *açucare*, por síncope do *a*, em virtude da aversão aos esdrúxulos comum à linguagem popular doutras regiões. Cfr. *aljôfre* e *aljôfar*, *almiscar* e *almiscare*, no português normal; e, no galego, *sucré* ⁽²¹³⁾, *zucré* ⁽²¹⁴⁾ e *azucré* ⁽²¹⁵⁾).

âmotolia (s. f.) — Almotolia (Esta forma e *almotriga*, a que já fiz referência, coexistem em ervedosense: a primeira é preferida pelas pessoas semi-cultas ou pseudô-cultas, a segunda pelo povo analfabeto. Parece-me que se efectuou simplesmente a síncope do *t*, pois, se se tivesse dado a assimilação dêste fonema ao *m* vizinho, pronunciar-se-ia com *â* levemente nasal, em vez do *à* que ouvi regularmente proferir).

arve (s. f.) — Árvore (Forma que se emprega também noutras localidades, juntamente com *arbe* que pertence também ao mirandês ⁽²¹⁶⁾).

cartar (v. t.) — Carretar (Esta síncope foi devida à posição

protónica da sílaba, o que produziu o enfraquecimento da pronúncia dos *rr* e, por fim, a queda da sílaba).

chicra (s. f.) — Xicara (Da mudança de *x* em *ch*, falei quando me referi a estas palatais. A síncope do *a* foi causada pela conhecida aversão aos esdrúxulos).

cócras (s. f. pl.) — Cócoras (No português normal também se diz *cócaras*, como no galego. A síncope realizou-se pelo motivo exposto na observação anterior).

còldade (s. f.) — Qualidade (De *còldade* < *qualidade*. Acêrca da transformação sofrida pelo grupo *qu*, falei no lugar próprio. Como a consoante lateral é susceptível de formar sílaba com a vogal contigua antecedente, o *i* caiu, reduzindo-se o vocábulo a trissílabo).

crapuço, -uça (s. m., -f.) — Carapuço, -uça (A síncope do *a* nestas palavras resultou: α) da dissimilação dos sons vizinhos *a-a*; β) da faculdade que possui a vibrante *r* de formar grupo próprio com a oclusiva precedente; e γ) da tendência para o encurtamento das palavras que, mau grado tôda a sua lentidão de pronúncia, também se manifesta no ervedosense).

Fedrico (s. p. m.) — Frederico (Desta palavra já tratei na parte referente à dissimilação).

fincha (s. f.) — Frincha (Qual será a causa desta síncope?)

frũicho (s. m.) — Borbulha na pele (De *furunculu* — através das seguintes formas **furuncu* — > *furuncho* — ainda existente no galego ⁽²¹⁷⁾ — > *fruncho* — > *frũicho*. Acêrca do *i* anaptyctico, vide o parágrafo referente às palatais).

lumiôso (adj.) — Claro (Ouvi esta palavra na frase «*Hoije stá mûto lumiôso*», querendo significar que a noite não estava escura, graças à claridade que irradiavam as estrêlas. De *luminoso*, pela síncope do *n*, como no galego que também possui a forma *lumioso*) ⁽²¹⁸⁾.

Mumanta (s. p. f.) — Moimenta (Para explicar aquela forma, equivalente a *Mumenta* que se usa na Beira ⁽²¹⁹⁾, é preciso admitir a forma intermediária **Muimenta*. A passagem do ditongo *ói* a *ui* e a redução dêste a *u*, acha-se atestada em várias formas do português arcaico e do galego actual, v. g.: *coitelo* — gal. — *cuitelo* — arc. — > *cutelo*, *froita* — arc. e gal. — > *fruta* — arc. e gal. — > *fruta*, *loito* — arc. e gal. — > *luito* — arc. e gal. — > *luto*, *entroido* — arc. <> gal. *antroido* — > *entruído* — > arc. — > *entruído* ⁽²²⁰⁾, etc.).

- pampo** (s. m.) — Pâmpano, rebento (Houve síncope do *n* em *pâmpano*, mas possivelmente depois de se ter nasalado a vogal antecedente *a*, ficando a forma *pâmpão*; depois, pela tendência para a redução do *ão* átono final — através das formas — *aũ* > *-ũ* > *-u* < > *-o* ⁽²²¹⁾ —, assumiu a actual *pampo*).
- pòcurar** (v. t.) — Procurar e perguntar (Síncope por dissimilação? O mesmo fenómeno se deu em *pòcura* < > *procura*).
- própio** (adj.) — Próprio (Nesta forma, como em *propiada-de* < > *propriedade* e *apropiar* < > *apropriar*, é clara a causa da síncope: dissimilação. *Própio* é comum ao castelhano, ao galego, ao português arcaico e popular actual ⁽²²²⁾).
- sotil** (adj.) — Subtil (Síncope idêntica à de *sustar* < lat. *substare* e de *sustância* — arc. e popular em várias localidades, inclusive Ervedosa — < lat. *substância* —. *Sotil*, além de ser vocábulo arcaico e actualmente empregado pelo povo em várias regiões, é ainda comum ao galego ⁽²²³⁾. Desta palavra se derivou o verbo *sotilizar* que ouvi, em Ervedosa, empregado com o sentido de *supor*).
- sprança** (s. f.) — Esperança (A síncope do *e* explica-se pela mobilidade do *r* que foi atraído pela oclusiva vizinha, formando um grupo consonântico próprio. O mesmo aconteceu em *sprar* que, todavia, recupera o *e* nas formas rizotónicas; ex.: *spéro*, *spère*, *spëraũ*; mas *spramos*, *spravas*, *sprei*. Tanto *sprança* como *sprar* são comuns ao mirandês) ⁽²²⁴⁾.
- sprito** (s. m.) — Espírito (À primeira vista, este vocábulo parece ter resultado da metátese do *r* em (*e*)*spirito*. Todavia, não é aceitável esta explicação, porque, na realidade, a metátese não pode dar-se em sílaba tónica. Deve ter-se dado em *spritual* (forma que, todavia, ainda não ouvi em Ervedosa) e daí ter-se depois formado *sprito*. Esta forma é usada em vários falares de Portugal ⁽²²⁵⁾. Da aférese que nela se nota, bem como nas da observação antecedente, já disse o suficiente no lugar próprio).
- suprior** (adj. e s. m.) — Superior (V. *sprança*).
- ubre** (s. m.) — Carne das têtas da vaca (De *úbere*, pela síncope do *e* postónico. Causa: aversão aos esdrúxulos. Em galego também se encontra *ubre*) ⁽²²⁶⁾.

APÓCOPE

arrate (s. m.) — Arrátel (Esta forma já é considerada português normal, pois Gonçalves Viana incluiu-a no seu Vocabulário. Menciono-a aqui, porque nela se observa um caso de apócope aparente. Todavia foi a seguinte a evolução dêste vocábulo: *arrátel* > *arrattle* (²²⁷) > *arrate* — sincope do *l*, porque o português é avêssio ao grupo *tl*—).

êl (pronome) — Êle (Quando se emprega em próclise, êste pronome sofre a apócope do *e*. No português literário faz-se normalmente a elisão do *-e*, quando a palavra que se segue a esta proclítica começa por vogal ou *h*. Dai, à apócope constante, mesmo antes de consoantes, quando êste pronome é proclítico, foi um passo pequeno e de fácil realização (²²⁸). Em igualdade de circunstâncias, também se diz *aquêl*, *àquêl*, *daquêl*, *dêl*, *naquêl* e *nêl* (²²⁹). São casos de fonética sintáctica).

fol (s. m.) — Fole (Neste vocábulo e em *pél* <> *pele* e *val* <> *vale*, observei um fenómeno inteiramente oposto à regra geral que mencionei, ao tratar da paragoge: sendo palavras que no português normal terminam em *e*, no ervedosense sofrem a apócope, e no plural apresentam a sincope do *-l*, por analogia com os nomes que no português normal acabam em *l*. Êste ouvi-o na locução « *Andar com gatos i fóis* » <> « *Fazer o contrário do que promete; ser falsário* »).

home (s. m.) — Homem (Aparece esta forma também no português arcaico, em vários dialectos actuais, em mirandês e em galego (²³⁰).

-je ou **-ge** (terminação de substantivos) *-jem* ou *-gem* (No decurso dêste despretencioso trabalho, já várias vezes apareceram vocábulos com esta terminação apocopada, também comum ao galego; ex.: *barcaje*, *coraje*, *f(e)luge*, *ferraje*, *ferruge*, *fogaje*, *friaje*, *lingoaje*, *marge*, *orige*, *pasaje*, *ramaje*, *romaje*, *roupaje*, *salvaje*, *virge* (²³¹). É, portanto, escusado insistir mais. Sobre a perda da nasalidade, ver Dr. Leite de Vasconcelos, « *Dialectologie* », p. 101).

onte (s. f.) — Ontem (Gonçalves Viana já apresenta a forma apocopada como português normal. Não faz, porém, o mesmo a respeito de *antonte* e *tresantonte*, formas correntes no falar ervedosense. Lúgriis Freire (²³²) menciona

onte e *antonte* como formas galegas. Santiago y Gómez (233) cita *onte* e a sua variante *honte*. Em mirandês também há *onte*) (234).

orde (s. f.) — Ordem (Forma comum a falares portugueses doutras regiões e ao galego) (235).

pél (s. f.) — Pele (Mais que uma vez ouvi dizer: «*As péis dos cabritos [coelhos, etc.]*», por «*As peles dos cabritos [coelhos, etc.]*». Ver a observação relativa a *fol*).

vál (s. m.) — Vale (Plural *vais*; ex.: «*As augas das trevoadas arrastarũ tudo por êsses vais*». V. observação precedente. *Val* também pertence ao português arcaico e ao popular doutras localidades) (236).

HAPLOLOGIA

Além do caso já citado pelo Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos (237) — *trêstões* por *três testões* (popular) —, observei, no ervedosense, três outros que vou mencionar aqui:

Chicurato (Nome por que era conhecido um homem falecido há poucos anos) < *Chico* (<> *Francisco*) *Curato* (Ape-lido de várias pessoas ainda vivas, aparentadas com aquele Francisco).

rêcochino. -na (Expressão qualificativa que significa «*muito porco, -ca*», ouvida por mim bastas vezes, especialmente dirigida a crianças).

Como em mirandês há *cochino* e *cochina* que significam respectivamente *porco* e *porca* (ambos substantivos) e como, no dialecto transmontano, *cochina* tem o sentido de *suja* (adjectivo) (238), não me parece que me afaste muito da verdade se apresentar como étimo de *rêcochino* as duas palavras *rêco* (designa *pôrco* — substantivo —, em várias regiões de Portugal) e *cochino* (na acepção adjectiva de *sujo*).

Assim, com *reco* + *cochino* quereriam dizer *porco sujo* ou *muito porco*, significação que tem a forma haplológica *rêco-chino*.

Poderia ainda supor-se que, na locução *reco cochino*, a primeira palavra também se adjectivou, valendo então as duas por dois qualificativos *sujo, sujo*, cuja aposição os superlativa, em harmonia com um processo popular muito conhecido. Quantas vezes tenho eu ouvido: «*Êle é porco, porco!*», frase equivalente a «*Êle é muitíssimo porco!*»

Ainda antes de passar ao terceiro caso de haplologia, quero apontar aqui três adjectivos com que, em Ervedosa, é costume qualificar os porcos conforme o tamanho:

chino — pequeno, que cresce pouco;

meão — de tamanho mediano; e

varudo — grande, comprido.

Pondo de parte *meão*, adjectivo conhecido, ficam dois problemas a resolver.

Qual será o étimo de *chino*? Em ervedosense há também o adjectivo *chinchinho* (talvez derivado daquele) que significa *pequeníssimo*.

E o de *varudo*? *Vara*, medida? O galego *barudo*? (230).

O outro caso haplológico a que aludi é:

pante de rubar (Nome com que o povo designa o pente de dentes bastos destinado à limpeza da cabeça).

No meu entender, aquela frase está por *pante de derrubar* (*silicet* caspa, parasitas); e, sendo assim, ter-se-ia dado a eliminação do *de* inicial da última palavra, por dissimilação haplológica.

CRUZAMENTO

A *bêldros*, *fiarpo*, *incertar* e a mais alguns vocábulos cuja formação é possível ter resultado de cruzamento, já fiz as precisas referências nas observações anteriores. Apresentarei aqui mais dois:

impresilho (s. m.) — Empecilho (Creio que a epêntese do *r* e a passagem a sonora da sibilante surda de *empecilho*, foram devidas a cruzamento com o adjectivo e participio *prêso* — se não com *presigo* ou *presilha* —, porque não é pequena a semelhança de sentido entre *prender* e *estorvar*).

pròguntar (v. t.) — Preguntar e procurar (Parece-me que, passando-se facilmente do sentido de *preguntar por alguém ou algo* para o de *procurar alguém ou algo*, estes dois verbos cruzaram-se e motivaram a mudança do *e* em *o*, no verbo *preguntar*, ao mesmo tempo que lhe transmitiram as significações que cada um dêles tinha separadamente. Êste último fenómeno estendeu-se depois a *pòcurar*, vocábulo que já ouvi empregar na acepção de

preguntar. De *pròguntar* se derivou *prògunta* que também significa *pregunta* e *procura*, ao passo que *pòcura* tem apenas o sentido de *procura*).

*

Na regularmente extensa lista de vocábulos que, até aqui, apresentei, encontram-se bastas interrogações, e locuções e advérbios dubitativos. Não deve isto causar estranheza, pois não representa mais do que o reconhecimento e a confissão das dificuldades inerentes nos estudos filológicos e da minguada cultura e duvidosa competência explicáveis num principiante.

II

MORFOLOGIA

Não me alongarei tanto nesta parte, porque são muito poucas e pequenas as diferenças que, na morfologia se notam entre o português normal e o falar ervedosense. Nem outra coisa era de esperar, visto que esta linguagem é apenas uma variedade do falar português.

NOME

Pouco há que dizer a êste respeito.

Sôbre plurais, mencionarei: *fóis* <> *foles*, *péis* <> *peles* e *vais* <> *vales*, a que já aludi ao tratar da apócope; *cóses* <> *cós*, *filhóses* <> *filhós*, *nóses* <> *nós* e *póses* <> *pós*, formas que também se encontram no português popular doutras regiões e que o Sr. Dr. José Joaquim Nunes explica como plurais duplos ⁽²⁴⁰⁾; em *riles* ⁽²⁴¹⁾, plural de *ril* <> *rim*, mantém-se o *l* intervocálico, semelhantemente ao que acontece noutros falares portugueses ⁽²⁴²⁾, igual fenómeno se observando em *barriles* <> *barris*, possivelmente por influência daquela forma, pois o plural de *funil* são *funis*.

O vocábulo *(e)iró(s)*, plural *(e)irós(es)*, aparece com a forma *iról*, no plural *iróis*, por motivos que desconheço.

Dos nomes terminados no singular em *-ão*, ouvi os seguintes plurais, diferentes do português normal: *alamões* > > *alemães*, *chões* <> *chãos*, *grões* <> *grãos*, *irmões* <> *irmãos*, *scrivões* <> *escrivães*.

No falar ervedosense, nota-se grande confusão no em-

prêgo da metafonia que, no português normal, se dá no plural dos nomes que teem o fechado tónico no singular. Assim, observei muitos casos como os que seguem: *ovo* — *ôvos*, *pôço* — *pôços*, *ósso* — *ôssos*, *pôvo* — *pôvos*, *ólho* — *ólhos* (e *ólho* — *ólhos*, quando se referem a plantas, na acepção de rebento, *bolão*, parte central mais tenra da couve e da alface, etc.), *repólho* — *repólhos*, *tóijo* (<> *tôjo*) — *tóijos*, *fôrno* — *fôrnos*, *córno* — *córnos* (e *córno*, na acepção de marido de adúltera, ou como epíteto injurioso — *côrnos*); *dóno* — *dónos*, *móno* (boneco; pessoa taciturna) — *mónos* ⁽²⁴³⁾; de adjectivos: *tórto* — *tôrtos*, *pôrco* — *pôrcos*, *mórto* — *môrtos*, *nóvo* — *nôvos*, mas *amerôso* ⁽²⁴⁴⁾ (<> *macio*) — *amerôsos*, *cheirôso* — *cheirôsos*, etc.; *infadónho* — *infadónhos*.

Na observação referente a *tanazas* (assimilação), já aludi aos outros dois *pluralia tantum* que encontrei no falar ervedosense: *tisoiras* e *truquêsas*.

*

Acêrca do género, apontarei sòmente a preferência dada à terminação *-oua*, para a formação do feminino dos nomes terminados em *-ão*; ex.: *anão* (s. e adj.) — *anoua*, *Assunção* (apelido) — *Assunçoua*, *meão* (adj.) — *meoua*, *Paixão* (apelido) — *Paixoua*, *Passarão* ⁽²⁴⁵⁾ (alcunha) — *Passaroua*, *Sandão* (apelido ou alcunha) *Sandoua*. E, a propósito, direi que o masculino de *boua* (<> *boa*) sôa sempre *bô* (<> *bom*). Todavia *boua* é muitas vezes reduzida a *bô* em próclise; ex.: «*Ah! bô rapariga!*» «*Que bô mulher!*»

Sincope idêntica se nota no adjectivo *má*, por *mau*, em frases como estas: «*Tãã má génio*». «*Que má jeito*». «*É má home*» ⁽²⁴⁶⁾.

*

Relativamente à gradação do adjectivo, citarei o emprêgo da conjunção comparativa *ca*, nas locuções «*mais ca mim*» <> «*mais do que eu*» e «*mais ca ti*» <> «*mais do que tu*» ⁽²⁴⁷⁾. Não consegui notar esta conjunção em mais nenhuma frase, pois com os outros pronomes e com os substantivos ouvi sempre *que* e *de que* (<> *do que*); ex.: «*manos* (<> *menos*) *qu'eu*», «*mais* ⁽²⁴⁸⁾ *que nós* (ou *vós*)», «*manos qu'él(es)*», «*mais de qu'ela(s)*», «*mais qu'o António*», «*manos qu'o Chico*», etc.

Também ouvi empregar a conjunção comparativa *cuma* (<> *como*) antes de *mim* e *ti* (e até antes de substantivos,

embora muito menos vezes que *cuma*); ex.: «*Atão êl nũ é cuma mim?*» «*Eu sou cuma ti*». «*O burro dêl nũ faz os serviços cumà (<> cuma a) burra*» (249).

Não me lembro de ter ouvido os comparativos *maior* e *menor* da bôca dos ervedosenses analfabetos; substituíram-nos pelas formas analíticas *mais grande* e *mais picâno (-a) <> mais pequeno (-a)* (250). Até pessoas semi-cultas empregaram *mais grande*, na minha presença.

Em duas palavras comuns ao mirandês e ao português popular doutras regiões (251), observei o sufixo superlativo *-issemô (<> issimô)*, simples e duplicado na forma *-essissemô*: — *Sañtissimô* (s. p. m.) — Cristo; — *grandessissimô* (adj.) — muitíssimo grande.

*

No capítulo nomes numerais, apenas encontrei dignas de menção as seguintes locuções multiplicativas: «*dois tantos*», a-par de *dôbro*, e «*três tantos*» <> *triplo* (252).

PRONOME

Do emprêgo de *mim* e *ti* por *eu* e *tu*, falei no parágrafo anterior.

As formas do pronome pessoal da 3.^a pessoa *lhe* e *thes* estão representadas, no ervedosense, por *le* e *les*. Por vezes, *le* desempenha as funções de *les* (253).

A *êl*, proclítico, já me referi ao tratar da apócope, e a *asqueles*, *asquélas* quando me ocupei da epêntese.

*

Dos possessivos, encontrei o peor nome *minha* abreviado na forma *nha* (254), mas só em próclise; ex.: «*Ó nha mãĩ!*» «*Vêu cá onf'a nha filha?!*»

Võssemecê, fórmula de tratamento muito empregada em Ervedosa, é suficientemente conhecida para que se justifique esta simples menção. A *você* dão sentido depreciativo.

*

Os ervedosenses pronunciam *êsta(s) <> esta(s)* e *êssa(s) <> essa(s)*. Será êste facto devido à manutenção do som *ê* < lat. *i*, pois, segundo o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos (255),

esta vem de *ista* e *essa* de *ipsa*? ⁽²⁵⁶⁾ Ou por contaminação das formas masculinas *êste*, *êsse*? Mas, admitindo qualquer destas hipóteses, por que razão o mesmo fenómeno não atingiu *êla* e *aquêla*? Pela influência das inúmeras palavras terminadas em *-êla*? ⁽²⁵⁷⁾

Como é natural relacionar-se o artigo definido com os pronomes demonstrativos, apontarei aqui duas frases em que aparece a forma arcaica daquele artigo: «*Vinha i êla mai lo (<> mais o) home*». «*Incontrei-a n'Antre las Casas (nome duma propriedade rústica)*» ⁽²⁵⁸⁾.

Outro sôa sempre *ôitro* ⁽²⁵⁹⁾, pois, como já disse ao tratar do ditongo *ou*, no ervedosense há forte tendência para transformar êste ditongo em *ôi*.

Êste vocábulo é também empregado como pronome indefinido nas frases: «*Cumo diz o ôitro*», «*Cumò (<> Cumo o) ôitro que diz*» equivalentes a «*Como se diz*» «*Como dizem*» ⁽²⁶⁰⁾.

Ambos aparece quâsi sempre nesta locução: «*ambos de dois*» ⁽²⁶¹⁾.

Muito, quer como pronome indefinido quer como advérbio, é sempre pronunciado *mũto*. Sucedeu, neste vocábulo, ao ditongo nasal *ũi* (pois, como se sabe, no português normal *muito* sôa *mũito*) o que se deu com o oral *ui* em várias palavras que citei a propósito de *Mumanta* (sincope) ⁽²⁶²⁾.

Muitas vezes êste pronome é substituído pela locução pronominal indefinida «*qu'eu sei lá*», a qual é muito frequentemente transformada em «*ca sôi lá*»; ex.: «*Tãĩ prédios e dinheiro ca sôi lá!*» <> «*Tem muitos prédios e muito dinheiro*».

Antes de *tempo* preferem, às vezes, a locução «*mais de canto*» <> «*mais de quanto*» a êste mesmo pronome; e chegam até a suprimir a palavra *tempo*, ficando «*mais de canto*», a significar «*muito tempo*»; ex.: «*Stou à tua spêra há mais de canto [tampo]!*»

Mais duas locuções pronominais indefinidas, muito usadas em Ervedosa, são: «*uns cantos*», «*uns poucos*». Teem ambas a significação de *alguns* e formam o feminino regularmente.

De *cal* <> *qual*, *calquer* <> *qualquer* (pl. *cais*, *caisquer*) e *canto* ⁽²⁶³⁾ <> *quanto*, já falei quando tratei do grupo *qu*.

Resta-me apontar as seguintes frases, cuja explicação per-

tence à fonética sintáctica: «*Qu'a dél?*» «*Qu'a déla?*» equivalentes a «*Que é [feito] dêle (dela)?*» «*Onde está êle (ela)?*»

VERBO

Parafraseando a conhecida afirmação de Diomedes, posso dizer afoitamente «*est verbum velut sermonis anima*»; e, como tal, devo consagrar-lhe algumas páginas para ficarem bem vincadas as diferenças que, na flexão verbal, se notam entre o português normal e o falar ervedosense.

Começarei por enunciar os tempos simples de três verbos regulares, um de cada conjugação:

Intrar(e)

Indicativo

	PRESENTE	intrâmos
antro		intrástâis
antras		intrárû
antra		
intrâmos		MAIS QUE PERFEITO
intrais, intraides		
ântraũ		intrara
		intraras
	IMPERFEITO	intrara
intrava		intrâramos
intravas		intrârâis
intrava		intrárû
intrávamos		FUTURO
intrávâis		intrarei(e)
intrávaũ		intrarás
	PERFEITO	intrará(e)
intrei(e)		intrarâmos
intrastes		intrareis, intrareides
introu(e)		intrarão

Condicional ⁽²⁶⁵⁾

intraria	intraríamos
intrarias	intrariâis
intraria	intraríaũ

Imperativo

antra intrai(de)

Conjuntivo

	PRESENTE	FUTURO (E INFINITIVO PESSOAL)
antre		
antres		intrar(e)
antre		intrar(ê)s
ântremos		intrar(ê)
ântrâis		intrarmos
ântrâi		intrârais
		intrârâi
	IMPERFEITO	
intrasse		GERÚNDIO
intrasses		intrando
intrasse		
intrássemos		PARTICÍPIO PASSADO
intrássâis		
intrássâi		intrado

Bobêr(e)

Indicativo

	PRESENTE	bobêstâis
bêbo		bobêrũ
bébes		
bébe		MAIS QUE PERFEITO
bobâmos		
bobêis, bobêides		bobêra
bébâi		bobêras
	IMPERFEITO	bobêra
bobia		bobêramos
bobias		bobêrais
bobia		bobêrũ
bobiamos		
bobiaís		FUTURO
bobfaũ		boberei(e)
	PERFEITO	boberás
bobí(e)		boberá(e)
bobêstes		boberâmos
bobêu(e)		bobereis, bobereides
bobâmos		boberão

Condicional

b _o beria	b _o beríamos
b _o berias	b _o beriaís
b _o beria	b _o beriaũ

Imperativo

bébe	b _o bei(de)
------	------------------------

Conjuntivo

	PRESENTE	FUTURO (E INFINITIVO PESSOAL)	
bêba		b _o bêr(e)	
bêbas		b _o bêr(e)s	
bêba		b _o bêr(e)	
bêbamos		b _o bêrmos	
bêbais		b _o bêraís	
bêbaũ		b _o bêraĩ	
	IMPERFEITO		GERÚNDIO
b _o bêsse		b _o bando	
b _o bêsses			
b _o bêsse			
b _o bêssemos			PARTICÍPIO PASSADO
b _o bêssais			
b _o bêssai		b _o bido	

Partir(e)*Indicativo*

	PRESENTE	partiamos	
parto		partiaís	
partes		partiaũ	
parte			
partimos			PERFEITO
partis, partides		partí(e)	
pártai		partistes	
	IMPERFEITO	partiu(e)	
partia		partimos	
partias		partistais	
partia		partiraũ	

MAIS QUE PERFEITO

FUTURO

partira	partirei(e)
partiras	partirás
partira	partirá(e)
partiramos	partirâmos
partirâis	partireis, partireides
partiraũ	partirão

Condicional

partiria	partiríamos
partirias	partiriâis
partiria	partiriaũ

Imperativo

parte	partide
-------	---------

Conjuntivo

	PRESENTE	FUTURO (E INFINITIVO PESSOAL)
parta		
partas		partir(e)
parta		partir(e)s
pártamos		partir(ẽ)
pártâis		partirmos
pártaũ		partirâis
	IMPERFEITO	partirái
partisse		GERÚNDIO
partisses		partindo
partisse		
partissemos		PARTICÍPIO PASSADO
partissâis		
partissâi		partido

*

Para evitar repetições escusadas, apresentarei aqui, num só conspecto, as terminações dos verbos regulares das três conjugações, a fim de fazer a devida análise das que não são comuns ao português normal.

TERMINAÇÕES

<i>Indicativo</i>	I	II	III
PRESENTE	— o	— o	— o
	— a-s	— e-s	— e-s
	— a	— e	— e
	— â-mos	— â-mos	— i-mos
	{ — a-is	{ — e-is	{ — i-s
	{ — a-ides	{ — e-ides	{ — i-des
IMPERFEITO	— a-ũ	— â-i	— â-i
	— a-va	— i-a	— i-a
	— a-va-s	— i-a-s	— i-a-s
	— a-va	— i-a	— i-a
	— â-va-mos	— i-amos	— i-amos
	— â-vâ-is	— i-â-is	— i-â-is
PERFEITO	— â-va-ũ	— i-a-ũ	— i-a-ũ
	— ei(e)	— i(e)	— i(e)
	— astes	— êstes	— istes
	— ou(e)	— êu(e)	— iu(e)
	— âmos	— âmos	— imos
	— âstâis	— êstâis	— istâis
MAIS QUE PERFEITO	— ârũ	— êrũ	— irãũ
	— a-ra	— ê-ra	— i-ra
	— a-ra-s	— ê-ra-s	— i-ra-s
	— a-ra	— ê-ra	— i-ra
	— â-ra-mos	— ê-ra-mos	— i-ra-mos
	— â-râ-is	— ê-râ-is	— i-râ-is
FUTURO	— â-rũ	— ê-rũ	— i-ra-ũ
	— ar-ei(e)	— er-ei(e)	— ir-ei(e)
	— ar-ás	— er-ás	— ir-ás
	— ar-a(e)	— er-á(e)	— ir-á(e)
	— ar-âmos	— er-âmos	— ir-âmos
	{ — ar-eis	{ — er-eis	{ — ir-eis
CONDICIONAL	{ — ar-eides	{ — er-eides	{ — ir-eides
	— ar-ão	— er-ão	— ir-ão
	— ar-ia	— er-ia	— ir-ia
	— ar-ias	— er-ias	— ir-ias
	— ar-ia	— er-ia	— ir-ia
	— ar-íamos	— er-íamos	— ir-íamos
	— ar-iaís	— er-iaís	— ir-iaís
	— ar-iaũ	— er-iaũ	— ir-iaũ

IMPE- RAT.	{	— a	— e	— e
		— a-i(de)	— e-i(de)	— i-de

Conjuntivo

PRESENTE	— e	— a	— a
	— e-s	— a-s	— a-s
	— e	— a	— a
	— e-mos	— a-mos	— a-mos
	— â-is	— â-is	— â-is
	— â-í	— a-ũ	— a-ũ
IMPERFEITO	— a-sse	— ê-sse	— i-sse
	— a-sse-s	— ê-sse-s	— i-sse-s
	— a-sse	— ê-sse	— i-sse
	— á-sse-mos	— ê-sse-mos	— i-sse-mos
	— á-ssã-is	— ê-ssã-is	— i-ssã-is
	— á-ssã-í	— ê-ssã-í	— i-ssã-í
FUTURO (E INFI- NIT. PESSOAL)	— a-r(e)	— ê-r(e)	— i-r(e)
	— a-r(e)s	— ê-r(e)s	— i-r(e)s
	— a-r(e)	— ê-r(e)	— i-r(e)
	— a-r-mos	— ê-r-mos	— i-r-mos
	— á-r-âis	— ê-r-âis	— i-r-âis
	— á-r-ãi	— ê-r-ãi	— i-r-ãi
GERÚND.	— a-ndo	— a-ndo	— i-ndo
PAR. PAS.	— ado	— ido	— ido
INF. IMP.	— a-r(e)	— ê-r(e)	— i-r(e)

OBSERVAÇÕES

1.^a

A transformação em *â* (com ténue ressonância nasal) do *e* da 1.^a pessoa do plural no Indicativo Presente e Perfeito da II conjugação e Futuro das três conjugações, bem como do *á* da mesma pessoa do plural no Indicativo Perfeito da I conjugação, é devida à acção da nasal *m* que se encontra imediatamente após aqueles fonemas, fenómeno a que já aludi ao tratar da vogal nasal *ã*.

2.^a

A 2.^a pessoa do plural aparece-nos com duas formas no Indicativo Presente e Futuro das três conjugações e no Imperativo da I e da II.

A génese da forma não comum ao português normal effectuou-se, a meu ver, do seguinte modo:

No galego, são usadas para a formação da 2.^a pessoa do plural do Imperativo, nos verbos de tema em *a*, quatro terminações: *-ade* (< lat. *-ate*), *-ai* (< **-ae* < *-ade*), *-á* (< *ai*, pela contracção do ditongo), e *-aide* (resultante da fusão das duas primeiras) ⁽²⁶⁶⁾.

Ora, no ervedosense, a terminação correspondente de que estou tratando é também *-aide* e a do mesmo modo e pessoa dos verbos de tema em *i* é *-ide*, como no galego. É fácil de supor que estas duas terminações tivessem contaminado a paralela dos verbos de tema em *e*, gerando, a-par dessa comum ao português normal, outra *-eide* que pode assim considerar-se terminação anológica.

Para, conforme creio, evitar confusão com a 1.^a pessoa do singular do Indicativo Perfeito dos verbos de tema em *i*, o povo deixou de empregar a 2.^a do plural do Imperativo dos mesmos verbos, homónima daquela ⁽²⁶⁷⁾, servindo-se apenas da forma terminada em *-ide*, comum ao galego.

Criadas dêste modo as terminações da 2.^a pessoa do plural do Imperativo *-aide* *-eide* e *-ide*, e existindo já no galego e no minhoto a terminação *-ides* na mesma pessoa do Indicativo Presente, não é de estranhar que no ervedosense surgissem, ao lado das formas comuns ao português normal, na 2.^a pessoa do plural do Indicativo Presente, as terminações *-aides*, *-eides* e *-ides*. Esta criação anológica foi ainda reforçada pelo seguinte confronto, inconsciente embora:

-ai está para *-ais*, e *-ei* está para *-eis* (formas primárias), como *-aide* para *-aides* e *-eide* para *-eides* (formas secundárias).

Mas a analogia ainda não ficou por aqui; estendeu-se ao Indicativo Futuro das três conjugações regulares. Como a terminação da 2.^a pessoa do plural, neste tempo, acabava em *-eis* tónico, a pessoa correspondente do Indicativo Presente dos verbos de tema em *e*, que, como acima disse, já possuía duas terminações simultâneas (*-eis* e *-eides*), actuou sobre aquela e gerou nova forma, igual à sua secundária.

Foi assim, em meu entender, que se originaram as terminações duplas, patentes no quadro que estou analisando ⁽²⁶⁸⁾.

3.^a

Acêrca do ditongo *aũ* átono que termina a 3.^a pessoa do plural de vários tempos, bem como da sua redução a *ũ* no Indicativo Perfeito e Mais que Perfeito dos verbos de tema em *a* e em *e*, já discorri o suficiente na parte da Fonética dedicada ao ditongo.

4.^a

Como já disse na parte que acabo de citar, a nasalização da subjuntiva do ditongo *ãi* foi resultante do som nasal da base. A passagem de *em* (< lat. *-en(t)*) a *-ãi* observa-se no português normal, porque, como muito bem nota o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos (²⁶⁹), «a orthographia litteraria *-em* é apenas para os olhos, pois a pronúncia culta é *ãi*, por ex.: *devem* pronuncia-se *dévãi* (com *a* fechado, já se entende).» Ora foi a base dêste ditongo *-ãi* que assimilou a subjuntiva, nasalando-a, do que resultou a forma *-ãi* que é um ditongo nasal completo.

5.^a

Antes de *s* manteve-se aquele ditongo semi-nasal que constituiu uma outra característica da flexão verbal ervedosense (²⁷⁰): — Excepto no Indicativo Presente e Futuro e no Imperativo, a terminação da 2.^a pessoa do plural acaba sempre em *-ãis* átono.

Na minha desautorizada opinião, a génese desta forma efectuou-se no Conjuntivo Imperfeito, sob a acção da terminação da 3.^a pessoa do plural. O contágio da nasalidade da 3.^a para a 2.^a pessoa é compreensível: talvez quando ainda diziam *êls chamássai, batêssai, pedíssai*, os ervedosenses fôsem levados a dizer, por analogia, *vós chamássais, batêssais, pedís-sais*, em vez de *vós chamásseis, batêsseis, pedísseis*.

A passagem de *eis* e *ãis* não é difícil de conceber-se nem de realizar-se, sobretudo quando os ditongos *ei* e *ãi* se encontram no mesmo tempo e em formas tão semelhantes como as que acabo de mencionar.

Depois de alterada assim esta terminação, outros tempos a adoptaram, por analogia; para o que não foi de pequena monta a influência da nasalidade existente em tôdas as terminações da 3.^a pessoa do plural. E, a meu ver, esta contamina-

ção de formas deu-se quando o actual ditongo átono *-aũ* ainda não perdera a nasalidade do *a*, soando, por isso, *-ãũ* ou *ãũ*.

Os tempos contagiados em primeiro lugar foram aqueles cuja 2.^a pessoa do plural terminava em *-eis* (como ainda actualmente no português normal): Indicativo Imperfeito e Mais que perfeito; Condicional e Conjuntivo Presente. Neste último tempo, só se deu a nasalação depois da mudança do acento para a penúltima sílaba; enquanto fôsse tónico, o ditongo *ei* não sofreria aquela contaminação.

No Indicativo Perfeito, houve primeiramente a ditongação do *e* da terminação *-stes*, fenómeno comum a vários outros falares portugueses (271) e que eu próprio observei na pronúncia de pessoas dotadas de razoável cultura. A mudança para *ã* do *e* da terminação *-steis* efectuou-se depois pela influência da terminação *-ãis* dos outros tempos.

E foi tal o poder desta influência que, no Conjuntivo Futuro (e Infinitivo pessoal), fêz desaparecer a desinência *-des* e ocupou o seu lugar

Dêste modo chegou a dominar em todos os tempos, salvo nos que indiquei no comêço desta observação.

6.^a

Aludi ainda há pouco à terminação *-steis* da 2.^a pessoa do plural do Indicativo Perfeito. Segundo o Sr. Dr. J. J. Nunes (272), é ela de criação anológica resultante do confronto com as terminações em *-eis* da mesma pessoa, predominantes na flexão verbal.

A 2.^a do singular do mesmo tempo, aparece-nos terminada em *-stes*. O *s* final poderá, a meu ver, explicar-se também pela analogia com a terminação sigmática da mesma pessoa em todos os outros tempos, o que também acontece nas terminações de igual tempo, no galego, *-ches* e *-stes* (273).

7.^a

Outra alteração devida à analogia é o recuo do acento para a sílaba anterior, observado nas 1.^a e 2.^a pessoas do plural do Conjuntivo Presente. Como as outras quatro formas são rizotónicas, aquelas duas acompanharam-nas, porque neste caso teve mais força a analogia do que a lei da persistência do acento e a aversão aos proparoxitonos manifestada pela ervedosense (274).

No dizer dos gramáticos que consultei, o galego mantém ainda, nestas formas, o acento latino. Mas igual afirmação teu sido feita a respeito do Indicativo Imperfeito ⁽²⁷⁵⁾ e, todavia, Lugris Freire ⁽²⁷⁶⁾, na sua gramática, publicada em 1922, apresenta como esdrúxulas a 1.^a e a 2.^a pessoas do plural dêste tempo. São palavras dêle: «Adoptamos a forma esdrúxula neste tempo despois de estudiálo ben e de consultalo con persoas peritas na nosa fala.»

Sinal de que a analogia segue triunfante.

8.^a

Nos três verbos que apresentei como paradigmas e neste quadro das terminações, escrevi entre parêntesis o *-e* paragógico a que já me referi na Fonética, ao tratar da paragoge.

Também coloquei entre parêntesis o *e* da terminação da 2.^a pessoa do singular do Conjuntivo Futuro (e Infinitivo pessoal), para indicar que, no falar ervedosense, é muito freqüente a supressão daquele fonema.

Mas nas formas verbais que ainda tiver de citar neste trabalho, não tornarei a mencionar o *-e* paragógico, nem a encerrar em parêntesis o *e* do Conjuntivo Futuro (e Infinitivo pessoal), a que fiz referência nesta observação.

*

Para terminar estas anotações à flexão verbal regular ervedosense, resta-me apontar três casos que observei naquele falar:

1.^o — Sempre que ouvi empregar o Indicativo Mais que perfeito foi com a função de Condicional;

2.^o — Na posposição do pronome *o* (*a*, *os*, *as*), nunca notei a transformação em *l* do *-s* final das formas verbais, como no português normal. Em vez da manutenção desta assimilação antiga, intercalam a semivogal *i* do seguinte modo: — *comâ-mos-i-o* <> *comêmo-lo*, *tu chamas-i-a* <> *tu chama-la*, *partistâis-i-os* <> *partiste-los*, *comprariâmos-i-as* (o povo nunca intercala os pronomes) <> *comprá-las-iâmos*, etc., etc. ⁽²⁷⁷⁾;

3.^o — O sufixo verbal *-iar* é muito freqüentemente substituído pelo *-ear*, do que resulta ouvirem-se a cada passo frases como estas: «*Agoneia-se m'o 'stâmago*». «*O lampeão nũ alumeia nada*».

*

Passemos agora aos verbos irregulares ⁽²⁷⁸⁾.

abrir

IND.-PRES.: aibro <> abro.

CONJ.-PRES.: aibra, aibras, aibra, áibramos, áibrâis, áibrañ.

(Diz o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos que *aibro* assenta no lat. *ap'rio* (< *ap'rire*). Do mesmo modo, se podem explicar pelas formas sincopadas do Conj. lat. *ap'ria(m)*, etc. as restantes formas dialectais).

amuar-se

Nas formas rizotónicas, muda o *u* em *ô*, por analogia com os verbos terminados em *-oar* (*atroar*, *doar*, *soar*, etc.)

Igual fenómeno se verifica nos verbos *consuar* e *suar* (<> *transpirar*). Ex.: *êl amôa-se*, *que nós consôemos*, *eu sôo*, etc. ⁽²⁸⁰⁾.

c'rêr <> querer

Indicativo

PRESENTE		PERFEITO	
<i>quero</i>		<i>quije</i>	
{ <i>quers</i>		<i>quijestes</i>	
{ <i>quês</i>		<i>quije</i>	
<i>quar</i>		<i>quijâmos</i>	
<i>c'râmos</i>		<i>quijéstâis</i>	
{ <i>c'reis</i>		<i>quijêrũ</i>	
{ <i>c'reides</i>			
{ <i>c'randes</i>			
<i>quêrâi</i>			MAIS QUE PERFEITO
IMPERFEITO			
<i>c'ria</i>		<i>quijêra</i>	
<i>c'rias</i>		<i>quijêras</i>	
<i>c'ria</i>		<i>quijêra</i>	
<i>c'riamos</i>		<i>quijêramos</i>	
<i>c'riâis</i>		<i>quijêrâis</i>	
<i>c'riãũ</i>		<i>quijêrũ</i>	

	FUTURO	querâmos
querei		{ quereis
querás		{ quereides
querá		querão

Condicional

(Igual ao IND.-IMPERFEITO)

Conjuntivo

	PRESENTE	quijær	
queira		quijærmos	
queiras		quijærâis	
queira		quijærãi	
quêiramos			INFINITIVO PESSOAL
quérâis		c'rêr	
quêiraũ		c'rêrs	
	IMPERFEITO	c'rêr	
quijêsse		c'rêrmos	
quijêsses		c'rêrâis	
quijêsse		c'rêrãi	
quijêssemos			GERÚNDIO
quijêssâis		c'rando	
quijêssãi			
	FUTURO		PARTICÍPIO PASSADO
quijær			
{ quijærs			
{ quijæs		c'rido	

(A síncope do *e* no Infinitivo, no Gerúndio, no Particípio, no Indicativo Presente — formas arrizotónicas — e Imperfeito, e no Condicional, teve a mesma causa que a já observada no vocábulo *sprança* (V. Síncope). Da mesma síncope na 2.^a pessoa do singular do Ind.-Presente, Conj.-Futuro e Inf.-pessoal, falei na Obs. 8.^a à flexão verbal regular. Emprego o apóstrofo nestas formas sincopadas, para evitar confusão com as do verbo *crer*.)

Sôbre as formas *quês* e *quijês*, e tôdas as outras que teem -j-, cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 438, e « Dialectologie », p. 140; e Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 340.

Nas formas *quês*, *quijês*, *dixês*, e semelhantes, houve assimilação do *r* ao *s*.

No português arcaico, bem como no galego, encontra-se o futuro *querrei, querrás*, etc. ⁽²⁸¹⁾.

A forma *c'randes*, do Indic.-Presente, deve ser — como *sandes* do verbo *ser* — resultante de analogia com *tandes*, 2.^a pessoa do plural do mesmo tempo e modo do verbo *ter*).

dar ⁽²⁸²⁾

CONJ.-PRESENTE: *deia, deias, deia, déíamos, déiãis, deiaũ*.

(Em galego, também há, no Conj.-Presente, *dea = dia = deña, deas = dias, dea = dia = deña*, e, no Imperativo, 3.^a pess. sing. *dea = dia*, e 3.^a pess. pl. *dean = dian* ⁽²⁸³⁾).

Segundo o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos ⁽²⁸⁴⁾, «estas formas explicam-se pelo lat. vulg. **deam*, alongamento de *dem*.»

São também quasi tôdas comuns ao português popular doutras localidades) ⁽²⁸⁵⁾.

dezêr

Indicativo

	PERFEITO	<i>dixera</i>	
<i>dixe</i>		<i>dixêramos</i>	
<i>dixêstes</i>		<i>dixêrãis</i>	
<i>dixe</i> ⁽²⁸⁶⁾		<i>dixêrũ</i>	
<i>dixâmos</i>			FUTURO
<i>dixêstãis</i>		<i>dezerei</i>	
<i>dixêrũ</i>		<i>dezêrás</i>	
		<i>dezêrá</i>	
	MAIS QUE PERFEITO	<i>dezêrâmos</i>	
		{ <i>dezereis</i>	
<i>dixera</i>		{ <i>dezereides</i>	
<i>dixêras</i>		<i>dezêrão</i>	

Condicional

<i>dezeria</i>	<i>dezeríamos</i>
<i>dezêrias</i>	<i>dezêriãis</i>
<i>dezeria</i>	<i>dezeriaũ</i>

Imperativo

diz

dezei(de)

Conjuntivo

IMPERFEITO

FUTURO

dixesse

dixésses

dixésse

dixéssemos

dix-essâis

dixéssãĩ

direr

(*dixers*

diaras

dicar

dixeramos

dixərāis

dicārāi

(Acêrca das formas que teem -x-, ver Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 334; Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 441 e 442, e «Dialectologie», p. 139; e as obras citadas de Diego e de Lúgris Freire, nos parágrafos relativos à flexão do verbo *Dicir* = *Decir* = *Decer* = *Dicer*. Cfr. também as formas do Ind.-Futuro e do Condicional com os galegos *dicirei* = *decirei*, *diciria*, etc.

A respeito de *dixas*, cfr. as observações ao verbo *c'rer* < > *querer*.

Cito o Imp. *diz*, que é até usado na conversação de gente culta, por o Sr. Dr. J. J. Nunes — loc. cit. nesta observação — se referir a *ê*le).

doer

IND.-PRESENTE: *dóio* (287).

CONJ.-PRESENTE: *dôia, dôias, dóia, dôiamos, dóiãis, dóiaũ.*

Idênticamente se conjugam os verbos *moer* e *roer*.

(As formas que apresento do verbo *doêr* são comuns ao galego e ao português popular doutras regiões ⁽²⁸⁸⁾).

fazêr

Indicativo

PERFEITO

fje

fjéstes

fêz

siñamos

fjéstāis

fjorū

MAIS QUE PERFEITO	FUTURO
<i>fijera</i>	fazerei
<i>fijeras</i>	fazerás
<i>fijera</i>	fazerá
<i>fijéramos</i>	fazerâmos
<i>fijerâis</i>	{ fazeréis
<i>fijerũ</i>	{ fazeréides
	fazerão

Condicional

fazeria	fazeríamos
fazérias	fazeriãis
fazéria	fazeriaũ

Conjuntivo

IMPERFEITO	FUTURO
<i>fijésse</i>	fijer
<i>fijesses</i>	{ fijers
<i>fijésse</i>	{ fijes
<i>fijéssemos</i>	fijer
<i>fijessãis</i>	fijermos
<i>fijessãĩ</i>	fijerâis
	fijerãĩ

(Cfr. o que, sôbre estas formas irregulares, diz o Sr. Dr. J. J. Nunes, na p. 335 da sua citada obra.

Sôbre a forma *fijás*, cfr. as observações ao verbo *c'rer* < > *querer*).

haver

Notei o emprêgo das formas contractas *hâmos* e *heis*, de preferência às formas plenas *havemos*, *haveis*.

ir

Em lugar de *vades* (2.^a pess. pl. do Conj.-Presente), usam a correspondente forma do Indicativo *ides* (cfr. n. 274).

mintir

Indicativo

	PRESENTE	mintimos
minto		{ mintis
mantes		{ mintides
mante		mântai

Conjuntivo

	PRESENTE	mintá
		mintamos
mintá		mintâis
mintas		mintau

Nas formas arrizotónicas mantém-se o fonema *i* átono.
De igual modo se conjuga o verbo *sintir*.

(Os infinitivos *mintir* e *sintir* são comuns a falares portugueses doutras regiões e ao galego; no mirandês também se encontra *mintir*. Ver, a este respeito, Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 57 e 347; e Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 238, 239, e II, p. 198).

ouvir

PARTICÍPIO PASSADO: ouvisto.

(Por analogia com *visto*, igual forma do verbo *ver*, segundo o Sr. Dr. J. J. Nunes) ⁽²⁸⁹⁾.

pôr

IND.-PRESENTE: *pujâmos*, por pômos.

	PERFEITO	MAIS QUE PERFEITO
pus ⁽²⁹⁰⁾		<i>pujara</i>
<i>pujêstes</i>		<i>pujaras</i>
<i>pôs</i>		<i>pujara</i>
<i>pujâmos</i>		<i>pujaramos</i>
<i>pujéstâis</i>		<i>pujárâis</i>
<i>pujêrũ</i>		<i>pujêrũ</i>

Conjuntivo

IMPERFEITO	FUTURO
<i>pujésse</i>	<i>pujær</i>
<i>pujéssees</i>	{ <i>pujærs</i>
<i>pujésse</i>	{ <i>pujæs</i>
<i>pujéssemos</i>	<i>pujær</i>
<i>pujessãis</i>	<i>pujærmos</i>
<i>pujessãĩ</i>	<i>pujærãis</i>
	<i>pujærãĩ</i>

PARTICÍPIO PASSADO: pósto.

(A respeito destas formas, ver Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 338-339.

O emprêgo de *pujâmos* por *pômos*, no Ind.-Presente, resulta da confusão entre o Presente e o Perfeito que, nesta pessoa, se dá também nos verbos *ver* e *vir*.

Acêrca de *pujæs*, ver o que fica dito nas anotações ao verbo *c'rêr* <> *querer*).

rejestir*Indicativo*

PRESENTE	
<i>rejesto</i>	<i>rejestimos</i>
<i>rejestes</i>	{ <i>rejestis</i>
<i>rejeste</i>	{ <i>rejestides</i>
	<i>rejestãĩ</i>

Conjuntivo

PRESENTE	
<i>rejista</i>	<i>rejista</i>
<i>rejistas</i>	<i>rejistamos</i>
	<i>rejistãis</i>
	<i>rejistaũ</i>

Nas formas arrizotónicas mantem-se o *e* na sílaba *-jes-*.

(O infinitivo *rejestir* é comum ao mirandês ⁽²⁹¹⁾; Diego menciona, como forma galega e castelhana arcaica, *registir* ⁽²⁹²⁾. Cfr. também a forma alentejana *rezestex*) ⁽²⁹³⁾.

sabêr

IND.-PERFEITO: 1.^a pess. sing. sube <> soube.

(Forma comum a falares portugueses doutras localidades) ⁽²⁹⁴⁾.

screvêr

PARTICÍPIO PASSADO: screvido.

(Forma analógica devida à tendência para a regularização das flexões que se nota na linguagem infantil e na das pessoas incultas).

sêr

Indicativo

PRESENTE: sâmos <> sômos, seis e sandes <> sois.

PERFEITO: foi (em próclise) <> fui, fumos ⁽²⁹⁵⁾ <> fômos.

Nunca ouvi empregar a 2.^a pess. sing. do Imperativo; a do plural é *seide*.

(As formas *sâmos* e *sandes* são analógicas ⁽²⁹⁶⁾; e creio que à mesma categoria pertencem *seis* — Ind.-Pres. — e *seide* — Imperativo —. As primeiras, por influência das correspondentes pessoas dos verbos *têr* e *pôr*; as segundas, pela acção das mesmas pessoas dos verbos regulares de tema em *e*.

A forma *foi* <> *fui* é comum a outros falares portugueses ⁽²⁹⁷⁾.

Fumos aparece também no galego) ⁽²⁹⁸⁾.

suprir

IND.-PRESENTE: 3.^a pess. sing. sopra; 3.^a pess. plural sóprâl.

(Estas formas são muito empregadas com referência a qualquer alimento; ex.: «*Êstes feijões sóprâl mais qu'aquêls*». A *suprir* dão a significação de *aumentar* ⁽²⁹⁹⁾.

Esta metafonia é devida a analogia com os verbos em que se dá o mesmo no português normal: *cobrir*, *dormir*, etc. Terá também influído nela o verbo *(as)soprar* ?) ⁽³⁰⁰⁾.

têr

IND.-PRESENTE: tâho, tâis, tâi, tâmos, tandes e tândâis, tâiâl.

IMPERATIVO: tâi, tande.

(Desprezando as particularidades fonéticas de que tratei na parte a elas referente, quero notar aqui apenas a manutenção do ditongo *ãi* antes de *s*, na forma *tâis* ⁽³⁰¹⁾, e a dualidade de pronúncia da 2.^a pess. pl. do Ind.-Presente.

A forma *tandes*, depois de ter contribuído para a génese das formas *c'randes* e *sandes*, respectivamente dos verbos *c'rêr* <> *querer* e *sêr*, sofreu já a influência da terminação átona *-âis*, predominante na flexão verbal *ervedosense*. Assim, muito poucas vezes ouvi a *ervedosenses* incultos pronunciar *tandes*, sendo *tândâis* a forma corrente na boca do povo) ⁽³⁰²⁾.

trazêr

Indicativo

	PERFEITO	<i>troixêra</i>	
truxe ⁽³⁰³⁾		<i>troixêramos</i>	
<i>troixêstes</i>		<i>troixêrâis</i>	
<i>troixe</i>		<i>troixêrũ</i>	
<i>troixâmos</i>			FUTURO
<i>troixêstâis</i>		trazerei	
<i>troixêrũ</i>		trazêrás	
		trazêrá	
	MAIS QUE PERFEITO	trazerâmos	
		{ trazereis	
<i>troixêra</i>		{ trazereides	
<i>troixêras</i>		trazerão	

Condicional

trazeria	trazeríamos
trazérias	trazeriâis
trazeria	trazeriãũ

Conjuntivo

IMPERFEITO		FUTURO
<i>troixésse</i>	<i>troixær</i>	
<i>troixésses</i>	{ <i>troixærs</i>	
<i>troixésse</i>	{ <i>troixæs</i>	
<i>troixéssemos</i>	<i>troixær</i>	
<i>troixéssãis</i>	<i>troixærmos</i>	
<i>troixéssãĩ</i>	<i>troixærãis</i>	
	<i>troixærãĩ</i>	

(Acêrca de *truaxe*, ver Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 340, n. 2; e Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 393, n. 3, e 439. Sôbre *troixe*, ver p. 141 da «Dialectologie» dèste último autor.

De *troixæs* nada mais há que dizer, além do que anotei na observação relativa a *c'rér* <> *querer*.

A respeito de tôdas as outras formas, cfr. as obras citadas de Diego e do Sr. Dr. J. J. Nunes, p. 145 e 342-343, respectivamente).

vêr

IND.-PRESENTE: *veijo*, *vês*, *vê*, *vimos*, *veis* e *veides*, *véiãl*.

IMPERATIVO: sing. *vê*; plural *vei* e *veide*.

(Como nos verbos *ter* e *vir*, se menciono tôdas as formas do Ind.-Presente, é apenas para indicação da sua pronúncia.

De interêsse morfológico é o emprêgo das formas *veis* e *veides* no Ind.-Presente, e *vei* e *veide* no Imperativo. São formas analógicas, devidas à influência da conjugação regular.

Vimos, por *vemos*, é resultante de confusão entre o Presente e o Perfeito do Indicativo, idêntica à que se deu nos verbos *pôr* e *vir*).

vir

IND.-PRESENTE: *vânho*, *vâls*, *vâi*, *viâmos*, *vindes*, *vâiãl*.

PERFEITO: *vi*, *viéstes*, *vêu*, *viâmos*, *viéstãis*, *viêrũ*.

(A respeito de *-ãis*, na forma *vãis*, ver o que ficou dito na anotação ao verbo *ter*.

À confusão entre o Presente e o Perfeito que se nota em *viâmos* — Ind.-Presente —, por *vimos*, já aludi ao tratar dos verbos *pôr* e *vêr*.

Acêrca da forma *vêu*, por *veio*, cfr. Dr. Leite de Vas-

concelos, F. P., p. 374, F. M., I, p. 441, e «Dialectologie», p. 141).

*

E foram estas as observações que pude realizar acêrca da flexão verbal ervedosense.

PARTÍCULAS

Neste capítulo terei de restringir-me a citações avulsas, o que, diga-se, não destôa muito da índole dêste trabalho que deve considerar-se mais como repositório de observações dialectais do que como estudo filológico pròpriamente dito.

a) Advérbios

Locuções dubitativas muito freqüentemente empregadas:

Por i; ex.: «São por i coranta» <> «São talvez quarenta». «É por i algum bicho» (por i <> talvez).

Às vezes; ex.: «Nũ vá às vezes êl chigare...» (às vezes <> por acaso), «Pode, às vezes, ser êle» (às vezes <> talvez).

Com o sentido de *não*, ouvi muitas vezes empregar a palavra *àgora* ⁽³⁰⁴⁾; ex.: — «Stás doante, repaz? — Àgora! Stou aqui a descansare».

Também, em ervedosense, é usado o pronome *isso*, como negação enfática; ex.: — «Olha qu'o cachôrro com'o coêlho! — Isso com'êlé!» ⁽³⁰⁵⁾.

A propósito dêste emprêgo adverbial, citarei ainda aqui o seguinte trecho dum diálogo que ouvi: — *S'eu nũ quijêsse, havias de ver s'eu te davò (<> dava o) dinheiro! — (milagre de dars!) (<> Havias de dar, custasse o que custasse!)*

Não, em próclise, sôa sempre *nũ*; em pausa, sempre *não* ⁽³⁰⁶⁾.

É muito usado o advérbio *bem*, para designar quantidade; ex.: «É bãĩ alto!» <> «É muito alto», «Nũ é bãĩ branco» <> «Não é suficientemente branco».

Chegam a torná-lo adjectivo pronominal indefinido; ex.: «Havia lá bãĩ hómãis» <> «Havia lá muitos homens».

Este mesmo advérbio seguido de *feito* constituiu uma locução adverbial de modo, muito em voga na linguagem ervedosense. Significa *bem, com precisão, com exactidão*; ex.: «*Nũ l'acertei bãĩ feito*», «*Se l'apanho bãĩ feito, sgano-te!*», «*Chigastes lá bãĩ feito?*» (<> «*Chegaste mesmo lá?*»). «*Nũ s'ouve ali bãĩ feito*» (<> «*Ali não se ouve bem*») (307).

Então está representado, no ervedosense, por *antão* e *atão* (devido a dissimilação *a-ã* de *ã-ã*). Esperar-se-ia *intão*, segundo a regra que mencionei na Fonética (308).

O advérbio *onde*, quer só quer nas suas ligações com as preposições *a* e *de*, foi por mim várias vezes ouvido pronunciar com *d* inicial (cfr. o castelhano *donde*); ex.: «*Donde stavas?*», «*Adonde fôstais?*», «*De donde vêu êle?*», «*Na casa donde morava...*», etc.

Além de vários advérbios comuns ao galego que já foram mencionados nas páginas antecedentes, como *despois, onte, sòmantes*, etc., quero ainda aqui citar as locuções seguintes: *a eito, òs poucos* (<> *a pouco e pouco*), *de scãicha pernas* (com as pernas afastadas, como quando se vai a cavalo; gal. *a canchapernas*), *a vuler*; *ò cabo* (<> *por fim*), *ĩ diante* (gal. ant. *yndiante*, mod. *endiante*); *arriba, ã riba* (<> *acima, em cima*; gal. *arriba, enriba*).

O galego e português *amiúde* é quasi sempre substituído por *a-miúdo* também galego.

Semelhante à galega *de cote* é a locução ervedosense *a cote* (<> *a uso, diariamente*; ex.: «*Agora trago êsta roupa a cote*». *De cote* passou a locução adjectiva; ex.: «*Êsta é u a minha roupa de cote*» (*Roupa de cote* <> *roupa de uso*, em contraposição a *roupa de ver a Deus* <> *roupa domin-gueira*) (309).

As *arrastras* (gal.) corresponde a *d'arrastos* (erv.); ex.: «*Alão andas d'arrastos?*!»

Caje (gal.), em ervedosense *caije, caijo* e *acaijo*, já foi citado na Fonética (310).

De rompão (<> *subitamente*) tem o equivalente galego *de romplón*.

E muitos mais.

Mas já bastam estas ligeiras anotações, para se ver como, também neste capítulo, se mantem a par o galego e o português popular falado em Ervedosa do Douro.

b) Preposições, conjunções e interjeições

Quási tôdas as preposições galegas teem forma idêntica à das que existem no português normal.

De *antre*, *despois* e *scontra*, já falei noutro lugar. Aqui mencionarei apenas as locuções prepositivas *enriba de* (<> *erved. ĩ riba de*), *rente de* (*erv. rante de* <> *junto de*), comuns ao *ervedosense* e ao *galego*.

Na locução *por via de* dá-se um caso de fonética sintáctica, semelhante ao de *ca sói lá*, a que já aludi, ao tratar do pronome. A situação das palavras, nessas frases como que estereotipadas, faz com que se modifiquem reciprocamente, sobretudo aquelas em que não recai o acento da frase. Assim, na locução *que eu sei lá*, só a última palavra se manteve inalterada por ter em si o acento; na *por via de*, como é pronunciada rapidamente e subordinada ao acento da palavra que a segue, deu-se um ensurdecimento da única sílaba acentuada que ela tinha e transformou-se em *por vê de*, com o *é* quási átono, como o *è* de *pègada* e o *a* de *activo*.

Outro caso de fonética sintáctica se nota nas locuções adverbiais: *ò pa trás* <> *para trás* e *ò pa riba* <> *para cima*; ex.: *andar ò pa trás* <> *recuar*, *caminhar ò pa riba* <> *subir* (uma encosta). Nestas locuções, o *r* de *trás* e *riba* fêz cair, por dissimilação, o *a* da preposição *p'ra* <> *para*. Com *baixo* e *diante*, nunca se verifica esta síncope; ex.: *caminhar ò p'ra baixo* <> *descer* (uma encosta), *stá lá p'ra diante* ⁽³¹¹⁾.

Das conjunções citarei quási só as que, sendo comuns ao *galego* e ao português popular falado em Ervedosa, não são usadas no português literário, pelo menos na forma em que as apresento aqui.

ca (comparativa. V. as linhas concernentes aos adjectivos), *coma* (*erv. cuma*, também já referida), *cando* <> *quando*, *desque* ⁽³¹²⁾, *en canto* (*erv. ĩ canto*) ⁽³¹³⁾, *despois que*.

Observei a transformação em *a* da conjunção copulativa e na frase *còrtilho a meio* <> *quartilho e meio*, ou *um e meio quartilho* ⁽³¹⁴⁾.

Em «*cheira mal ca pésta!*» verifica-se outro caso de fonética sintáctica; esta frase significa «*cheira muitíssimo mal*» e deve ser corrupção de «*cheira mal, que é peste!*» <> «*cheira tão mal que parece peste!*»

Entre as interjeições galegas, aparecem duas que muito amiúde ouvi em Ervedosa, exactamente com a mesma significação: «*ei* para animar a à los bueyes», diz Garcia de Diego ⁽³¹⁵⁾; e «*xó!* para deter as bestas», *apud* Lugris Freire ⁽³¹⁶⁾.

Para enxotar os porcos, usam naquela povoação a interjeição *côche!* (Cfr. as palavras galegas *cocha* e *cocho*, respectivamente *porca* e *porco*, em português) ⁽³¹⁷⁾.

As interjeições empregadas para o chamamento dos porcos são, pelo que observei, as seguintes:

réco! réca!, nomes com que designam, em algumas províncias, o *porco* e a *porca*;

vicá! e *quiá!*, que podem considerar-se locuções interjectivas, pois são, respectivamente, resultantes da alteração de *vem cá* e de *aqui há* (*silicet* *vianda* <> alimento, em grande parte liquido, destinado aos porcos). A formação destes dois vocábulos é explicável pela fonética sintáctica.

Já na Fonética tratei de *ô-lho!* e de *úlha!* Devo aqui indicar outra interjeição de emprêgo muito freqüente para chamar a atenção de alguém; é ela *ôr'olhe!* (e *ôr'ólhã!*), também pronunciada *ôr'olha!* (e *ôr'olhai!*) ⁽³¹⁸⁾, quando o tratamento tido para com a pessoa ou pessoas a quem ela é dirigida, assim o permite. Como é composta de *ora* + verbo *olhar*, será mais exacto denominá-la locução interjectiva. Também ouvi empregar *ôr'úlha!* para chamar a atenção e manifestar simultaneamente grande admiração.

III

COMPOSIÇÃO E DERIVAÇÃO

Meia dúzia de observações, apenas.

Talvez por analogia com as palavras de origem arábica que começam por *al-*, e talvez também por ser mais sonoro que *ar-* este prefixo, encontram-se no ervedosense alguns vocábulos com *al-* inicial que não o possuem no actual português literário.

Cito cinco: *almário* (comum ao galego) ⁽³¹⁹⁾, *almazã* (*almazém*, no português arcaico); *alquedute* <> *aqueduto* (V. epéntese), *alvidar*, por *olvidar*, e *Alvira* (subs. próprio feminino), por *Elvira*.

O prefixo *des-* aparece, como intensivo, na palavra *desin-*

quéto <> *muito inquieto*, vocábulo que, com leves alterações, aparece noutros falares dialectais ⁽³²⁰⁾.

Como exemplo de combinação de prefixos, menciono a palavra *desòlhado* <> *desòlhado*, que tem olheiras.

*

A-par com o sufixo aumentativo -ão (feminino -óna), é usado -órro (feminino -órra) em *grandórro*, *grandórra* ⁽³²¹⁾. O aumentativo *Grandão* aparece como alcunha posta a um homem de estatura superior à média, o qual, por êsse mesmo motivo, também é chamado *Comprido*. A propósito, direi que a terminação -ão em *Sandão* (que eu já considero apelido, pois não envolve ideia depreciativa) foi resultante de assimilação realizada pela nasal -an-; a meu ver, foi esta a evolução seguida: *sandêu* > **sandêu* > **sandâu* > **sandâu* > *sandâũ* que ortografo *sandão*, pelos motivos que expuz na Fonética.

Dos sufixos diminutivos dignos de nota, mencionarei -ôlo ⁽³²²⁾, -ôto e -êlo; ex.: *terreôlo*, pequena propriedade rústica, e *casinhôlo*, casebre pequenino; *spigôlo*, pequeno espigo, ou grêlo, de couve (cfr. *perdigôto*); já citei *coirêlo* e *panêlo*, a propósito de Madanêlo (V. metátese); *cadêlo* é outro exemplo típico, pois, além de diminutivo (como no lat. *catellus*), é depreciativo; ajuntar-lhes hei ainda *codêlo* (< *códea*), pequeno pedaço de pão, e *cancêlo* que é usado como diminutivo de *cancela*, com uma acentuada modalidade depreciativa, portanto de significação diferente da do étimo lat. *cancellus*.

Um exemplo de composição de sufixos vê-se em *pequerri-chinho* ⁽³²³⁾ e em *beberrichar*, verbo diminutivo-freqüentativo. De *chinchinho* já falei na Fonética (V. haplologia).

Como já disse ao tratar de *dònezinha*, o infix -z- é mais empregado no ervedosense que no português normal; aos dois exemplos ali apontados, acrescento aqui *mòlzinho*, que tem o sentido de *muito mole* ⁽³²⁴⁾.

Sobre os sufixos -issemos e -essíssemos, ver o que ficou dito no capítulo em que tratei do NOME.

Em duas palavras observei o sufixo depreciativo -ête: *cheirête*, mau cheiro (cfr. *reizête*), e *lamb(a)rête*, repreensão (< *lamber*?)

A *-aige* <> *-agem* aludi ao tratar da apócope. Talvez por influência desta terminação, ouvi mais do que uma vez dizer, em Ervedosa, *corje* e *forje*, por *corja* e *forja*.

Ao rematar estas breves anotações, direi ainda que observei, no ervedosense, uma acentuada predilecção pelo sufixo *-eiro*; ex.: *viageiro* <> amigo de viajar, *preguiceiro* <> preguiçoso, *trabalhadeira* <> amiga de trabalhar, etc. ⁽³²⁵⁾.

IV

SINTAXE

Mal valeria a pena iniciar mais uma parte neste despretencioso estudo, se eu não tivesse observado, no ervedosense, uma construção sintáctica que, por analogia, pode contribuir para a explicação da génese do Infinitivo pessoal ⁽³²⁶⁾.

É a posposição da terminação *-mos*, desinência da 1.^a pess. pl. ⁽³²⁷⁾, ao gerúndio, quando se refere a esta pessoa; ex.: «*Nũ sei cumo tanto devãmos, ganhando-mos tanto dinheiro!*» <> «*Nem sei como, ganhando tanto dinheiro, devemos tanto!*», «*Nũ saindo-mos de casa, morrãmos à fome*». <> «*Se não sairmos de casa [para trabalhar], morreremos de fome*».

Para poder estabelecer-se o confronto entre as combinações do gerúndio com as várias pessoas gramaticais, dou, a seguir, alguns exemplos, nos quais aquela forma verbal aparece precedida da preposição *ĩ* <> *em*, construção de uso frequentíssimo no falar ervedosense: «*Ĩ comando, lá irei*». <> «*Quando eu acabar de comer, lá irei*». «*Ĩ tu vindo, te coçarei*». <> «*Quando vieres, te darei o castigo*», «*Ĩ êl chigando, t'o direi*». <> «*Dir-to hei, logo que êle chegue*», «*Ĩ STANDO-MOS co êle, le pedirãmos contas*». <> «*Quando o encontrarmos, lhe pediremos contas*», «*Ĩ vos levantando, m'assantarei*». <> «*Quando vos levantardes, me assantarei*», «*Ĩ êls te chamando, nũ faltes*». <> «*Quando êles te chamarem, não faltes!*» ou, melhor, «*assim que êles te chamarem, vai logo!*»

A observação aí fica. Que a aproveite quem souber e puder, se ela fôr digna de prender, por alguns instantes, a atenção dos estudiosos de filologia.

*

Anàlogamente a outros falares portugueses, no ervedo-sense faz-se grande uso do pronome *êl* <> *êle* com os verbos impessoais e até como sujeito pleonástico ⁽³²⁸⁾; ex.: «*Êl cho-verá hoje?*» «*Êl sampre há cada burro!*» «*Êl a jante sampre faz cada asneira!*»

*

O emprêgo do presente pelo futuro é comum ao português normal (ex.: «*vou lá amanhã*»); mas julguei dignas de serem aqui mencionadas estas duas expressões: *que vem* <> *vindoiro*, e *que nasce* <> *nascituro*. A primeira ouvi-a bastas vezes nestas frases e idênticas: «*P'r'ò ano (ou mês) que vãi*». «*P'rà semana que vãi*». A segunda ouvi-a apenas uma vez e nesta frase: «*Isto (fazenda que estava comprando uma mulher grávida) é p'r'ò que nasce*».

*

Dois exemplos de mudança de significação, de passiva para activa, notam-se nos seguintes participios, o primeiro dos quais já ouvi empregar noutras localidades: *poupado* <> *que poupa*, e *aproveitado* <> *que aproveita*. Há ténue gradação no sentido dum para o outro: «*F. é poupado*» quer dizer «*F. não é pródigo do que possui*»; «*F. é aproveitado*» significa «*F. não deixa perder-se a oportunidade de aumentar o que possui*» (isto é, *poupa o que tem e procura aumentá-lo*) ⁽³²⁹⁾.

*

Findas estas observações principais, agora só casos avulsos poderia anotar, como, por exemplo, a estranha construção do verbo *chamar*, nesta frase: «*Chamei-me a S. Gonçalo e casei*» <> «*Pedi a S. Gonçalo e êle atendeu-me: deu-me marido*»; — a significação de *estar*, neste passo: «*Stou que são ciganos*». <> «*Creio que são ciganos*»; — o emprêgo pleonástico do pronome complemento *o*, nesta locução: «*Mal o haija o home!*»; — e inúmeros *bordões* a que se arrima, no seu falar vagaroso, a gente inculta: *ò depois, ò depois agora, ò depois antão, i agora*, etc.

Mas isto ficaria melhor num estudo lexicográfico metòdicamente organizado, que nestes apontamentos de dialectologia apressadamente alinhavados.

Vamos, portanto, às conclusões.

CONCLUSÃO

De tudo o que fica exposto, parece-me poder salientar-se:

1.º — Que a linguagem falada pelo povo inculto, em Ervedosa do Douro, constitui uma variedade local que estabelece a transição entre os dialectos beirão e duriense, tendo, portanto, características próprias que justificam a expressão com que a designo — *falar ervedosense*;

2.º — Que as principais destas características são: a) representação de *ē* por *ī* quando átono, e por *ā* quando tónico; b) transformação de *e* em *o* antes de *r*; c) redução constante de *qu* e *gu* a *c* e *g*, respectivamente; d) existência dos ditongos *āi*, *āī* e *aū* e da terminação *-ū* (<>-*am*) na flexão verbal; e) desenvolvimento de *i* antes das palatais *ch*, *x*, *j* e *g=j*; f) confusão, na pronúncia, de *ç* com *ss* e de *z* com *-s*; g) terminação em *-de* e *-des* da 2.ª pessoa do plural do Imperativo e do Indicativo Presente e Futuro, respectivamente; h) retracção do acento, na mesma pessoa do Conjuntivo Presente; i) substituição da desinência *-des* pela *-āis*, na mesma pessoa do Conjuntivo Futuro e do Infinitivo Pessoal; j) confusão constante entre o Presente e o Perfeito do Indicativo, na 1.ª pessoa do plural dos verbos *pôr*, *ver* e *vir*; e l) uso de várias palavras e locuções próprias daquela localidade, algumas das quais se podem ver no presente ensaio dialectológico.

NOTAS

(¹) Costumavam estas ranchadas vir no princípio de Novembro (pelos Santos) e regressar à Galiza desde meados de Março. Galegos havia, porém, que se demoravam pelo Douro até princípios de Junho, dirigindo-se então a Castela, a fim de tomarem parte nas ceifas.

(²) É curiosa a proporção existente entre o número de habitantes de origem galega e a totalidade da população de Ervedosa do Douro.

Pelo último censo da população (1921), reconheceu-se ter esta povoação mil e quinhentos habitantes (números redondos).

Ora, por informações fidedignas, colhidas naquela localidade, da boca de pessoas cuja idade ia de 60 a 70 anos, consegui apurar que estas se lembravam da residência ali de cinquenta e quatro galegos, nos últimos cinquenta anos, e que os descendentes ainda vivos dêsses galegos atingem o número de trezentos!

Nos registos paroquiais encontrar-se hão, sem dúvida, os nomes dos que ali casaram ou deixaram descendência. Na impossibilidade de consultar presentemente o arquivo paroquial, limito-me a registar, tais quais os ouvi, os apelidos que mais rescendem a exotismo ou os nomes dos que são dignos de nota como troncos de famílias relativamente numerosas:

Árias — trabalhador rural	11
Camoeira — trabalhador rural	5
Crucho — trabalhador rural	16
Góro — trabalhador rural	0
Lamês — trabalhador rural	5
Loisana — trabalhador rural	1
Massaira — trabalhador rural	7
Maranhau — taberneiro	4
Miragato — trabalhador rural	15
Rey — empreiteiro e, depois, taberneiro	12
Roixo — sapateiro	8
Sandão — pedreiro	4
Vales — trabalhador rural	18
Varela — trabalhador rural	14
Aquilino Leguíssimo — trabalhador rural	7
Bento Galego — sapateiro	4
Bento Galego — taberneiro	0
Bértelo Galego — trabalhador rural	4
Bértelo Galego — hortelão	0
Domingos Rodrigues — proprietário	46
Pedro Fernandes — lojista	40
Romão Gordo — sapateiro	0
Romão Regalo — trabalhador rural	2
Serafim Vasques — trabalhador rural	10
Zé (<> José) Alfaiate Galego — alfaiate	12

Os algarismos indicam o número de descendentes conhecidos pelos meus informadores até à data. Alguns dos apelidos serão, porventura, alcunhas, o que, só pelo confronto

com os lançamentos nos registos paroquiais, se poderá saber. Também muito útil seria a consulta destes registos para se averiguar a naturalidade, o estado, a progénie, etc. Infelizmente, não pude ainda efectuar essa consulta; mas espero poder algum dia realizá-la.

Aquilino Leguissimo casou com uma filha do sapateiro Roixo, também mencionado.

Bértelo virá de Bártolo? de Humberto? de Alberto? Por obsequiosa informação dum amigo, professor, soube eu que, no concelho de Lousada, o povo transforma o nome Alberto em Bértelo. Em Ervedosa, porém, não observei a supressão do *al-* em nenhuma palavra; e sempre ouvi pronunciar Alberto como no português normal.

Como pode verificar-se, dos vinte e cinco galegos, que cito, houve, pelo menos, duzentos, quarenta e cinco descendentes. Digo *pelo menos*, porque é muito provável que, por esquecimento (aliás bastante justificável em quem rememora factos passados há dezenas de anos), tenha havido omissão de alguns que já morreram ou que emigraram de Ervedosa.

E repare-se que todos estes galegos se estabeleceram naquela povoação de meados do século XIX em diante, alguns mesmo já depois do aparecimento da filoxera (1877-1878, segundo informes ali obtidos). Três ainda eram vivos quando comecei a alinhar estes apontamentos.

Quão mais numerosa não seria a colónia galega nos tempos que medearam entre as medidas pombalinas protectoras do Douro e a morte das vinhas pelo ataque da filoxera!

Deviam, pois, ter razão de sobejo as raparigas e os rapazes ervedosenses — os poucos ainda incontaminados de sangue galego — quando, aí por 1875, cantavam a seguinte cantiga — aquelas para se esquecerem do frio na apanha da azeitona, estes para alegrarem a povoação nas *ruadas* nocturnas dos sábados:

« Irvedosa era bô terra,
Se nũ tivera dois êrros:
Passeada de magânos,
Rodeada de galêgos. »

Tendo a população aumentado de então para cá, implicitamente foi aumentando o número de habitantes com ascendência galega. E não é de estranhar que actualmente o número destes seja computado num quinto daquela.

(3) Por exemplo, em Soutêlo do Douro, povoação limítrofe de Ervedosa, pronunciam igualmente *tampo* <> *tempo*, mas, em dadas condições, ditongam os fonemas *a* e *e*. Eu próprio ouvi *quiêbrito* <> *cabrito* e *guiânho* <> *gânho*; e afirmaram-me que lá também dizem *quiabra* <> *cabra* e *quieijo* <> *queijo*. É um caso a estudar.

Em S. João da Pesqueira, sede do concelho e também limítrofe de Ervedosa, ouvi pronunciar *tiêmpo* <> *tempo*, *Sarmiênto* <> *Sarmento*, *Antônho* <> *António* (ervedosense *Antónho*), *dôno* (erv. *dóno*).

Por motivos alheios à minha vontade, não pude fazer destes falares o estudo que tencionava. (Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Esquisse d'une dialectologie portugaise», p. 90 ss.)

(4) Subentende-se, é claro, que, além destes, empregarei todos os sinais e combinações usados na representação gráfica do português normal, oficialmente adoptada.

Por *português normal* entendo a língua falada pelos portugueses cultos e ensinada nas escolas oficiais; por *ervedosense*, o português popular falado em Ervedosa do Douro.

(5) Àcerca das transformações que, no ervedosense, sofre a vogal nasal *ẽ*, cfr. Dr. José Leite de Vasconcelos, «Estudos de Philologia Mirandesa», I, p. 239, n. 1 e «Esquisse d'une dialectologie portugaise», p. 93. 100-101 e 149.

D'ora-avante, quando citar estas obras, fá-lo hei abreviadamente: a primeira, por F. M.; a segunda, por «Dialectologie».

(6) Provavelmente, é por influência desta modificação regular que, em Ervedosa, se pronuncia *intigo* <> *antigo* e *ingorêta* <> *ancoreta* (barril chato).

Sobre este assunto, ver o «Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa» (Fonética-Morfologia) do Sr. Dr. José Joaquim Nunes, p. 60-61, e a «Dialectologie», do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, p. 98.

(7) F. M., II, p. 153.

(8) D. Vicente Garcia de Diego, «Elementos de Gramática Histórica Gallega», p. 65-5.

(9) «Lições de Philologia Portuguesa», p. 473. Para

maior brevidade, designarei este livro por F. P., nas citações subseqüentes.

(10) Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 475.

(11) Cfr. Diego, ob. cit., p. 62 e 71.

(12) Cfr. Diego, ob. cit., p. 64-3. Cfr. também as vogais nasais átonas mirandesas *ã-* (< *ẽ-*, *ĩ-*) e *-ẽ-* (< *-ē-*). Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., 1, p. 237-239.

(13) Diego, ob. cit., p. 21 e 64. O autor indica comumente com ' o som fechado e com ` o aberto.

(14) «Nena em galego significa «menina»; corresponde-lhe *nenno* no masculino «menino». Dr. Leite de Vasconcelos, «De Campolide a Melrose», p. 44, n. 1.

(15) Diego, ob. cit., p. 65, 90 e 192.

(16) Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 339. V. ainda, *ibidem*, p. 475, *maroiço*, *maravilha*. Em *erv.* também encontrei *américano* (carro elétrico e bacêlo), *Mérico* <> *Américo* e *jeração* <> *geração* (Cfr. F. P., p. 150; e, sobre *e* tónico antes de *r*, comparar a mesma obra, p. 470 com o citado livro de Diego, p. 65, n. 1. Cfr. ainda Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 57, e n. 1: *farramenta*, *tarramoto*, etc., e Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 100 e 123).

(17) Diego, ob. cit., p. 64-65.

(18) Loc. cit., p. 65.

(19) Consultar o «Dicionário Galego» de Cuveiro.

(20) Cfr. *õ* aberto, no sub-dialecto *baixo-duriense*. V. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 102 e 149.

(21) Cfr. Diego, ob. cit., p. 85.

(22) O mesmo sucede se estão em contacto *a* e *é*: ex.: *uma i égua*.

(23) Do encontro de *a* e *o* átonos resulta *ò*; ex.: *p'r'ò repaz* <> *para o rapaz*, *ò pai* <> *ao pai*.

(²⁴) Cfr. gal. *renger*. Diego, ob. cit., p. 35, 48 e 112.

(²⁵) Ao tratar das palatais apresentarei mais exemplos.

(²⁶) Cfr. gal. *gesta*. Diego, ob. cit., p. 30, 41, 55 e 86.

(²⁷) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 25, obs. II.

Também se diz *quêdo* <> *quiêto*, em ervedosense, vocábulo de formação anterior a *quêto*, pois ainda sofreu o abrandamento da dental intervocálica. A forma *quêdo* é comum ao galego (V. Diego, ob. cit., p. 169).

(²⁸) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 87.

(²⁹) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 173 e 178.

(³⁰) V. Diego, ob. cit., p. 19, 58, 62 e 111.

Este verbo entra numa locução adjectiva muito usada no ervedosense: quando se diz de alguém «F. é um (ou uma) *nũ vou lá nã ãço minga*» pretende-se significar que «F. é um homem (ou mulher) indolente, sem préstimo».

Minga <> *faltu*, como *uingar* <> *faltar*. Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 146.

(³¹) Cfr. Diego, ob. cit., p. 58, 64, 80, 96-98, 100 e 102, e Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 302 e 463, e «Dialectologie», p. 104.

(³²) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 183-184.

No ervedosense, este último ditongo, quando tónico é sempre nasal completo; ex.: *mão*, *mandarão* sôam, respectivamente, *mãũ*, *mandarãũ*. Como, porém, esta pronúncia é comum ao português normal, represento sempre por *ão* este ditongo tónico, para maior facilidade de grafia e leitura.

(³³) Em mirandês *-rũ*, em galego *-ron*. Cfr. as obras citadas sobre estes dois idiomas, na parte em que tratam da flexão verbal. Acerca desta terminação, cfr. também Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 102 e 137.

(³⁴) V. Diego, ob. cit., p. 31. Nesta mesma página e na 168 veem os nomes galegos citados no período antecedente.

(³⁵) Sobre a redução de *ão* átono a *o*, ver esse mesmo

livro, p. 80, e a «Dialectologie», do Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, p. 110-111.

(³⁶) É crença popular que a não satisfação dêste ardente desejo pode originar uma doença que é designada pela locução «andar ougado».

(³⁷) Nestes verbos, a vogal temática deve, talvez, também ter contribuído para a manutenção inalterada do ditongo *ou*. Cfr. as formas que na Morfologia, cito dos verbos *amuar*, *consuar*, *suar*, e *doer*, *moer*, *roer*.

Sobre a metafonía nos verbos de tema em *e* e *i*, ver Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 290 ss.

(³⁸) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 80.

(³⁹) A manutenção de *ou* em *Oufâmia*, *Sant'Oufâmia*, explica-se por influência do galego *Oufemea*, *Sta Oufemea* (V. Diego, ob. cit., p. 76) e doutros dialectos portugueses, nos quais soa *Ofema* (V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 75).

(⁴⁰) Cfr. gal. e port. popular *vigairo*. V. Diego, ob. cit., p. 37.

(⁴¹) V. «Filologia de la Lengua Gallega», de D. José de Santiago y Gómez, p. 235.

(⁴²) V. Diego, ob. cit., p. 41. Cfr. também Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 119, n. 2.

(⁴³) V. Diego, ob. cit., p. 65.

(⁴⁴) V. Diego, ob. cit., p. 26 e 170; e M. Lugris Freire, «Gramática do Idioma Galego», p. 198.

(⁴⁵) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 126, n. 1.

(⁴⁶) Em gal. *bisabó*. V. as citadas obras de Diego e Lugris Freire, p. 182 e 138, respectivamente.

(⁴⁷) V. Diego, ob. cit., p. 92 e 170.

(⁴⁸) Cfr. mirandês *burméilho* (V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 172 e 289) e gal. *bermello* (V. Lugris Freire, ob. cit., p. 138).

(⁴⁹) Cfr. alentejano *familha*, V. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 111.

(⁵⁰) Deve notar-se que esta forma está de acôrdo com a etimologia, pois deriva do lat. **vir'dia*, segundo o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos.

(⁵¹) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 193, e «Dialectologie», p. 112.

(⁵²) V. F. P., p. 431, n. 7.

(⁵³) Forma portuguesa do séc. x, segundo o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos (V. «Dialectologie», p. 12).

(⁵⁴) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 133-4.^o

Em ervedosense também se diz *carumba* por *caruma* (fô-lhas de pinheiro sêcas). Não a citei no texto, por já ser considerada português normal.

(⁵⁵) Cfr. *cáibaro* <> *caibro*, *queredo* (em exclamações) <> *credo*, *lúcaro* <> *lucro*.

(⁵⁶) V. as ob. cit. de Diego e Lúgris Freire, p. 49, e 75 e 101, respectivamente.

(⁵⁷) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 222.

No português popular doutras localidades encontra-se, igualmente, *tamén*. O Sr. Dr. Leite de Vasconcelos (V. «Dialectologie», p. 119) explica esta síncope pela absorpção do *b* pelo fonema nasal precedente.

(⁵⁸) V. Diego, ob. cit., p. 57.

(⁵⁹) V. «Dialectologie», p. 89.

(⁶⁰) V. Lúgris Freire, ob. cit., p. 15 e 151, *sapo concho*.

(⁶¹) V. Diego, ob. cit., p. 35, 40, 55, 74 e 166.

(⁶²) Classificação do Sr. Dr. J. J. Nunes. V. ob. cit., p. 28.

(⁶³) Cfr. gal. *caje*. V. Diego, ob. cit., p. 39.

(⁶⁴) Cfr. gal. *lingoaje*. V. Diego, ob. cit., p. 58 e 185.

(65) Cfr. gal. *f(e)luge*. V. Diego, ob. cit., p. 35, 39, 69, 70, 166 e 190.

(66) Cfr. port. normal *graxa* <> *graxa*, *coixa* <> *côxa*, etc. V. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 122.

(67) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 60.

(68) V. Diego, ob. cit., p. 34 e 125.

(69) Já depois disto escrito, vi que Garcia de Diego (V. ob. cit., p. 66, n.) é da mesma opinião.

(70) Cfr. gal. *resester* = *resistir*. V. Diego, ob. cit., p. 112.

(71) Sobre estes fonemas palatais, cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 114-115.

(72) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 160, e «Dialectologie», p. 111.

(73) Digo que este vocábulo deriva do primeiro e não o primeiro deste, porque de *gomitar* o povo não faria *gómite*, visto que, no verbo, o *g* é sempre átono e, portanto, fácil de confundir-se com *u*.

Cfr. gal. *gumitar* (V. Diego, ob. cit., p. 62) e *gomitar* (V. Lúris Freire, ob. cit., p. 145).

V. também Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 112.

A propósito, notarei que os ervedosenses também empregam, na acepção de *vomitar*, a locução *lançar fora* ou mesmo apenas o verbo *lançar*.

(74) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 170.

(75) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 20-21 e 206.

(76) Viterbo, «Elucidário»; transcrito pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, no loc. cit. na nota precedente. V. também a «Dialectologie» deste último autor, p. 147.

(77) V. Diego, ob. cit., p. 39 e 63.

(78) V. Diego, ob. cit., p. 183.

- (79) V. Santiago y Gómez, ob. cit., p. 94.
- (80) V. Diego, ob. cit., p. 63.
- (81) V. Diego, ob. cit., p. 20, 31, 37, 42, 77, 171 e 182.
- (82) V. Diego, ob. cit., p. 77, n. 3.
- (83) «Dialectologie», p. 103.
- (84) V. Diego, ob. cit., p. 77.
- (85) V. Diego, ob. cit., p. 19 e 63.
- (86) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 99.
- (87) V. Diego, ob. cit., p. 62 e 186.
- (88) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 296 e 351, e II, p. 116-118, 120 e 210.
- (89) V. Diego, ob. cit., p. 63 e 183.
- (90) V. Diego, ob. cit., p. 63 e 183.
- (91) V. Diego, ob. cit., p. 183.
- (92) Vocábulo comum ao galego. Cfr. Diego, ob. cit., p. 166.
- (93) V. Diego, ob. cit., p. 19 e 63, e Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 123.
- (94) F. P., p. 375.
- (95) V. Diego, ob. cit., p. 19, 62 e 64.
- (96) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 152, e F. P., p. 122.
- (97) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 61.
Em galego também se diz *arrincar*. V. Lúgris Freire, ob. cit., p. 127.
- (98) V. Diego, ob. cit., p. 63, 169 e 183.
- (99) «Dialectologie», p. 123.

(¹⁰⁰) A não ser quando se tem a intenção de os repetir (sentimento do ritmo — V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 156 —, ou processo onomatopaico) como em *cuco* ou nas interjeições *piu, piu, piu, piu!* usadas para o chamamento de aves domésticas, sobretudo dos *pintainhos*. Para chamarem galinhas, também em Ervedosa se emprega, repetida, a interjeição *pelinha!* (Vocábulo formado por influência da terminação de galinha? Mas o povo designa esta ave geralmente por *pita...*).

(¹⁰¹) E talvez esta atracção tenha sido reforçada pela comparação d'êste vocábulo com o nome *castinceira* <> *castanheiro bravo*.

(¹⁰²) V. Lúgris Freire, ob. cit., p. 140. É também forma usada no port. arcaico, pois já aparece na carta de Pero Vaz de Caminha a D. Manuel I anunciando-lhe o *achamento* do Brasil (1 de Maio de 1500).

(¹⁰³) Ob. cit., p. 66. V. também, *ibidem*, p. 180.

(¹⁰⁴) V. Diego, ob. cit., p. 62 e 71.

(¹⁰⁵) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., p. 188.

(¹⁰⁶) Ob. cit., p. 62.

(¹⁰⁷) Acêrca d'êste vocábulo, ver Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 214-215.

(¹⁰⁸) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 189.

(¹⁰⁹) V. Diego, ob. cit., p. 19 e 67.

(¹¹⁰) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 58. Segundo o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, o *-ê* é devido à palatal *nh*, fenómeno que êste filólogo também observou em *Lourinhê*, nome com que os naturais da Lourinhã designam esta localidade.

(¹¹¹) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 475.

(¹¹²) F. P., p. 293.

(¹¹³) Ob. cit., p. 64.

(¹¹⁴) Ob. cit., p. 149, n. 3.

(115) V. Dr. J. J. Nunes, loc. cit. na nota precedente. Outra forma arcaica que perdura no ervedosense é o substantivo *fin*, com o género feminino na locução «*Stamos na fin do mundo*».

(116) V. Diego, ob. cit., p. 68.

(117) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 218.

(118) Também designam por *comédias* (sempre no plural) qualquer representação falada (comédia, drama, tragédia, opereta, etc.) executada por amadores ou por profissionais ambulantes.

(119) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 333.

(120) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 272.

(121) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 217.

(122) Asseguraram-me, em Ervedosa, que esta palavra é um eufemismo de *pediculus capitis*.

(123) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 82.

(124) V. Diego, ob. cit., p. 39, 40 e 67.

(125) Ex.: *Rabaçal* (nome de propriedade rústica), *rabiça*, *rabisco*, etc.

(126) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 216, e F. M., II, p. 212.

(127) «La forme *rezão* se trouve déjà au xvi^e siècle», diz o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, a p. 98 da sua «Dialectologie».

(128) Cfr. Diego, ob. cit., p. 65-5, e Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 57.

(129) Cfr. galego *saloucar* (V. Diego, ob. cit., p. 65 e 73) e *salouzar* (*ibidem*, p. 73 e 169).

(130) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 58, onde se indica esta palavra como pertencente ao português popular.

- (131) V. Diego, ob. cit., p. 68.
- (132) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 219, e «Dialectologie», p. 98. Ai se verá quão vulgar é a dissimilação vocálica em que o fonema *e* substituí a vogal dissimilada.
- (133) V. Diego, ob. cit., p. 183.
- (134) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 219, e «Revista Lusitana», IV, p. 233.
- (135) P. 64, 73 e 170.
- (136) P. 154.
- (137) P. 94.
- (138) V. Diego, ob. cit., p. 182.
- (139) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 125, 126, 142, 144 e 165.
- (140) V. Diego, ob. cit., p. 26, 58 e 184; e Lúgris Freire, ob. cit., p. 15 e 137.
- (141) V. Diego, ob. cit., p. 91; e Lúgris Freire, ob. cit., p. 15.
- (142) V. Diego, ob. cit., p. 165.
- (143) Por influência das palavras em que há o grupo *-dr-* (ex.: *adro*, *vidro*, *pedra*, *medrar*, etc.)? A várias pessoas semi-cultas ouvi proferir *bédros* por *brédos*.
- (144) V. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 123. Cfr. também Diego, ob. cit., p. 63, e Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 56-57.
- (145) V. Diego, ob. cit., p. 65 e 69.
- (146) Diego, ob. cit., a p. 35, 70 e 190, menciona *feluge* e, a p. 12, 35 e 190 da mesma obra, *fluge* (sincope do *e*); Lúgris Freire, ob. cit., a p. 18, ortografa *feluxe*. Como o idioma galego não tem a merecida protecção oficial nem uma literatura

regular e tradicional, nota-se grande instabilidade na forma de o ortografar.

Nas obras a que tenho aludido, Garcia de Diego que admite «la etimologia como critério ortográfico» (ob. cit., p. 11), emprega as letras *g* e *j* para a representação gráfica do fonema palatal correspondente ao nosso *j*, ainda que um pouco diferente, pois para a sua prolação é necessário procurar uma posição intermediária entre as que tomamos para proferir o *x* de *xicara* e o *j* de *já* (Valadares, no seu dicionário representa-o algumas vezes por *ch*). Lúgrís Freire e Santiago e Gómez adoptam exclusivamente o *x* para tal representação; o primeiro diz: «O son do *x* é igual á *ch* francés» (ob. cit., p. 1) e... «debemos de escribir con *x* o son galego semellante á *ch* francés» (ob. cit., p. 12); o segundo, em vários passos do livro citado, compara aquele fonema ao *j* francês — transcreverei alguns: «En los antiguos monumentos de la lengua gallega aparece escrita la *j*, y con igual pronunciación que la *j* francesa;...» «La *x* en gallego es un poco paladial y su empleo en el gallego moderno se debe para diferenciar el sonido de *j* francesa con la *j* castellana» (p. 113). «El sonido de *x*, o sea la *j* francesa, en *Jean, joie, jardin*, etc., y el de la *g* cuando le siguen las vocales *e, i*, como *général, gilet, gendre*, es en gallego *Xoan, xardin, xeneral, xenro*, etc.» «En gallego la *j* o la *g* fuerte, delante de las vocales *e, i*, se representa por *x*, y se pronuncia, como hemos dicho, igual que la *j* francesa e italiana, bien se encuentre en principio de dicción, como *xardin, xente*, ya en medio, como *laranxa, laxe, exido*, etc.» (p. 114). O Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos (F. M., I, p. 438) também diz: «*x* gall. <> *j* port.»

(147) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P. p. 219; e Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 58.

(148) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 189.

(149) V. Diego, ob. cit., p. 67.

(150) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 58.

(151) V. Diego, ob. cit., p. 69.

(152) V. Diego, ob. cit., p. 69.

(153) Cfr. o gal. *fiestra*. V. Diego, ob. cit., p. 35, 41, 69, 166 e 184.

(154) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 25.

(155) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 151.

(156) V. Lugris Freire, ob. cit., p. 143.

(157) V. Diego, ob. cit., p. 182.

(158) V. Diego, ob. cit., p. 175, n. 1.

(159) Outro exemplo de masculinização de apelidos observa-se ainda em *Maleiro* <> *Mêleiro* (< *mel*), nome dado aos filhos duma proprietária que, em Ervedosa, possuía grande número de colmeias (*cortiços*), das quais extraía grande quantidade de mel. Ficou-lhe o nome de *Maleira* <> *Mêleira* e dela passou aos filhos do sexo masculino, sob a forma já exposta.

(160) Talvez também tenha contribuído para isto a influência dos sons vizinhos semelhantes *a a*; contudo acho mais provável aquela explicação.

(161) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 120.

(162) V. Diego, ob. cit., p. 70, e o «Diccionario Gallego» de Cuveiro.

(163) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 198.

(164) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 145.

(165) Cfr. Diego, ob. cit., p. 77.

(166) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 151.

(167) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 210, e as obras citadas de Diego, p. 79, n. 2, de Lugris Freire, p. 27, e de Santiago e Gómez, p. 112.

(168) V. Lugris Freire, ob. cit., p. 115.

(169) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 300, e II, p. 221, onde vem a sua explicação.

- (170) V. Diego, ob. cit., p. 26.
- (171) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 151.
- (172) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 351.
- (173) Cfr. mirandês *retrocido*. V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 300.
- (174) V. Diego, ob. cit., p. 73, 78, 181 e 182.
- (175) V. Lúgris Freire, ob. cit., p. 135.
- (176) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 297, e II, p. 152.
- (177) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 121.
- (178) V. Diego, ob. cit., p. 70.
- (179) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 396.
- (180) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 361, e Diego, ob. cit., p. 152.
- (181) V. Diego, ob. cit., p. 72.
- (182) Ob. cit., p. 35, 42, 49 e 166.
- (183) No port. arcaico aparece a forma *feeytos* <> *fetas*, como pode ver-se na carta de Pero Vaz de Caminha, a que me refiro em a nota 102.
- (184) Faço esta interrogação porque se *-iga* vem de *-ica*, como parece depreender-se do que diz Diego (ob. cit., p. 67), não há epêntese: há apenas abrandamento normal de *-c-* em *-g-*, e, na forma portuguesa *abrótiás*, queda desta consoante após o abrandamento.
- (185) V. Diego, ob. cit., p. 67.
- (186) Ou directamente do árabe *al-motli*, forma que o Sr. Dr. J. J. Nunes dá no seu citado livro (p. 182), a par de *al-mataria* que apresenta na página 164?



(187) V. Diego, ob. cit., p. 114; Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 121; e Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 462-463, e II, p. 107, 122 e 165. Este último procura dar-lhe uma explicação cabal.

(188) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 153.

(189) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 151.

(190) V. Diego, ob. cit., p. 78 e 149; e Lúgris Freire, ob. cit., p. 74.

(191) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 354; e Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 450; para o mirandês *después*, ver esta mesma obra, I, 449-450, e II, p. 184.

(192) V. Diego, ob. cit., p. 70, 76, 165 e 191.

(193) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 153.

(194) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 396.

(195) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 97.

(196) Ob. cit., p. 46, 77 e 183.

(197) Cfr. «História do Museu Etnológico Português» do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, 392-393, *réla* ou *arréla*.

(198) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 319 e n. 4.

(199) V. Diego, ob. cit., p. 30, 34, 39 e 169.

(200) Derivado dêste vocábulo, encontrei o adjectivo *aferanhado* que significa *basto*; mas só ouvi empregá-lo com referência a forragem e a gramíneas. A paragoge do *i* deve ter resultado da influência das palavras que terminam em *-ãĩ* tónico, muito mais numerosas que as terminadas em *-ã*.

(201) Comum ao mirandês. V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 90.

(202) Sobre o *s* paragógico, ver Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 442, e «Dialectologie», p. 143, e Dr. J. J. Nunes, ob.

cit., p. 153 e 360. Acêrca da passagem do *a* a *e*, ver Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie» p. 99.

A-par dêste apelido, há em Ervedosa o vocábulo *Metilde* < > *Matilde* como nome de baptismo. Cfr. o que fica dito sôbre *Madanêlo*.

(²⁰³) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 153; Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 143, n. 1, «Dialectologie», p. 113, 116 e 121, e F. M., I, p. 266 e 268; e Diego, ob. cit., p. 23 e 72.

(²⁰⁴) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 86.

(²⁰⁵) V. Diego, ob. cit., p. 182.

(²⁰⁶) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 152.

(²⁰⁷) Gonçalves Viana, no seu Vocabulário, já dá a forma *gasalho*; e no galego também se encontra *gasallo* (V. Diego, ob. cit., p. 192).

(²⁰⁸) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, 298, e II, p. 196; e Lugris Freire, ob. cit., p. 115.

(²⁰⁹) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 93, obs. I.

(²¹⁰) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 462, e II, p. 224.

(²¹¹) V. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 102 e 119.

(²¹²) Em Ervedosa, ouvi uma vez pronunciar *apotecar* < > *hipotecar*. É possível que o *i*- seja de existência precária na bôca do povo, quando não tenha a reforçá-lo uma nasal ou outra consoante (sibilante, vibrante ou lateral), com a qual forme sílaba.

(²¹³) V. Diego, ob. cit., p. 165 e 180.

(²¹⁴) V. Lugris Freire, ob. cit., p. 154. Como já ficou apontado, a propósito do fonema representado por *j* e por *x*, há grande instabilidade na ortografia do galego. Uns autores preferem o *s*, outros o *z*, para a representação gráfica da sibilante surda, e, por vezes, até o mesmo autor adopta as duas

grafias; ex.: Diego, ob. cit., p. 34, 57 e 169, *sanfona*, p. 19 e 64 *zanfona*; p. 19, *tãnasas*, p. 62 e 64 *tanazas*.

«La pronunciación caracterizada del gallego es *s* por *s* y *z*; todo lo más *z* o bien *s* apical por *z*;... La *z* paladial se representa e pronuncia por *s* paladial», diz Santiago y Gómez, a p. 84 da sua já citada «Filologia de la Lengua Gallega» (Santiago, 1918). Devo, porém, acrescentar que as afirmações dêste último autor não podem ser aceites sem exame prévio, tão deplorável é a falta de critério científico que se patenteia nêsse livro de título pretencioso e enganador.

(²¹⁵) V. Lúgris Freire, ob. cit., p. 138.

(²¹⁶) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 87 e 216, e F. M., II, p. 153.

(²¹⁷) V. Diego, ob. cit., p. 35, 40, 55, 74 e 166.

(²¹⁸) Cfr. Diego, ob. cit., p. 41.

(²¹⁹) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 123.

(²²⁰) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 51, 77-78 e 147; Diego, ob. cit., p. 29 e 166; e Lúgris Freire, ob. cit., p. 136, 145 e 147.

(²²¹) Cfr. *oirégos*, *Stêvo*, *orfo*, a que já aludi.

(²²²) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 149; Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 116; e Diego, ob. cit., p. 26, n. 1.

(²²³) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 122; e Diego, ob. cit., p. 31 e 89.

(²²⁴) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 220.

(²²⁵) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 97.

(²²⁶) V. Diego, ob. cit., p. 92.

(²²⁷) Por metátese (ou síncope) idêntica à de *cadavle* e *misaravle*, já citados. Esta forma intermediária foi por mim ouvida em localidade que não consigo precisar.

(²²⁸) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», páginas 128-129.

(²²⁹) Cfr. Diego. ob. cit., p. 99 e 107; e Lúgris Freire, ob. cit., p. 32 e 34.

(²³⁰) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 127; Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 203; Diego, ob. cit., p. 21, 23, 41, 81, 85 e 88; e Lúgris Freire, ob. cit., p. 146.

(²³¹) V. Diego, ob. cit., p. 185; 92, 185; 35, 39, 70, 166, 190; 92, 185; 39, 62, 63, 166; 185; 58, 92, 185; 30, 39, 190; 21, 30, 190; 92; 185; 30, 33, 39, 88, 190.

(²³²) Ob. cit., p. 74, 136 e 149.

(²³³) Ob. cit., p. 231 e 232.

(²³⁴) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 449.

(²³⁵) V. Diego, ob. cit., p. 71 e 168; e Lúgris Freire, ob. cit., p. 149.

(²³⁶) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 110, e «Dialectologie», p. 124.

(²³⁷) F. P., p. 219.

(²³⁸) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 457, e II, p. 45.

(²³⁹) V. Lúgris Freire, ob. cit., p. 128.

(²⁴⁰) V. ob. cit., p. 229.

(²⁴¹) Plural comum ao galego. V. Diego, ob. cit., p. 41 e 191.

(²⁴²) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 228, n. 3; e Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 170-171, e «Dialectologie», p. 104.

(²⁴³) Cfr. o que, na Fonética, ficou dito sobre a vogal o.

(²⁴⁴) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 101.

(245) Por me parecer curiosa a história desta alcunha, vou reproduzi-la aqui, tal como a ouvi da bôca de pessoas merecedoras de todo o crédito!

— Por ocasião duma festa religiosa realizada em Ervedosa do Douro, o *juíz* (<> presidente da irmandade que promove a festa) convidou para jantarem com êle alguns amigos.

Como, porém, em dada altura do repasto, notasse que os convivas eram mais vorazes do que imaginara, a ponto de nem sequer lhe deixarem alimento suficiente para os criados, lembrou-se de empregar um estratagema para salvar alguma coisa da bôca daqueles *tubarões*. Assim, quando chegou o último prato, anunciou êle em voz alta que após êste viria ainda um *passarão*. Todos supuseram que se tratava dum peru, a ave doméstica maior nesta região, e mal tocaram na iguaria que acabava de ser servida, reservando a voracidade para o *passarão* prometido. Mas, logo que os criados retiraram as travessas, desta vez quási intactas, exclamou o anfitrião galhofeiramente: «Pois, meus senhores! Por hoje, *passarão!*» (*silicet*, sem mais iguarias). Os convivas compreenderam imediatamente o lôgro em que tinham caído; mas, por maior que fôsse a decepção sofrida, julgaram que era melhor associarem-se às risadas do dono da casa e retiraram-se amigavelmente.

A historieta correu de bôca em bôca...

Tempos depois, estando um proprietário rural com os seus obreiros em determinado prédio, quando chegou a hora da merenda notaram todos pesarosamente que esta lhes tinha sido comida por um cão, que descobrira o cesto onde estava guardada. Lembrou-se o proprietário da partida pregada pelo juiz e repetiu a frase: «Pois, meus senhores! Por hoje, *passarão!*» Em má hora a proferiu. Os jornaleiros, azedados pelas exigências do estômago insatisfeito, não levaram a bem a aplicação daquele dito. E, como vingança, crismaram de *Passarão* êste proprietário. Depois, por meio do sufixo feminino preferido dos ervedosenses, formaram o nome *Passaroua* com que passaram a designar a mulher e as filhas do proprietário referido. —

E aqui está como o povo cria nomes.

(246) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 87 e 104.

(²⁴⁷) Estas mesmas locuções se usam na Galiza, como pode ver-se nas seguintes frases: «*A miña nena é mais xeitosa ca mín, e o meu fillo é menos carraxudo ca ti*» (Lugris Freire, ob. cit., p. 28).

Estas formas encontram-se também noutros falares populares portugueses. V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 239; e Dr. Leite de Vasconcelos, «*Dialectologie*», p. 143.

(²⁴⁸) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 235.

(²⁴⁹) Em galego, *coma*. V. Lugris Freire, ob. cit., p. 90. Cfr. também, Dr. Leite de Vasconcelos, «*Dialectologie*», páginas 143-144.

(²⁵⁰) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 234, n. 2; e Dr. Leite de Vasconcelos, «*Dialectologie*», p. 125.

(²⁵¹) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 307, 345, n. 1, e II, p. 191, e «*Dialectologie*», p. 125.

(²⁵²) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 311.

(²⁵³) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 352, n. 1, 354, e II, p. 106, e «*Dialectologie*», p. 128.

(²⁵⁴) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 244 e n. 2; e Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 56, e «*Dialectologie*» p. 131.

(²⁵⁵) F. P., p. 58.

(²⁵⁶) Outro caso de pronúncia popular exacta, em conformidade com a etimologia, é o do apelido *Guedes* que todos os ervedosenses incultos pronunciavam *Guêdes*. Isto, se, como suponho, este vocábulo deriva de **Guīdici*, genitivo medieval de *Guidu*.

(²⁵⁷) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «*Dialectologie*», p. 129.

(²⁵⁸) Cfr. as formas galegas correspondentes (Diego, ob. cit., p. 104-105; e Lugris Freire, ob. cit., p. 11), e mais estas duas frases, numa das quais o *a* é pronome e na outra artigo: «*Él vêu cá pola ver*» <> «*Éle veio cá para a ver*», «*Fui pela carta*» <> «*Fui por a carta*», isto é, «*Fui buscar a carta*».

(²⁵⁹) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 250, n. 3.

(²⁶⁰) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 130.

(²⁶¹) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 302.

(²⁶²) Esta pronúncia já vem apontada pelo Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, a p. 110 e 143 da sua «Dialectologie».

(²⁶³) Estas três formas são comuns ao galego (V. Diego, ob. cit., p. 58, 100 e 101; e Lúgris Freire, ob. cit., p. 35). O Sr. Dr. J. J. Nunes aponta, como pertencentes ao português arcaico e ao popular moderno, as formas *cal* e *canto* (V. ob. cit., p. 94, 141 e 268).

(²⁶⁴) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 131.

(²⁶⁵) Devo aqui dizer que emprego, a respeito dêste tempo, a nomenclatura mais vulgarmente adoptada, embora não concorde com esta designação. A índole dêste trabalho, já de si tão longo, não me permite entrar em explanações sobre êste assunto.

(²⁶⁶) V. Diego, ob. cit., p. 116.

Acêrca das terminações *-ades*, *-edes* e *-ides* do português e do espanhol arcaicos, ver Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 370.

(²⁶⁷) Na verdade, como no Imperativo muitas vezes se não emprega sujeito vocativamente expresso, havia locuções (ainda existentes no português normal) cujo sentido só pela modulação da voz se podia conhecer; ex.: «*Sai daí!*» que tanto pode significar «*Sai vós daí!*», como «*Eu sai daí!*». No primeiro caso, o ervedosense diz sempre «*Saíde daí!*».

(²⁶⁸) A p. 135-136 e 138 da sua «Dialectologie» apresenta o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos as terminações *-aide*, *-eide*, *-ide*, e *-aides*, *-eides*, como empregadas, respectivamente, no Imperativo e no Indicativo Presente, pelo povo do Minho, a-par com as terminações *-ande*, *-ende*, *-inde*, e *-endes*, usadas nos mesmos tempos, em várias regiões de Portugal. Não, estende, porém, estas terminações ao Indicativo Futuro, o que, como se vê no texto, já se verifica no falar ervedosense.

(²⁶⁹) F. M., I, p. 240.

(²⁷⁰) O que não quer dizer que seja privativa dêste falar, pois encontra-se também na linguagem doutras localidades. V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 315, n. 1; e Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 136.

(²⁷¹) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 315, n. 1.

(²⁷²) V. loc. cit. na nota precedente.

(²⁷³) V. Diego, ob. cit., p. 115. Devo, porém, acrescentar que o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos («Dialectologie», p. 133) diz que, nesta pessoa, «au parfait de la I^{re} conjugaison, on ajoute -s, à peu près dans tout le pays, à la voyelle finale, par analogie avec les autres personnes, parce que toutes se terminent par -s.»

Seja-me permitido dizer que só li esta última obra depois de ter redigido o amontoado de notas que constitúi êste pequeno ensaio.

(²⁷⁴) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 34, onde se indica já a retracção do acento na 1.^a pessoa do plural do Conjuntivo Presente, notada na linguagem popular. O mesmo faz o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, a p. 135 da sua «Dialectologie».

Mas, a respeito da 2.^a do plural, diz apenas êste último (ob. cit., p. 136): «Le peuple remplace souvent la 2.^e pers. du subjonctif par celle de l'indicatif.» Ora, nos meus cadernos de apontamentos, só encontro anotado êste fenómeno como observado no verbo *Ir* (V. o parágrafo a êle referente) e, por vezes, na forma negativa do Imperativo (ex.: «*Nũ fazeide isso!*» «*Nũ bobeide at!*», mas «*Nũ vos riãis dêle!*»); o que, todavia, não quer dizer que tal não suceda noutros verbos e em determinadas frases.

A forma que mais me prendeu a atenção foi a rizotónica terminada em -*ãis*, bastas vezes ouvida em frases como estas: «*Quero que façãis isto.*» «*Nũ quero que lo pécãis.*» «*Isso é p'ra que lo déiãis.*»

(²⁷⁵) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 387; Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 35; e Diego, ob. cit., p. 123.

(276) Ob. cit., p. 47 e n.

(277) Sobre estas formas, cfr. Dr. Leite Vasconcelos, F. P., p. 354, F. M., II, p. 301 e 308, e «Dialectologie», p. 88 e 128.

A mesma intercalação se verifica nesta frase: «*Há-des-i-a pôr!*» <> «*Hás-de pô-la!*»

Acêrca de *há-des* <> *hás-de* e *há-dã* <> *hão-de*, formas comuns ao ervedosense e a outros falares portugueses, ver, do autor citado nesta nota, F. P., p. 354, F. M., I, p. 401 e 413, e «Dialectologie», p. 139; ver, também, Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 335, n. 3.

(278) Devo advertir que, com raras excepções, mencionarei apenas as formas diferentes do português normal. Além disto, para poupar tempo e espaço, irão em *itálico*, nos quadros da flexão, tôdas as formas semelhantes às galegas (isto para simples comparação), subentendendo-se que o confronto deve ser feito principalmente com as formas citadas por Diego na parte consagrada à flexão verbal da sua «Gramática Histórica Gallega».

(279) F. M., I, p. 404.

(280) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 97.

(281) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 111, 281 e 282; e Diego, ob. cit., p. 143.

(282) Relacionado com êste verbo, existe em ervedosense o adjectivo *daimôso* (< *dai-me* + *ôso*? Cfr. *dixe-mo*, na nota referente ao verbo *dezêr*) <> *generoso*, *amigo de dar*.

(283) V. Diego, ob. cit., p. 138.

(284) F. M., p. 430-431.

(285) V., dêste último autor citado, F. P., p. 301 e 308, e «Dialectologie», p. 138.

(286) Com esta forma criou o ervedosense a locução «*dí-xemos, dixemos*» (< *dixe-mo*) que significa *bisbilhotice*; ouvi-a em frases como estas: «*Nũ gosto de díxemos, dixemos.*» «*F. anda sempre com díxemos, dixemos.*»

(287) Não consegui ouvir esta forma; contudo acho muito provável a existência dela em frases como esta: «*Eu lamãĩ me dôio (<>ressinto) do mal que me fázãĩ*». *Moêr* e *roêr* teem, nesta pessoa, respectivamente, *môio* e *rôio*.

(288) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 334.

(289) V. ob. cit., p. 348, n. 1. Cfr. também Dr. Leite de Vasconcelos, «*Dialectologie*», p. 141.

(290) Também se usa a forma *puje*, quando leva o pronome enclítico *o* (*a*, *os*, *as*); ex.: «*eu puje-os lá*» <> «*eu pû-los lá*». Nas mesmas circunstâncias, acrescentam à 3.^a pess. sing. um *e* (Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 339, n. 1) ou o *-i-* a que me referi ao terminar as observações à flexão verbal regular; ex.: «*êl pôse-a* (ou *pôs-i-a*) *aqui*» <> «*êle pô-la aqui*».

(291) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 213.

(292) Ob. cit., p. 39 e n. 4.

(293) V. Dr. Leite de Vasconcelos, «*Dialectologie*», p. 142.

(294) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 340, n. 2; e Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 393, n. 3.

(295) Esta forma é comum ao verbo *ir*.

(296) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 341, n. 1; e Dr. Leite de Vasconcelos, «*Dialectologie*», p. 140.

(297) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «*Dialectologie*», p. 110 e 140.

(298) V. Diego, ob. cit., p. 144 e n. 1.

(299) Também é usado o verbo *abonar*, com o mesmo sentido.

(300) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «*Dialectologie*», p. 142.

(301) É isto, em meu entender, devido a ser tónico o ditongo nesta forma.

O mesmo fenómeno se observa em igual pessoa do Ind.-Presente do verbo *vir*.

(302) Relacionado com êste, está o verbo *intretêr* que ouvi empregar como regular, nas frases seguintes e noutras idênticas: « *Intreti-me lá.* » « *Êl intreteu-se a ouvir tocar.* » « *Êls intretêrũ-se a jogar.* » Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 377.

(303) Nas formas dêste verbo que teem *x*, êste sôa como em *xícara*.

(304) Esta partícula já se encontra mencionada na p. 108 da « Gramática Portuguesa Elementar » (2.^a edição — Pôrto, 1901) de José Domingos de Azevêdo, natural de Ervedosa do Douro e tio-avô do autor dêste acervo de apontamentos dialectais.

(305) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P.

(306) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, « Dialectologie », p. 142. Quando aos advérbios *não* e *bem* se segue o pronome *o* (*a*, *os*, *as*), desenvolve-se um *n* antes dêste; ex.: « *Nũ na incertárũ?* » « *Se bãĩ no dixce, milhor o fêz.* »

(307) Esta mesma locução ouvi em Penela da Beira na seguinte frase: « *Nũ foi capaz de lhe meter a gadanha bem feito.* »

(308) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, « Dialectologie », p. 44, n. 2 e 143.

(309) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 354 e n. 3; e Dr. Leite de Vasconcelos, « Dialectologie », p. 143.

(310) Cfr., também, Dr. Leite de Vasconcelos, « Dialectologie », p. 41 e 103.

(311) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, « Dialectologie », p. 143.

(312) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 361.

(313) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, « Dialectologie », p. 144.

(314) Cfr. a formação, no português normal, de *dezasseis*,

dezassete, dezóito e dezanove. V., também, Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 39 e 144.

(315) Ob. cit., p. 154.

(316) Ob. cit., p. 84.

(317) V. «Diccionario Gallego» de Juan Cuveiro Piñol.

(318) Já depois de alinhavados estes apontamentos ouvi esta locução pronunciada *ør'olhai!*, para exprimir admiração de que um facto se realizasse.

Também notei a locução interjectiva *ah! feito!* empregada com a significação admirativa de *ora essa!*

(319) V. Diego, ob. cit., p. 68.

(320) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 461-462, e II, p. 40.

(321) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 421, F. M., I, p. 341, e «Dialectologie», p. 126.

(322) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 90 e 293, e F. P., p. 164.

(323) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 341.

(324) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 125 e 145.

(325) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 125.

(326) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 374.

(327) Cfr. a transformação desta desinência em pronome, no mirandês (V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 40 e 354).

(328) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 293 e 307, e F. P., p. 325. Cp, também com estas frases dum diálogo a que assisti:

« — *Atão a i auga nũ falha?*!

— *Él não!* »

(329) Cfr. *esquécido*, com a significação activa nesta frase: « *F. é muito esquecido* », isto é, « *F. esquece-se muito* ».

Em Ervedosa, diz-se também « *F. é mūto squècido* »; e, às vezes, « *F. é mūto squècediço (<>esquecidiço)* », quando se quer significar com maior intensidade que « *F. é muito atreito a esquecer-se, muito desmemoriado* ».

ÍNDICE DOS VOCÁBULOS

A

a = e	alantejano
abixeiro	aldravão
abrir	aldravar
abrótigas	aldrave
acaijo	aldravice
acipreste	alfazâma
« a cote »	alfonête
açucré	almário
adevertimanto	almazãl
adevêrtir	almotriga
adonde	alquedute
adumar-se	alrotar
« a eito »	alumear
afavorecer	Alvano
aferranhar	alvidar
agonear	Alvira
agora	àmanhê
àgora	« ambos de dois »
agramassar	americano
Àgusto	amerôso(s)
« ah! feito! »	amiúde
-ãl (átona)	a-miúdo
ãicho	àmotolia
-aide(s)	amuar-se
-aije	anagalhar
ãijo	anão, -oua
-airo	Anivle
-âis (átona)	anoz
al-	a(n)tão
alambarar	Antónho
alambrar	antonte
	antre (prep.)

antremôço(s)
 -ão
 apresentação
 apresentar
 apropriar
 aproveitado
 aquecular
 aquegular
 aquêl
 àquêl
 aquestumar
 arrâijo
 arrate
 Arraúl
 arreceber
 arrecuar
 arrelantar
 arriba
 arrigar
 arromedar
 arve
 asqueias
 asquêis
 assantar
 (as)soprar
 estrever-se
 Assunção, -oua
 « às vezes »
 atanrar
 atansilhos
 atopar
 atromantar
 -aũ (átona)
 -aũ (tónica)
 auga
 augårdante

B

bãl
 « bãl feito »
 baldroegas
 bancêlho

banzer
 baranho
 Bárbara
 barrer
 bassoir
 beberichar
 bêdros
 belador
 bêldros
 belusa
 berborêta
 berrão
 berter
 bicabornato
 bisabô
 bisabó
 bitabernaque
 bitabörnaco
 bitabornaque
 bô
 boar
 bober
 bondar
 borborêta
 boua
 brasalicão
 brilhas
 bromêlho

C

ca (comp.)
 ca < > que é
 cadavle
 cadêlo
 cáibaro
 caije
 caijo
 cal, cais (pron.)
 calquer, caisquer
 cambóio
 cancêlo
 cando

canto
capão
cardânho
cartar
casinhôlo
« ca sôl lá »
castinceira
castinheiro
catro
catroçantos
Celestrino
Celustrino
cereija
Cestrino
chamar-se a
cheirête
cheirôso(s)
chêpa
Chica
Chico
chicolate
chiera
chinchinho
chino
côche!
cócras
codêlo
côicho
coirêlo
coive
coland(r)ário
côl(i)dade
cómbaro
comédias
Comprido
condanar
cóngaro
conresponder
consuar
contia
conveniância
conveniançudo

coranta
côresma
corje
córno(s)
côrno(s)
còrttilho
cóses
crapuça
crapuço
c'rer
cuma
cumo
Curato
curjidade
curjidoso
curzidade

D

daimoso
daquêl
dar
« d'arrastos »
dávida
de (enclítica)
« de cote »
« de donde »
dêl
Deluvina
démónho
dereito
« de rompão »
des- (intensiva)
desbulhar
« de scãicha pernas »
desinquêto
desiòlhado
dêsmãicho
desougar
despois
dês-que
« de ver a Deus »
dezer

dixemos-dixemos
doer
« dois tantos »
doitor
donde
dõnezinha
dóno(s)
dromir

E

e (verbo *ser*)
-ear
ei!
-eide(s)
-eiro
êl(s)
e-lho!
-êlo
era < > era (sub.)
« er olhai!
-errichar
-errichinho
êssa(s)
-essissemo
êsta(s)
-ête

F

fanasco
fantesia
fatiga < > fatia
fazer
Fedrico
felor
feluige
fênesim
fênétigo
fêrracho
ferrâl

ferrâicho
ferramanta
ferruige
fertuna
fêteceira
feturar
fêturo
fiarpo
Fieiteira

feito
filhóses
fim
fincha
fol
forje
formantar
formanto
fôrno(s)
Freistavo
fremoso
friesta
friolanto
frũicho
fugir

G

gãicho
gardar
gasalho
gázia
gesta
gomitar
gómito
gorrêta
gorvata
gramasso
Grandão
grandessissemo
grandôrro, -ôrra
grovata

Guêdes		J
gurrinha		Jacindra
		-je
	H	jentar
hástia		jentiaga
haver		jeração
home		jinéla
	I	jinêlo
		jôlho
-i-		
i<>em		L
«i agora»		la(s)
«I canto»		laija
-ide(s)		lamb(a)rête
«I diante»		Lambiqueiro
igal		lambra
igaldade		lambrança
Igualdino		lançol
imbigo		lavoeira
immeroicar		le(s)
impresilho		lêstro
incavar		lêvezinho
incertar		Lisboua
incher		listra
«indas que»		Lixandre
infadónho(s)		lo(s)
ingorêta		lóija
ingquanto		Loimil
ingurrinhar		lôreiro
intigo		louquinho
intrar		lovar
intreter		lúcaro
inxábido		lumioso
inxada		
inxaugar		M
inxuto		má
ir		Madanêla
«i riba»		Madanêlo
Ismelindra		magano
-issemo		«mais de canto»
isso		«mais grande»

«mal o haija»

maleiro

manclitar

«maneiras que (de)»

manhê

manhezinha

manos

mantrastos

masgar

meão, -oua

Mérico

marmurar

meroiço

Metildes

milagre

mim

minga

mingar

mintir

misèravle

moer

mòlzinho

móno(s)

«môr de (p'r'ò)»

mórto, môrtos

-mos

movilha

movilhar

Mumanta

mûto

N

nagalho

nambro

nâna

naquêl

nêl

nha

nóses

nòvezinho

nóvo, nôvos

nũ

númaro

O

«ò depois»

«ò depois agora»

«ò depois antão»

ódio

oirégos

oirina

oitro

ólho(s)

ôlho(s)

-ôlo

óndua

onduar

onte

«ò pa riba»

«ò pa trás»

«ò pa baixo»

orde

orfo

òr'ólha

òr'ólhai

òr'ólhãl

or'ólhe

-ôrra, -ôrrro

òr'úlha

«òs poucos»

ósso, ôssos

-ôto

-oua

Oufâmia

ougar

ouvir

óvo, ôvos

P

Paixão, -oua

pampo

pançoeirada

panêlo

pantomina

pantomineiro

pantomínice

partir

Passarão, -oua

pél

pelinha!

pequerrichinho

pertandante

pertander

pertansão

Pertugal

pertuguês

pessoa

piadade

pindurar

pirula

piu, piu!

píveda

pôço(s)

pôcura

pôcurar

« pontos que (a) »

pôr

pórco, pôrcos

« por i »

« por vê de »

póses

poupado

pôvo(s)

« p'ra diante »

prancípio

preguiceiro

premeter

presante

profeição

profeito

prògunta

pròguntar

promeiro

própiadade

próprio

prove

Q

quecote

queculo

quêdo

quegulo

quelha

quelho

Quelino

quemodar

« que nasce »

quercova

quêredo

questumar

questume

quêto

« que vâi »

quíá!

Quietano

quintura

R

Rabaçal

Rabolêdo

râichada

râicho

râiger

ralo

rebervério

réca, -o

redadeiro

rejestir

repaz

repôlho(s)

repesantação

repesantar

resestir

retrocer

rezão

roer

romandar

romando

romedear
 romedeio
 romédio
 rôr
 Rosaira
 rubar

S

saber
 saluçar
 saluço
 samear
 Sandão, -oua
 Santíssemo
 «sapo côicho»
 sastifeito
 savão
 scãicha
 scairrar
 scairro
 scândola
 scápula
 scontra
 screver
 secorrer
 sécôrro
 selada
 semante
 semanteira
 ser
 sertãl
 sintir
 somana
 sòmantes
 sonoranto
 soparar
 sotil
 sotilizar
 sóto
 spigôto
 spilrar

spilro
 sprança
 sprar
 sp(r)ital
 sprito
 squècediço
 squècido
 -stâis (átona)
 stâmago
 stampoeirar
 stauta
 stepôr
 -stes
 Stêvo
 stordegar
 strovar
 strôvo
 strumo
 suar
 suprior
 suprir

T

tamãl
 tampo <> tempo
 tanazas
 ter
 terra
 terreôlo
 testão
 ti
 tisoiras
 tóijo
 tórto, tôrtos
 trabalhadeira
 tralha
 trabalhar
 trabalho
 trazer
 treceiro
 treminar

tresantonte	vantaneira
« três tantos »	vanto
trêstões	varudo
trevão	velho
trevoada	ver
trévoar	véspera
trocedela	viageiro
trocer	vicá!
tromanto	Vintura
tropesia	vir
truquêsas	você
	vòssemecê

U

-u-		X
ubre		
ulha!	xó!	

« uns cantos »

« uns poucos »

Z

V

vacalhau	-z-
val	zenir
	zernideira

Lisboa.

CELESTINO MONTEIRO SOARES DE AZEVEDO

Licenciado em Filologia Germânica.